



PUC
RIO

FRANCISCO COELHO DOS SANTOS

ADJETIVO E SUBSTANTIVO:

SOBRE O CONCEITO FREUDIANO DE INCONSCIENTE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1984

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N. Chamada: 150 / S237a / TESE UC

Título: Adjetivo e substantivos sobre o conceito de...



0 0 1 8 7 3 5

EX 1-CENTRAL

2223

FRANCISCO COELHO DOS SANTOS

ADJETIVO E SUBSTANTIVO:

SOBRE O CONCEITO FREUDIANO DE INCONSCIENTE

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Carlos Paes de Barros

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1984.

Beld
4305
BB DTCC
13/11/86
18735
UC 11051-1

150
S 237a
FESE UC

no entanto voce tem dados
pastava aquela cartilha mar
Para Catarina,

Para Catarina,

bastava aquela carinha marota,

no entanto você tem dado mais.

AGRADECIMENTOS

- . À Tania Coelhos dos Santos, parceira antiga, que tem fornecido o estímulo e o apoio essenciais para continuar a jornada; eu bem sei que minha dívida com ela é grande, por isso era necessário subverter tudo e tirá-la do lugar habitualmente reservado às companheiras.
- . Ao Prof. Carlos Paes de Barros, que encontrou a dosagem exata entre a orientação exigente e a acolhida generosa, que permite que algo de bom seja produzido; se não consegui chegar lá, isso se deve às minhas limitações.
- . À Roberto Machado, que me apresentou a textos fundamentais e me ensinou a lê-los; que me perdoe se andei fazendo mau uso de seu ensino.
- . A meus alunos, que, talvez sem querer, me aconselharam sempre o quanto é preciso permanecer aluno; nem sempre eu soube seguir o seu conselho.
- . Ao CNPq, que forneceu um importante aporte inicial.

RESUMO

Este trabalho tem um duplo objetivo. Inicialmente, tenta esclarecer o programa metodológico da escrita das histórias das idéias e das ciências em sua forma mais aceita e praticada. Ambiciona explicitar as categorias envolvidas e as operações realizadas nessa démarche metodológica, para, a partir dessas indagações, encontrar uma alternativa que possibilite escapar de algumas das dificuldades com que ela tem se sobrecarregado.

De posse desse procedimento alternativo, pretende investigar os textos freudianos para buscar as condições de possibilidade da formulação do conceito freudiano de inconsciente, mostrando através de que critérios de formação de objeto, de transformação de práticas e de correlação de enunciados, foi possível constituir o conceito tal como o conhecemos e em descontinuidade com os textos anteriores do próprio Freud e dos autores que o antecederam.

ABSTRACT

This work has a double aim. In the first place, it is to clarify the methodology on the way the history of thought and the history of sciences in their more usual form are written. It intends to make explicit the categories involved and the operations accomplished by this methodological démarche so as to, find an alternative that might make it possible to avoid some of the difficulties which overburden it.

Based on this alternative procedure, we investigated the freudian texts, searching for the conditions of possibility that made it possible to formulate the freudian concept of unconscious. Our aim has been to show through which criteria of: 1 - object formation, 2 - practices transformation and, 3 - enunciation correlations, it was possible to constitute the concept the way we know today, in discontinuity with the early texts of Freud himself and of the authors that preceded him.

SUMÁRIO

1	- INTRODUÇÃO	1
PARTE I - O PASSADO E O PRESENTE		
2	- ORDEM E PROGRESSO	11
3	- OUTRAS PALAVRAS	59
PARTE II - A TRADIÇÃO E A RUPTURA		
4	- ÚTEROS E TRAUMAS	108
5	- FENÔMENOS HISTÉRICOS, FENÔMENOS HISTÓRICOS	143
6	- CONCLUSÃO: O SENTIDO CONSENTIDO	201
	BIBLIOGRAFIA	214

1 - INTRODUÇÃO

A Introdução é como Janus: bifronte. Pode olhar, a um só tempo, para o passado e para o futuro; eis porque possui essa possibilidade meio mágica, meio de sonho ou devaneio, de ser dona do que é, além do que foi e do que será. Tudo se passa como se o tempo, habitualmente desobediente de outra cadência que não a sua própria, insolente e inflexível com tudo o mais, se curvasse perante ela, e apenas perante ela, para mostrar sua servidão. Alguém que fosse por demais reverente aos poderes da transcendência poderia desconfiar que isso transforma uma mera coleção de palavras que se enlaçam e se entrecruzam, nem melhores nem piores que quaisquer outras, em uma espécie de divindade dotada de magnífico poder. Não, essa pequena franja do texto é igualmente texto, só que com diferentes dons de encantamento.

Como Janus, ela carrega uma chave numa das mãos e uma varinha na outra. Mas, nem por isso se deve olhá-la com olhar carrancudo, torcendo o nariz para ela somente por que ela borra as fronteiras da temporalidade. Seria uma pena não apreciar todos os seus ardis. Perde quem, rigoroso, não puder ver nela esse delicioso pouco caso pelo que é do devaneio e o que é da realidade, entre o que se desejava que fosse e o que de fato é. Talvez se pense que, porque é começo e fim, devesse ser mais prudente. É que, embora contemporânea da conclusão, ela é introdução. Pode ser que seja essa a razão de sua natureza ardilosa, cheia de surpresas e armadilhas. Início e final, faz dessa tópica extravagante uma ferramenta útil. O lugar que é dela cria a ilusão de coisa antiga, cheirando a mofo, embora ela

possua esse frescor de coisa recente. Mas, como ela poderia saber de tanta coisa se fosse o começo de tudo ?

Abertura, ela fala de um texto que conhece de sobra. De fato, esteve com ele todo o tempo; acompanhou-o passo a passo, presenciou todos os seus avanços e recuos, perdeu-se com ele em seus descaminhos e achou-se, de novo, em seus achados. Na verdade conhece todas as suas fraquezas, pois dele foi companheira fiel e íntima desde o início. Por isso talvez deva ser moderada: nem demasiado loquaz, nem muito reticente; deve contar, com premeditada cautela, os segredos que são dele. E quando falar de seu conteúdo, deve fazê-lo com ar levemente indiferente, algo displicente, sugerindo, indicando, mas sem tirar dele a possibilidade de exercer sua função e desincumbir-se de seu trabalho. Convém que ela saiba adiar o principal, e vitar a tentação de terminar tudo desde logo. Perversa, é necessário que seja capaz de se demorar naquilo que é prévio, manter-se em jogos de esquiva, postergar o que ainda virá; do contrário, tudo se completaria antes da hora.

Não importa que tenha a mesma textura do que introduz — palavras que se cruzam e se entrelaçam —, ainda assim é preciso criar a ilusão de diferença. Em sua ambiguidade original faz imaginar que o texto é uma voluta, fechada sobre si mesma; cinta que começa por onde termina. A Introdução, essa diferença ilusória, seria, então, a fresta por onde se deve entrar para ganhar o direito de deslizar nas curvas da voluta. Curiosa espécie de fresta que deve provocar sendo moderada; suscitar expectativas sendo, entretanto, comedida; instigar curiosida

de ilimitadas, sabendo dosar o que mostra; incitar a indiscreção daquele que a percorre com delicadas insinuações, sem contar o fundamental. Talvez seja essa a razão pela qual parece ter uma viscosidade e uma densidade diferentes da do Texto: não possui nem a viscosidade da demonstração nem a densidade da comprovação.

Mas, nem tudo nela é sedução. Deve existir espaço guardado para um pouco de introspecção; para as contas de dever e haver, feitas com o lápis bem apontado de guarda livros honesto; para o inventário precavido das motivações, de atacado e de varejo; para o balanço meticuloso das perdas e dos ganhos, nem sempre muito equilibrados. Há que haver, portanto, um recanto especial tanto para o "era uma vez" quanto para o "ainda assim, infelizmente". Lugar de exercício de um sincero jus reclamandi que, acolhedor, recebe também a escrituração das intenções. No entanto, apontar uma boa meia dúzia de razões que justificam tanto investimento em papel e tinta; indicar os limites — não raro estreitos — que a contingência impôs; contar nos dedos de uma das mãos os lucros alcançados; tudo isso não será ainda uma estratégia de sedução ?

Esse trabalho resulta de duas séries de questões. Por um lado, as questões postas ao noviço, tão logo ele tem que se enfrentar com seus primeiros clientes. De seu ponto de vista, trata-se de tarefa impossível de ser cumprida e para a qual nem todo o saber do mundo será capaz de fornecer respostas. Esse mal-estar é, entretanto, equilibrado parcialmente pe lo saber prático e experiente dos professores e supervisores.

Bem treinados e diligentes, eles parecem dotados de imensos poderes, possuidores de respostas ágeis e competentes para toda sorte de embaraços. Para o espírito reverente do iniciante, isso não pode deixar de ser confortante e estimulante. Sabe-se bem como estão habilitados para o melhor "entendimento psicanalítico" das mais diversas situações individuais ou grupais, das situações de vida de adultos e de crianças, de adolescentes e de famílias. São compreensivos e pacientes, calmos e perseverantes, na pesquisa do "latente" que dá conta de tudo. Como intervem? Que material utilizam nessa pesquisa? Trabalham com toda destreza com "o aqui e o agora" das situações. Nada de encargos pesados demais com a transferência; a interpretação feliz tem certa autonomia por relação a ela. O importante é poder ser "um bom continente" quando isso é necessário; quanto ao mais, uma boa dose de atividade não faz mal a ninguém: leia-se os florinis que são disponíveis. Um dia, o noviço já meio calejado se pergunta o que isso tudo quer dizer e constata que andou-se estudando psicanálise com o mesmo cuidado com que se estuda panfletos do Dr. Kahanda ou de Madame Zorah, oferecendo seus serviços de ocultismo e de astrologia a preços módicos. A bem dizer, o trabalho desses terapeutas é uma prática sem controle ou fundamento, atravessada de certo número de informações gerais somadas a algum conhecimento psicanalítico de segunda mão. Deles, tem-se a impressão que trabalham ainda com um pouco de introspecção, um pouco de sugestão, um pouco de bom senso prático, imersos na água rala da psicanálise dos livros de divulgação. Aparentemente eles nunca chegaram à Interpretação dos Sonhos.

Questões de outra ordem foram colocadas pela prática acadêmica. Como podem ser ameaçadores esses manuais de história das ciências; em sua majestade, erudição, fôlego e capacidade de síntese, como nos tornam pequeninos e ignorantes. Nem é preciso pedir seus direitos de cidadania, eles os trazem impressos nas capas: História da Psicologia. Vergado sob seu peso, o zeloso professor tenta encontrar na massa enorme de suas páginas o meio de não mentir em demasia para aqueles que são ditos seus alunos. Nessa empresa, luta com insuspeitas categorias admitidas como dadas, sem crítica ou discussão, que regem o devir da psicologia ou de qualquer de seus segmentos, construindo uma história de gosto discutível. Em sua contínua evolução, o saber psicológico não cessou de procurar soluções cada vez mais sofisticadas para aqueles problemas que atormentam o homem desde que ele é homem. De lá para cá, dizem os manuais, tem-se assistido à incansável batalha dos mais nobres espíritos, colocados nos mais diversos pontos de vista, para enfrentar com dignidade a delicadeza e complexidade dessas questões. Não faltarem, portanto, as tentativas felizes, portadoras de alguma verdade, nem os ensaios mal sucedidos ou fracassados que, não obstante, deixaram boas sementes. Ou seja, sob a regência de uma consciência em constante aperfeiçoamento, pode-se estabelecer o fio da continuidade histórica. É assim que certas idéias exibem uma perenidade que espanta: são as verdade que se impõem por si próprias.

Constata-se, afinal, que o que falta aos desavisados terapeutas, o que não entra em suas práticas senão pela porta lateral, está em excesso nos livros de história da sua disciplina.

plina: o inconsciente. Se ele tem a idade do homem e pulula dentro dos livros, está quase ausente dos consultórios como instrumento de trabalho. A excaszez e a fartura precisavam ser melhor compreendidas.

A ambição inicial era a de estudar os momentos que antecedem e sucedem o aparecimento do conceito de inconsciente tal como o é utilizado pela psicanálise. Era preciso ver como ele havia sido tramado, que peripécias estariam envolvidas com sua formulação, que conseqüências teria trazido para o entendimento do fenômeno psicológico, que inovações técnicas teriam sido introduzidas junto com ele. O empreendimento seria efetuado em três etapas: a definição do instrumental metodológico a ser usado na investigação, a consulta às fontes disponíveis acerca do trabalho freudiano nos momentos que antecederam a enunciação do conceito e o rendimento teórico e prático que a noção trouxe para o trabalho dele. Assim, teria sido desmontada a "maquininha" e conhecido seu funcionamento. Não se tratava de fazer uma psicanálise da história da psicanálise, mas de fazer uma história do conceito de inconsciente freudiano, desde os momentos em que ele apenas adjetiva alguns substantivos até o momento em que ele se assume como substantivo.

Mas, esse empreendimento tinha uma estranha natureza. Como um ioiô, por vezes parecia que ele estava numa ascendente e que, em velocidade vertiginosa, corria para dentro da mão. Outras vezes, ele fugia em queda livre, parecendo mergulhar no desconhecimento. Se, em certas ocasiões tudo ficava claro e límpido, o texto seguinte colocava uma armadilha que punha tudo

a perder. Nessas circunstâncias era sempre lamentável ter abandonado a "história psicológica" que centra as explicações nos fenômenos psíquicos que Freud havia experimentado à época de sua enunciação. Também era deplorável ter abandonado as vastas categorias explicativas que apelam para o "espírito do tempo" ou que mostram como tudo já "estava no ar", naquele tempo. Entretanto, uma escolha tinha sido feita, era preciso honrá-la. Evidentemente, pagou-se caro pelo compromisso: as mais diversas amputações tiveram que ser feitas. Um trabalho que se a tinha aos textos e que se negava a procurar auxílio não autorizado por eles, tinha que ser um trabalho minucioso, quase preciosista, que se demora nos enunciados e indaga sobre suas regras de formação e sobre os conteúdos a que se referem e sobre os conceitos que manipulam. A terceira etapa foi, então, reduzida drasticamente, passando a figurar como conclusão. Jamais foi tão evidente o inacabamento essencial de trabalhos como esse. Por outro lado, jamais teve tanta vitalidade o que se costuma dizer das dissertações: escrevê-las é uma arte, "a arte de deixar de fora".

A psicanálise e a história possuem muito em comum. Dentre essas afinidades, duas são especialmente perigosas e, somente a duras penas, foram evitadas (talvez nem sempre com sucesso): ambas são muito loquazes e vorazes. As dificuldades crescem, contudo, uma vez que essas características costumam estar juntas, ou seja, nos dois casos fala-se bastante, escreve-se proporcionalmente ao que se fala. Com isso, tanto uma como a outra não cessam de inventar novos domínios e incorporar novos territórios; com exuberante desenvoltura, uma e outra aban

donam seus lugares de origem e iniciam suas diásporas pelo universo do conhecimento e das práticas. Como cefalópodes de longos tentáculos elásticos, ainda por cima de uma particular espécie nômade, conseguem alcançar distâncias surpreendentes, indo chafurdar mesmo os confins mais afastados. Vez por outra uma invade o território da outra. Resultado: ou se escreve histórias de inspiração psicanalítica (o gênio, sua vida e suas criações; as crises criativas e os conseqüentes insights; as tomadass de consciência que seguem as sucessivas denegações; o aparecimento de novas formas de consciência depois de tanta insistência com o familiar) ou se enxerga a psicanálise através das lentes de categorias históricas tradicionais (a "filosofia" de seu tempo, os fatores sócio-econômicos, os grandes acontecimentos políticos, os problemas étnicos ou de classe). Os produutos são sobejamente conhecidos e se encontram instalados em belos volumes que não raro disputam lugar nas prateleiras das bibliotecas com o mofo, a poeira e as traças. Tratava-se de evitar essas alternativas e, para isso, era necessário só dar crédito aos textos freudianos, sem muita preocupação com a "leitura" do momento, muito embora freqüentemente fosse atraente aderir a ela e a proximidade com ela fosse grande. A ascese necessária não tinha sido feita. Decorre daí que a afiliação a essa ou àquela corrente de entendimento foi decididamente — tanto quanto isso ainda é possível — impedida. Nova dificuldade: a edição completa disponível em português deriva da tradução inglesa tão conhecida e criticada. Ora, os enganos da tradução da tradução já foram cantados em prosa e verso, donde a única maneira de fugir da dupla traição era cometer uma só, lendo o

original em alemão. O semi-analfabetismo cuidou de interditar essa possibilidade, a não ser por eventuais consultas a uma in completa edição de bolso da coleção conhecida como Fisher Taschenbuch Verlag. Assim, aqui ou ali, com enorme dificulda de, tentou-se neutralizar os equívocos do tradutor inglês mais os do brasileiro. Um outro estratagema, nem sempre à mão, foi o de consultar as traduções francesas dirigidas por Laplanche, invariavelmente muito rigorosas e bem cuidadas do ponto de vis ta meramente lingüístico.

Esse é um capítulo à parte, pedindo para se pronun ciar. A assim chamada "Standard Edition" tem um mérito inegá vel: o de ter-nos dado uma versão completa da obra psicológica freudiana. No entanto, isto não a deixa ao abrigo de críticas geralmente ácidas quanto à escolha dos equivalentes ingleses dos termos em alemão e quanto às motivações — a "ideologia", di gamos — dessa escolha. Em maior ou menor grau, com mais ou menos intensidade, Strachey tem sido agraciado com dureza pelo julgamento dos especialistas. As traduções de Trieb por instinct, Verdrängung por repression, Besetzung por cathexis, Ich por ego, Fehlleistung por parapraxis, são bons exem plos. Em certos casos o equivalente definitivamente não equi vale, em outros a criação de um termo era perfeitamente desne cessária pela existência de terminologia adequada no léxico; en fim, por diferentes critérios de avaliação, Strachey mereceria reparos. Ele próprio não teria se sentido seguro de certas opções, como demonstram algumas justificativas que se encontra aqui e acolá. (Veja-se, por exemplo, a nota 2 da página 76 do volume III da Edição 'Standard' Brasileira). Afora isso, flu

tuações costumeiras: Schicksal pode ser vicissitude — e sem admitir contestações —, mas pode ser destino, como ele o faz por, pelo menos, três vezes no "The Unconscious" (Cf. S.E. XIV, 187 ss.), ou Vorstellung que pode ser alternativamente idéia e representação. Maiores problemas são os que atormentam os autores cuja língua original é o alemão, como é o caso de Bettelheim em sua publicação recente, Freud & Man's Soul, para quem a tradução inglesa leva às piores conclusões, tanto em relação a Freud quanto em relação à psicanálise. O ideal, portanto, teria sido recorrer às Gesammelte Werke. Na impossibilidade, o "Vocabulário" foi a salvação. Atento e bem informado, satisfez com sobras sempre que foi solicitado.

Nas províncias do empirismo e da dedução acorda-se cedo e trabalha-se muito. A jornada de trabalho é longa, árdua e cansativa, razão pela qual o descanso tem que vir com o entardecer. Conseqüência: convive-se muito pouco com aquela coruja que só alça vôo no cair da tarde. Hábito saudável para camponeses simplórios mas não necessariamente para bons historiadores. Aqueles, sócios da natureza, fazem bem o que fazem a justados ao horário do sol e segundo seu relógio, estes, para fazer o que fazem tão bem quanto os outros, deveriam estabelecer maior cumplicidade com o sábio pássaro, convivendo mais com ele. Não que a luz do sol seja demasiado forte para seus olhos, mas, como o crepúsculo e o cair do sol têm lá seus encantos, talvez fosse útil aproveitá-los e, por acréscimo, fazer da coruja uma parceira mais freqüente. As agruras da rotina diária nos impediram de repetir o procedimento desses homens, forçando-nos a começar o trabalho sempre depois do escurecer. Mas, infelizmente, no nosso caso, isso não dá aval de sabedoria.

I - PARTE

O PASSADO E O PRESENTE

2. ORDEM E PROGRESSO

Se é verdade que não se pode tudo conhecer, então o historiador deve ser, por dever de ofício, desobediente por excelência: o conhecimento mais completo e abrangente é sua meta. Em nenhum outro lugar se falará de "vontade de saber" com mais propriedade. É que ele necessita de matéria bruta em abundância para poder retirar o ouro puro de seu conhecimento, de vez que o sucessivo é por demais traiçoeiro e enganador. O documento que o atesta, aquele que detem os mais íntimos segredos dos fatos, é tão loquaz quanto silencioso e só revela seus mistérios aos que possuem a paciência chinesa que permite deslizar, sem atropelos, sorratamente, entre suas linhas, indo a todos os seus recantos, todos os seus confins, ali onde um se cruza com o outro que não é mais que seu complementar e que deve ser percorrido do mesmo modo (1). Somente àqueles que não se perturbam com essa natureza caprichosa e fugidia é concedido o poder de dar sopro de vida ao passado. Talvez um historiador jovem não seja um bom historiador. História dos acontecimentos sociais e políticos, das instituições, das idéias, pouco importa. Não que o continente da História seja uma terra de velhos, que só eles possam ter um bom desempenho nesse ofício, mas, para se assenhorar da Memória, convém ser cauteloso e erudito; nada de despreparo ou arrebatamento. Também aqui dir-se-á que a idade é boa conselheira.

(1) "Basta deixar-se de algum modo levar pelos documentos, lidos um após o outro, tal como se nos oferecem para ver a corrente dos fatos se reconstituir quase automaticamente". HALPHEN, Louis. Introduction à l'Histoire, citado por BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a História, São Paulo, Perspectiva, 1978, p.46. Vê-se bem como é a perseguição da verdade histórica.

O passado é aparentado com a memória e o domínio da história é aquele de um tempo que já se foi e que deve ser reconstituído tão meticulosa e perfeitamente quanto possível: os ciclos de miséria, fartura e guerra; os governantes, suas peripécias e seus governos; os problemas que um tempo se coloca, suas idéias e as soluções que encontra; as civilizações, suas conquistas e seu outono. A passagem irruptiva do tempo, com a brutalidade que lhe é específica, deixa marcas atrás de si, deixa uns tantos sulcos e uns tantos vincos que testemunham os eventos; todo o trabalho - mas também todo o desgaste - do historiador consiste em seguir essas marcas, transitar por dentro dos sulcos e equilibrar-se sobre os vincos para, então, tirar o passado da escuridão e do desconhecimento. O wie es eigentlich gewesen (2) conselho prudente de mostrar apenas o que realmente se passou, cauciona esse incansável trabalho de restauração. Entretanto, será possível restituir as luzes e as cores, fazer reaparecer as figuras e as superfícies, reavivar os espaços e as massas que o tempo levou consigo? O restaurador tem a seu favor todo um conjunto de linhas, volumes e formas que, embora esfumaçados pelos anos, insistem em sugerir a feição original da obra. Entre o que ela foi e o que é persiste uma espessura que aprisiona o artesão, impedindo-o de acrescentar um traço, de suprimir um plano. Toda fic

(2) "Conferiu-se à história a função de julgar o passado, de instruir os contemporâneos em benefício dos anos vindouros. A presente obra não tem objetivos tão ambiciosos: quer simplesmente monstrar como isso se passou na realidade". VON RANKE, Leopold. Geschichte der romanischen und germanischen Volker von 1414 bis 1514, citado por SCHAFF, Adam. História e Verdade, São Paulo, Martins Fontes, 1983, p. 102n. Aparentemente a lição de modéstia de Ranke não teve vida longa nem atingiu a todos os seus colegas: cerca de um século mais tarde, alguém se dedicou exatamente à tarefa de "julgar o passado e instruir seus contemporâneos em benefício dos anos vindouros". Basta ler HEILBRONER, Robert L. O Futuro como História, Rio de Janeiro, Zahar, 1963.

ção está interdita, todo devaneio proibido, exceto aqueles as sinalados, ainda que de modo nebuloso, na própria carne da obra. A rebeldia indiscreta do talhe próprio e a criatividade inadvertida do estilo estão vedadas pela densidade do vestígio, pelos signos renitentes ainda registrados: ser artista é o risco do ar tesão. E quanto ao historiador em sua faina, deverá procurar re síduos - algum contorno, algum perfil - em que se assegurar? Deverá confiar em seu olhar já tão cansado e gasto? Como restabelecer um tempo que não é seu? Nem ubíquo, nem omnitemporal, como se colocará ao abrigo da ficção e do devaneio? (3)

Nada disso nos amedronta. Parece que desde Heródoto e Tucídides o apetite de história não parou de aumentar. Apetite incomensurável, talvez não seja mesmo possível saciá-lo; nada es tá a salvo de suas presas e de sua saliva: os acontecimentos, as práticas, as mentalidades, as técnicas, os saberes, as ciências, há sempre um resto não historiado a apetece-lo e, quando dá conta desse resto, observa-se que algum outro, não menor, está a esperar. Verdadeira tarefa de Sísifo. Assim, a história, essa disciplina omnívora, enxerga em cada ínfimo fenômeno um petisco a

(3) Evidentemente essas são questões cruciais do "fazer história" e, por excitantes que sejam, aqui não é o lugar para enfrentá-las. Isto seria assunto de outro trabalho. Além disso, - e certamente a cumplicidade dos historiadores de profissão não se fará esperar - toda uma outra competência é exigida para entrar no corpo a corpo com questões tão fundamentais. Os historiadores não têm podido, entretanto, se furtar de encará-las. Muitos, aliás, têm se dado conta do que está em jogo nessas perguntas, ocupando se de - ou ao menos tentando - respondê-las. Veja-se, por exemplo, DRAY, William. Filosofia da História, Rio de Janeiro, Zahar, 1977, ou, mantendo uma considerável distância, SCHAFF, Adam, op. cit. Uma terceira alternativa é a encontrada pela "nova história", da qual se tem uma boa amostragem nos três volumes de LE GOFF, J. e NORA, P. História: novos problemas, novos objetos, novas abordagens, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.

saborear, um "a mais" a anexar (4). Não há, portanto, tempo a perder: existe sempre algo de fascinante - um acontecimento - que atrai e provoca curiosidade, como se pedisse para ser explicado. É suficiente tocar os documentos, achar os registros e, logo, atracar-se com eles para que comecem a surgir os fragmentos, os detalhes do que será uma história. Partindo dessas miudezas ainda sem muito sentido, é preciso caminhar retroativamente até o momento em que tudo isso foi gestado (examinar as causas, próximas ou remotas), ouvir seus ruídos quando apenas balbucia acompanhar seu desenvolvimento ulterior (observar o curso da evolução) e, afinal, interrogar seu destino, sua sorte (fazer as previsões possíveis).

Na ponta de um olhar curioso e astuto está um acontecimento e, em seu prolongamento, a origem: basta um pouco de aplicação e não se perde esse frescor matinal; um pouco de perseve-

(4) Não raro isso responde a uma demanda: "Todo aquele que vive muito acima do nível animal recorre constantemente às lições da história. Sim, porque toda experiência, seja ela registrada ou simplesmente recordada, é na realidade história. Ao tratar das doenças, o médico moderno faz uso da medicina histórica. (...) o advogado ao defender o seu cliente e o magistrado ao julgar uma causa reportam-se aos precedentes estabelecidos em litígios análogos durante um período de decênios ou mesmo de séculos. O homem de negócios se deseja evitar grandes perdas, deve tomar em consideração as tendências do mercado e as flutuações do ciclo econômico durante um período de considerável extensão. Todas essas pessoas e um sem número de outras se sentiriam tão impotentes quanto um navio sem leme nem velas se não fossem as 'lições' da história". BURNS, Edward McN. História da Civilização Ocidental, Porto Alegre, Globo, 1970, p. 1009. Todavia, a pletora de saber histórico pode ser examinada com bem menos simplicidade se observada pelo lado da oferta. Basta ver - um exemplo entre muitos - LE GOFF, J. e NORA, P. História: novos objetos, op. cit., onde se pode encontrar textos muito interessantes que tratam do clima, do livro, do corpo, da cozinha e de outros temas aparentemente sem história e outrora estrangeiros a seu território e que passam a ocupar cada vez mais espaço nas preocupações dos historiadores de profissão.

verança para seguir os primeiros passos, ainda vacilantes; com alguma obstinação se pode acompanhar de perto todo o desenho da evolução (5). Convém prestar atenção a cada mudança de curso, a cada hesitação, a cada recuo. Nenhum desvio, nenhum deslizamento, deve passar despercebido; uma parada pode ser estratégica, não há lugar para descuidos; uma reviravolta, um retrocesso, nada é desprezível. Atenção às minúcias; arditosas, elas podem esconder segredos. Os enigmas, as ambigüidades, esses focos de incompreensão devem ser desalojados do pormenor em que se hospedam (6). A opinião, diz-se, é livre, mas os fatos são sagrados.

As justificativas são supérfluas. Afora uma curiosidade tão antiga quanto o homem, tem-se como certo que o melhor co-

(5) É bem conhecido o livro de Huizinga sobre a Idade Média. Ele possui o título atraente de "O Outono da Idade Média" (Herbst von Mittelalter), contudo, recebeu, em português, um outro bem menos elogiável: "O Declínio da Idade Média". Inevitável entrever nessa tradução um gosto um tanto discutível pelas ascensões e declínios, postos em voga por autores como Gibbon, Spengler e Toynbee. Não sem engenho, esses peso-pesados do métier terminaram por criar um hábito de pensamento que, para contornar dificuldades teóricas e práticas se agrada muito de fazer recurso a essas e outras metáforas de tipo evolucionista. Tudo se passa como se categorias desse tipo fossem um excelente coringa do baralho com que se joga a história. Toynbee, é sabido, elabora um pesado "estudo de história" que se propõe explicar o devir das civilizações desde o momento em que nascem!

(6) Alguns historiadores ficam indignados com a afirmação de que "tudo teria sido diferente se o nariz de Cleópatra fosse mais curto". Indignação de lado e cabe perguntar o que significam perguntas como: se Drouet não tivesse parado sua carroça na ponte de Varrennes, Luiz XVI teria podido escapar, mudando o curso da História? E se Lincoln tivesse se resfriado naquele dia e não tivesse saído de casa? Ao que tudo indica, a questão do "se" em história não tem nada de negligenciável. Chega-se mesmo a dedicar diversas páginas, capítulos, na discussão dela. Esse é o caso de HOOK, Sidney. O Herói na História, Rio de Janeiro, Zahar, 1962, onde se encontra um capítulo que cuida do problema. Investigar o significado dessas indagações talvez deva ficar para outra ocasião, mas é indiscutível a importância da minúcia para esse "fazer história".

nhecimento do presente não se alcança sem o imprescindível conhecimento do passado. É ele que, dono das reservas mais preciosas, troca confidências com os zelosos filhos de Clio para que tenhamos ciência do que somos, do que sabemos, do que pensamos (7). Eis porque todo cuidado é pouco. Quando se trata de restabelecer a diacronia, não se pode ser afoito, do contrário torna-se impossível distinguir o essencial do acessório; mesmo com relação ao essencial, toda ponderação é pouca: essa é a ocasião de avaliar o que é mais prioritário, o que tem peso específico mais elevado, o que terá maiores consequências. Sem essa cautela, uma justa hierarquia corre perigo. Isto ainda não é tudo: depois de separado da ganga do secundário, depois de delicadamente graduado, o fundamental tem que ser encadeado conforme a cadência do tempo e os rigores do calendário. As sucessões assim estabelecidas têm diversas potencialidades, entre as quais a mais importante consiste nessa capacidade de, formando um "conjunto de acontecimentos intrinsecamente relacionados, onde não se tolera lacuna alguma", exibir as conexões que os unem. Dito de outro modo: tão logo eles são ordenados na direção da correnteza do tempo, os laços de solidariedade que os ligam começam a perder sua opacidade e se alcança a lógica interna que os norteia. É como nos proces

(7) Nada de equívocos: que ninguém veja nesse texto uma sugestão de que a idade da história se confunde com a do homem. "Em todo caso, o nascimento da história - do texto que visa introduzir a inteligência do presente pela inteligência do passado próximo ou longínquo - é concomitante ao aparecimento do Estado que joga os deuses para o alto e institui um outro poder, o do homem (isto é, de certa classe de homens). (...) O nascimento da história com pretensões científicas data do início do século XIX (ou, melhor, da metade do século XVIII)". CHATELET, François, A História, in CHATELET, François. (org.) A Filosofia das Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Zahar, 1974, pp. 194-195.

sos de cristalização: das entranhas de uma solução, de dentro da desordem que lhe é própria, surge, sob o efeito de uma lógica implacável e invisível - não obstante cognoscível - a magnífica construção do cristal. Primeiro se forma o gérmen e, logo em seguida, em torno dele, a sofisticada arquitetura se erige; de pronto se pode observar as refinadas torres góticas que brotam da base maciça; o conjunto: uma impecável edificação submersa na solução que a tudo originou. (Desnecessário mencionar o quanto esse saber mudo da Natureza fascina o estudioso; o quanto atrai sobre si o olhar reverente dele). Complexa e ordenada, a arquetônica dos fatos rouba o espaço ao aglomerado confuso das singularidades, dando formato regular a uma coleção de elementos outrora resistentes a toda tentativa de sistematização. As causas e seus efeitos, indiscerníveis enquanto embaralhados, como que ausentes na Babel de então, começam a se separar e se diferenciar, tomando as feições harmônicas e os contornos nítidos de onde emana o entendimento. Ali mesmo onde antes reinava a bagunça que é fruto da pura dispersão, a ordem vai se impondo soberana, e o lugar que era abusivamente ocupado pelo desconhecimento vai sendo, pouco a pouco, preenchido pelo explicado e pelo compreendido. Daí nos terem ensinado que "quando o historiador sabe o que aconteceu, já que sabe porque aconteceu". Na História como na Natureza, a lógica, se impõe e o conhecimento põe coisas no lugar: onde esta-

va a desordem, ali aparecerá a ordem (8).

No âmbito dessas disciplinas chamadas de histórias das idéias, do pensamento, das ciências, os problemas e os procedimentos são análogos aos de seus colegas da história dita geral. Os primeiros dificilmente moldam seus instrumentos de trabalho - aliás eles quase nunca são "profissionais"; geralmente essas histórias são feitas pelos eruditos de todas as qualificações, pelos filósofos ou, menos freqüentemente, pelos próprios cientistas em suas horas de folga. Como regra, eles recorrem aos últimos para que forneçam os instrumentos de suas práticas; assim, herdam também as questões e as dificuldades. Lá como cá, há que fazer um cuidadoso inventário do passado para compreender o presente: não se conhece o mais recente sem saber de onde ele veio, isto é, sem conhecer o mais arcaico. É inevitável, portanto, valer-se do documento. No entanto, é próprio do documento ser taciturno e cheio

(8) Todavia, compreende mal quem pensa que o continente da história é banhado por mar sempre azul e calmo; que lá o clima é ameno, a terra é fértil e o rio piscoso; que essa é alguma terra da promessa onde tudo é abundante e fácil. De muito tempo para cá começaram a surgir dúvidas a respeito da crença de que os acontecimentos se ajustassem uns aos outros como peças - por certo muito numerosas - de um quebra-cabeça excessivamente complicado, mas que, à medida que fosse sendo montado, passasse a exigir as peças que ainda faltam para preencher seus vazios. Talvez não haja mesmo essa figura que vai surgindo aos poucos e que a astúcia do historiador vislumbra muito antes que ele se complete. Talvez toda a démarche dele seja pontuada de armadilhas. Assim, freqüentemente não se tem como abrigar numa única seqüência todos os eventos. Dísparos, eles parecem recalcitrantes à sucessão, à ordenação coerente. Nesses casos, que ligação se pode estabelecer entre eles? Que laço, que liame os une? Que garantias se terá de que a ligação encontrada - caso se consiga - é necessária? Como se assegurar de que a cadeia constituída não carrega, de carona, nenhum fato estranho ao conjunto? Diante disso, é possível enunciar a lei que os atravessa? Se um véu diáfano de dúvidas, incertezas, ignorâncias, esconde a lógica do conjunto, qual pode ser a significação dele? E, decerto os problemas não param por aí; pode-se sempre multiplicá-los.

de artimanhas. Não é nada fácil fazê-lo falar: precisa-se saber lê-lo, tirando cuidadosamente a poeira depositada que impede a melhor visão; tem-se que foliar vagarosamente as páginas amareladas e muito amassadas sem se perder em suas dobras. Com esses "velhos de boa memória", cheios de manhas e manias, toda habilidade é pouca. Precisamos interrogá-los no que dizem, mas também o que significa o que enunciam; não podemos evitar de indagar se o que dizer é verdadeiro, mas também que garantias nos oferecem de sua franqueza; é necessário arguí-los sobre a abrangência do que nos informam, mas também sobre sua ignorância. Ou seja: não basta ouvir o que eles têm a dizer, é fundamental inquiri-los acerca de sua boa fé, de sua autenticidade e de sua instrução. Aparentemente o artigo, o livro, a conferência, os manuscritos, a correspondência e a biografia autorizada são bem menos ardilosos que os decretos, as leis, os tratados, os registros notariais e eclesiásticos, a correspondência oficial e as autobiografias. Num caso como no outro, trata-se de papéis cheios de verdades e de surpresas, porém, no primeiro deles, parece que as dificuldades são menores. Talvez seja isso que nos encoraja tanto e faz com que, ao correr da pena, comecem a surgir os majestosos volumes das histórias da filosofia, do pensamento psicológico, da biologia. Ocupando o volume desse paralelepípedo que é o livro, as numerosas páginas vão se sucedendo com a mesma fluidez da narrativa que contêm; dentro delas, palavras que se cruzam, vão formando a trama apertada que nos mostra como chegamos a pensar aquilo que pensamos, a cogitar aquilo que cogitamos, dizer aquilo que dizemos, conhecer aquilo que conhecemos. Abrindo o corpo que ele constitui, pela fenda é possível ver as vísceras: os grandes nomes, as datas mais importantes, os fatos primordiais, o

conjunto do pensamento, as implicações significativas, tudo está aí, dotado de uma transparência sem igual, permitindo logo que se perceba a grandeza e a coerência de uma teoria; a potência, mas as limitações de um pensamento; a novidade que um gênio introduz, mas as filiações e as heranças em que se funda seu ativismo, enfim, aí estão os autores e sua produção dissecados, com o coração à mostra.

Se toda atividade cria para si um jargão, não se poderia esperar que essas histórias fizessem exceção. Seja pela aneção pura e simples de palavras do léxico (mais ou menos deformadas em seu significado conforme a necessidade), seja pela importação de termos de outros campos (de modo metafórico ou não, na dependência do jogo expressivo), seja pela criação de uma gíria original, os historiadores constituíram para si um vocabulário que merece ser examinado com um pouco de paciência. Certamente ninguém argumentaria contra o fato de que se não se toma um banho de imersão no código deles, corre-se o risco de prejudicar seriamente a compreensão de seus textos; que é indispensável desmontar suas noções para ver como é que funcionam e que seria temerário fazê-lo com pressa. Mas, pior que isso: os epistemólogos, intransigentes, de dedo em riste, nos apontariam os perigos de atravessar com ligeireza esse glossário, de vez que as disciplinas históricas não podem, de modo algum, estar orgulhosas de

seus estatutos epistemológicos (9).

Em seu afã, os historiadores, sobretudo os das idéias e das ciências, ocupam grande parte de seu tempo e investem muito do seu esforço na pesquisa das origens. Isso está patente no uso continuado da noção e sugere a preocupação com o conhecimento desse momento privilegiado em que, porque algo é enunciado pela primeira vez - ou mesmo sugerido -, pode-se encontrar o dito em sua pureza original. Lá está sua aurora borealis. Se os encadeamentos históricos estão intrinsecamente relacionados um ao outro e "não se tolera lacuma alguma", então essa é a mais intollerável. Tudo se passa como se restasse sempre um resíduo de incompreensão, quando se tivesse dúvidas a respeito da origem de determinada idéia. Nesse caso, ter-se-ia que inventar uma. Por causa disso podemos nos acalmar e procurar sem afobação esse instante todo especial, na certeza de que o encontraremos. E, de fato, é o que ocorre: do minúsculo interesse por um assunto ao

(9) Muito embora isso nem sempre tivesse abatido os historiadores. Pelo menos é o que se depreende dessa passagem de Marrou, que vale a pena ler: "O 'sentido histórico' torna-se uma das características específicas da mentalidade ocidental. O historiador reinava então, e toda cultura estava presa às suas sentenças: era a ele que cabia dizer como se devia ler A Ilíada, o que era uma nação (fronteiras históricas, inimigo hereditário, missão tradicional) - e dar a última palavra sobre a divindade de Jesus... Sob a dupla influência do idealismo (o cristinismo 'ultrapassado', os cristãos reduzidos a uma minoria tímida, a cujo respeito não se imaginava que tinha que ser irreduzível, o pensamento 'moderno' era senhor do terreno): desta vez o historiador sucedia ao filósofo como guia e conselheiro. Senhor dos segredos do passado, era ele que, como um genealogista, trazia à humanidade as provas de sua nobreza, e retraçava o caminho triunfal de seu Devir. 'Fora de Deus, o futuro estendia-se em meio da desordem': só o historiador estava em condições de conferir à utopia um fundamento racional, mostrando-a enraizada e de algum modo já crescendo, no passado. Au gusto Comte podia escrever com ingênua ênfase: 'A doutrina que tiver explicado suficientemente o conjunto do passado obterá, de maneira inevitável, em consequência apenas dessa explanação, a presença mental do futuro'". MARFOU, H.I. Sobre o Conhecimento Histórico. Rio, Zahar, 1978, p.12. E se equivoca quem pensa que o autor se refere a coisas já superadas, (Ver nota 2, supra).

prestígio de uma civilização, ela sempre vem em nosso socorro. Ve
jamos.

"O presente estudo explora as primeiras obras de Freud sobre as neuroses e procura definir, de uma maneira mais abrangente do que os estudos anteriores sobre o assunto, as origens do interesse de Freud por essas doenças, o desenvolvimento de suas teorias iniciais, e as relações de seus pontos de vista com os conceitos apropriados que tinham curso na Neurologia, Psiquiatria e Psicologia não-médica do século XIX" (10).

Eis aí uma espécie de declaração de intenções encontradas na primeira página de um dos autores. Essa declaração fala de um interesse ainda restrito. É o que constatamos da leitura de Rudolfer:

"Para a compreensão da evolução da psicologia anormal e das contribuições que ofereceu à psicologia educacional, convém que remontemos à origem do interesse pela psicologia do anormal, o naturalismo em psicologia" (11).

Mas, o diafragma dessa objetiva é regulável justamente para dar conta de fenômenos de amplitude variada e de conseqüências múltiplas:

"A tradição fenomenológica em Psicologia tem seu começo geralmente atribuído a Goethe, e a origem de seu uso ativo pode ser imputada a numerosos investigadores, tanto na área da Psicologia como em outras disciplinas" (12).

(10) LEVIN, Kenneth. Freud: a primeira psicologia das neuroses, Rio, Zahar, 1980, p. 11, grifo nosso. Daqui por diante, sempre que não haja menção, os grifos são sempre nossos.

(11) RUDOLFER, Noemi da S. Introdução à Psicologia Educacional, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1965, p. 166. Alias, esse livro coloca a claro uma coisa muito interessante. Trata-se de uma introdução, de uma apresentação inicial de parte da Psicologia. Mas, ao mesmo tempo, é uma História da Psicologia. Conclusão: não se introduz nenhum assunto sem traçar sua história!

(12) SCHULTZ, Duane. História da Psicologia Moderna, São Paulo, Cultrix, 1981, p. 294.

prestígio de uma civilização, ela sempre vem em nosso socorro. Ve
jamos.

"O presente estudo explora as primeiras obras de Freud sobre as neuroses e procura definir, de uma maneira mais abrangente do que os estudos anteriores sobre o assunto, as origens do interesse de Freud por essas doenças, o desenvolvimento de suas teorias iniciais, e as relações de seus pontos de vista com os conceitos apropriados que tinham curso na Neurologia, Psiquiatria e Psicologia não-médica do século XIX" (10).

Eis aí uma espécie de declaração de intenções encontradas na primeira página de um dos autores. Essa declaração fala de um interesse ainda restrito. É o que constatamos da leitura de Rudolfer:

"Para a compreensão da evolução da psicologia anormal e das contribuições que ofereceu à psicologia educacional, convém que remontemos à origem do interesse pela psicologia do anormal, o naturalismo em psicologia" (11).

Mas, o diafragma dessa objetiva é regulável justamente para dar conta de fenômenos de amplitude variada e de conseqüências múltiplas:

"A tradição fenomenológica em Psicologia tem seu começo geralmente atribuído a Goethe, e a origem de seu uso ativo pode ser imputada a numerosos investigadores, tanto na área da Psicologia como em outras disciplinas" (12).

(10) LEVIN, Kenneth. Freud: a primeira psicologia das neuroses, Rio, Zahar, 1980, p. 11, grifo nosso. Daqui por diante, sempre que não haja menção, os grifos são sempre nossos.

(11) RUDOLFER, Noemi da S. Introdução à Psicologia Educacional, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1965, p. 166. Alias, esse livro coloca a claro uma coisa muito interessante. Trata-se de uma introdução, de uma apresentação inicial de parte da Psicologia. Mas, ao mesmo tempo, é uma História da Psicologia. Conclusão: não se introduz nenhum assunto sem traçar sua história!

(12) SCHULTZ, Duane. História da Psicologia Moderna, São Paulo, Cultrix, 1981, p. 294.

Esse texto deixa claro essa outra característica da história: ser caprichosa. Nem sempre se encontra as fontes nos lugares onde se poderia pensar que elas estivessem. Como nas nascentes de água pura, o lugar de seu aparecimento pode ser empurrado para longe delas. O olho-d'água não deve ser confundido com o lençol.

"O movimento psicanalítico não participou, realmente, do mesmo conjunto de desenvolvimentos que levou às demais escolas; entre outras coisas, objetivava, principalmente, o comportamento anormal, como agir em relação a ele e, a partir daí, propunha questões muito diferentes das das outras escolas. Suas origens históricas devem ser procuradas alhures" (13).

Logo abaixo, o "movimento psicanalítico" é conectado com a "tradição romântica", em relação à qual poderia ser afirmado:

"O romantismo teve sua origem na Alemanha, onde alcançou seu maior desenvolvimento entre 1800 e 1830, começando depois a declinar, embora tenha se estendido à França, Inglaterra e outros países. Seu impacto foi tal que seus efeitos persistiram na vida cultural européia durante todo o século XIX" (14).

Desses fragmentos tira-se duas lições. Uma delas é sobre o papel preponderante da época - o século XIX - para as "raízes" da psicologia. A outra diz respeito ao local onde as coisas se passaram: a Alemanha e seu entorno cultural. E, efetivamente,

"As origens da psicologia experimental na Alemanha devem ser buscadas no desenvolvimento da Europa ocidental durante os últimos momentos do século XVIII e os começos do século XIX, sobretudo no progresso da ciência experimental na França e na Alemanha" (15)

(13) WERTHEIMER, Michael. Pequena História da Psicologia, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1972, p. 175.

(14) ELLENBERGER, Henri F. The Discovery of the Unconscious, New York, Basic Books, 1970, p. 199.

(15) MURPHY, Gardner. Introducción Histórica a la Psicología Contemporánea, Buenos Aires, Paidós, 1964, p. 83.

Ao que poderia ser acrescentado, observando uma flutuação de duas ou três décadas, aquilo que se deu com a psicanálise:

"Não se pode compreender a origem da psicanálise sem levar em conta diversas tendências científicas das últimas décadas do século XIX"(16).

Variando o alcance e a diversidade dos objetos historia-dos, poderíamos multiplicar os exemplos de textos que usam intensivamente essa noção a ponto de nos faltar fôlego para empreender a tarefa. É razoável supor que ela, talvez, não fosse mesmo possível. Inicialmente, a bem do estilo e da criatividade, os erudititos usam abundantemente sinônimos dessa noção: fontes, raízes, começos, princípios, etc. Isso desempenha uma dupla função. Não compromete o entendimento de seus escritos e torna-os mais leves, de leitura mais agradável. No entanto, com isso, inviabilizam as tentativas de levantamento. Além disso, quando se trata de "movimentos", "escolas", "grandes contribuições", há razoável acordo entre os historiadores, mas, no que concerne às "pequenas contribuições", às hipóteses, às idéias que, em conjunto, formam a teoria, as origens passam a se contar às multidões, os autores rompem seus acordos e tudo se embaralha. Nessas condições, ainda que fosse realizável, qual a utilidade de um inventário exaustivo? Sim, não compensa sequer começá-lo. O pulular das origens é bastante para que se conclua quão preciosa é essa noção para o ofício de historiador as idéias e as ciências.

Evidentemente não é abruptamente que se chega a elas; do atual ao original, quando faz-se às avessas o caminho do desenvol

(16) ELLENBERGER, Henri. op. cit., p. 537

vimento, ninguém vai aos saltos. Na verdade, seja em seu percurso normal, seja - no interesse de um recenseamento do passado, próximo ou remoto - seguindo-o a contrapelo, o presente e o originário estão unidos por uma longa cadeia de mediações. Essa é a própria idéia de uma história do pensamento ou das ciências. Tome-se, por exemplo, a história da psiquiatria dinâmica entre 1882 e 1945, sob a batuta de um respeitado historiador. Em uma síntese parcial de seu trabalho ele nos diz:

"Mostra-se ano a ano a origem e desenvolvimento de cada sistema, em sua interação e relações com outras tendências psiquiátricas ou psicoterapêuticas e com a vizinhança cultural e política. Dessa forma parecerá ao leitor que o crescimento da psicanálise e dos novos sistemas dinâmicos foi menos uma revolução que uma evolução gradual desde a primeira psiquiatria dinâmica até as mais modernas" (17)

Dito desse modo, nessa forma acabada, tem-se a impressão de que tudo é muito simples: tarefa de principiante. Nada mais ilusório. Embora o caminho que liga o remoto ao recente seja o

(17) idem, p. 17. A esse propósito é bem instrutivo ver o que tem a dizer um autor como Whyte: "As idéias não são descobertas de uma vez por todas e nem são transmitidas como peças de museu. São parte da vida do pensamento e devem nascer, manter-se vivas e fazer-se produtivas no processo das mentes humanas e nas atividades dos indivíduos. Mesmas idéias ou idéias similares delas podem ser redescobertas vezes seguidas por pensadores isolados, alguns dos quais podem nunca ter comunicado seus pensamentos, enquanto outros podem ter falado sem ter sido entendidos ou produzido qualquer resposta registrada, e, finalmente, por outros que dão vida completa à idéia não só em suas próprias mentes como em uma comunidade profissional ou social. O mundo como um todo, ignorando essa longa história em um caso particular, pode assombrar-se com o "poder do gênio". Suas palavras ou suas criações vibram com a comoção de seu próprio descobrimento e seu calor as faz arder. Para ele e seu público, sua descoberta parece mágica. Possivelmente não teria podido suportar o peso de sua tarefa se soubesse das inúmeras pessoas que já haviam pensado de modo semelhante. Tem que fazer a descoberta por si mesmo e não encontrá-la em um livro, se é que essa idéia vai viver nele e, através dele, nos outros. WHYTE, Lancelot L. The Unconscious before Freud, London, Tavistock Publications, 1962, pp.15-16. Belíssimo (mas também instrutivo) debate entre os chamados "positivistas" e os chamados "idealistas"!

mesmo que vai do recente ao remoto, nada há de fácil ou de simples nesses percursos, de resto, cheios de surpresas e de perigos. Nessa via, qualquer que seja a direção seguida, a cada momento se multiplicam as questões e se avolumam os problemas: aqui, há alternativas em excesso, ali, elas se rarefazem, se reduzem a nada. Num instante tem-se dados em demasia, noutro, a penúria dá o tom. Não é senão pagando o preço alto do esforço e da dedicação, às custas da erudição e da prudência que se chega a algum objetivo. Parece, portanto, poderada a iniciativa do historiador de dirigir-se regressivamente, passo a passo, desde o próximo até o longínquo à cata de esclarecimento e garantia: "a melhor maneira de compreender uma realidade é conhecer-lhe as causas", adverte Leibniz. Por isso, é com justa razão que ele espera que a história mostre "as origens das coisas presentes encontradas nas coisas passadas" (18). É esse o momento em que a etimologia demonstra seu valor: história, é sabido, quer dizer, etimologicamente, busca, pesquisa. Aqui, as histórias das idéias e das ciências podem fornecer excelentes exemplos desse procedimento. Seus praticantes chegaram até a criar uma noção que, a um só tempo, o operacionaliza e o legitima: trata-se do precursor. Talvez tenha sido essa criatividade reverente e o seu respeitoso

(18) Citado por BLOCH, Marc. Introdução à História, Lisboa, Publicações Europa-América, 1976, p. 36. (Esse é o título infeliz da tradução de "Apologie pour l'Histoire ou Métier d'historien"). Em relação à psicanálise, pode-se afirmar que "L. Binswanger compreendeu plenamente o importante papel desempenhado pelo estudo de Freud sobre as afasias na fundamentação da teoria psicanalítica. Esse autor (...) chega a afirmar que sem o conhecimento desse livro, é impossível uma plena compreensão histórica das obras de Freud". Justificativa adequada para quem considera que "as obras anatômicas, neurológicas e psicanalíticas constituem um contínuo". Cf. STENGEL, E. Introducción, in, FREUD, Sigmund. La Afasia, Buenos Aires, Nueva Visión, 1973, pp. 7 e 11.

acatamento às boas normas do ofício, os responsáveis pelos sucessos alcançados. Tudo se passa como se a eles tivesse sido concedido colher os melhores frutos. Que se observe, então, como é a sua prática.

Ao apreciar a emergência da psicologia científica e o papel desempenhado por Wundt para isto, diz-nos O'Neil ⁽¹⁹⁾ que, em bora se possa reclamar para ele o direito de ter fundado uma psicologia experimental, ele teve muitos precursores (p. 12). E, mais adiante:

"É ao mesmo tempo razoável e apropriado aplicar o adjetivo 'Wundtiano', não só à psicologia experimental de Wundt e de seus seguidores imediatos, mas também a todo o movimento do qual o pensamento de Wundt foi uma expressão. Helmholtz deve ser considerado como o precursor desse movimento" (p. 46).

É inegável o zelo desses historiadores em constituir uma seriação, uma ordenação que impedisse as lacunas, essas ocasiões de mal-entendidos. Na trama fechada dos precursores, não só as conexões são postas à mostra, como a viagem que vai do recente ao remoto se torna menos atribulada. A história, ainda que se ocupe do saber, das idéias e do pensamento, "não imagina, ela somente vê (...) ela consiste, como toda ciência, em constatar fatos, em analisá-los, em compará-los, em assinalar seus laços...", garante Fustel de Coulanges ⁽²⁰⁾. Tome-se, por exemplo, o "movimento gestaltista" em psicologia. A constatação, a análise, numa palavra,

(19) O'NEIL, W.M. The Beginnings of Modern Psychology, London, Penguin Books, 1969, grifo nosso.

(20) Citado por GLÉNISSON, Jean. Iniciação aos Estudos Históricos, São Paulo, Difel, 1979, p. 135.

a avaliação histórica desse movimento, desde seus primórdios, revela quais foram os elos históricos.

"Quando se fala dos antecedentes dos sistemas psicológicos modernos, o nome de Wundt é o que acode mais facilmente ao espírito (...). A sua posição elementarista foi um alvo para a psicologia da Gestalt, tal como era para o funcionalismo e o behaviorismo. Contudo, Wundt foi um antecedente num sentido mais direto; o seu princípio de síntese criadora foi um dos primeiros conceitos a implicar um certo reconhecimento da diferença entre os todos e a soma de suas partes".

"Franz Brentano, a quem mencionamos em relação com a psicologia wundtiana, (...) antecipou-se ao método introspeccionista da Gestalt e conferiu respeitabilidade à expressão direta e ingênua da experiência".

"Carl Stumpf (1848-1936) foi um outro precursor da psicologia da Gestalt, mas num sentido algo estranho".

"A maioria dos outros antecedentes e precursores exerceu uma influência sistemática mais direta. Ernst Mach (1838-1916) foi um físico que ingressou na história da psicologia pela porta dos fundos".

"Christian von Ehrenfels (1839-1932) compartilhava com Mach de um interesse pela nova psicologia (...) Ehrenfels é geralmente reconhecido como o precursor intelectual imediato do movimento gestaltista, embora os teóricos da Gestalt tenham negado qualquer influência direta".

"Não seremos capazes de entender a revolução gestaltista se não percebermos que os seus precursores, como Mach e Ehrenfels, eram, na realidade, meros continuadores da antiga tradição atomis

"Numerosos psicólogos de Göttingen foram importantes precursores e adeptos da psicologia da Gestalt" (21).

Mas, que ninguém se equivoque: a existência do precursor não está articulada a qualquer forma de vizinhança temporal e, com mais forte razão, espacial. Os lugares podem ser os mais afastados e os tempos também; nada disse impede essa fraternidade entre diferentes pensadores que permite associá-los numa linha de sucessão de tal modo que um deles pegue "o fio da meada" do outro e dê continuidade ao pensamento, sem mudanças substanciais. A história da psiquiatria nos oferece bons exemplos de como se pode vencer séculos sem que as idéias mestram sintam o abrupto da passagem. Um renomado psicanalista é nosso companheiro nessa intrépida viagem (22).

(21) MARX, M. e HILLIX, W. Sistemas e Teorias em Psicologia, São Paulo, Cultrix, 1974, pp.274-277. Não é sem interesse comparar esse inventário com um outro, feito por Schultz. No livro de Marx e Hillix, os fragmentos que foram citados estão acomodados em uma subdivisão do capítulo sobre a Psicologia da Gestalt denominado "Os Antecedentes do Movimento Gestaltista". No livro de Schultz num capítulo com o mesmo nome, encontra-se o tópico "Influências Antecedentes", no qual, exceto pelo começo, que é devido a Kant, e por algumas palavras em alemão, o percurso é o mesmo, a ordenação é a mesma, o encaminhamento do pensamento é o mesmo e até a linguagem é parecida com a de seus colegas. Espantoso! Ver SCHULTZ, op. cit., pp. 292-295

(22) Trata-se de Franz Alexander, conhecido psicanalista e teórico da psicanálise húngaro morto recentemente. Sobre ele se pode dizer que "observou a cultura ocidental como psicanalista": Sua biografia é, sob todos os aspectos, digna de interesse. Teve seu primeiro contacto com a psicanálise, desde cedo, a partir da obra fundamental de Freud, recebida das mãos de seu próprio pai. "Ele se tornou o primeiro estudante do Instituto de Psicanálise de Berlim, abandonando, assim a idéia de fazer uma carreira psiquiátrica acadêmica na Alemanha". "Em 1921, depois de sua análise com Hans Sachs, Alexander tornou-se assistente do Instituto Psicanalítico de Berlim. Já no começo desse mesmo ano, Freud havia concedido a Alexander um prêmio pelo melhor ensaio clínico do ano". Transferiu-se para os Estados Unidos e, em 1930 começou a trabalhar em Chicago onde criou o Instituto de Psicanálise dessa cidade, ocupando o cargo de diretor por 25 anos. "Em 1956, Alexander aceitou o convite para ser diretor do novo Departamento de Pesquisa Psiquiátrica do Mount Sinai Hospital de Los Angeles". Numa palavra: até sua morte, não cessou de produzir. "Até o final continuou fazendo análise didática. Sua escrivaninha estava lotada de manuscritos, provas de galé e as inúmeras cartas que Freud lhe enviara; iria citar trechos dessas cartas em suas próximas conferências". Fragmentos retirados de GROTHJAHN, M. "Franz Alexander", in, ALEXANDER, F. et alii. A História da Psicanálise através de seus pioneiros, Rio de Janeiro, Imago, pp.430-445. Quanto ao livro de Alexander, trata-se de ALEXANDER, F. e SELESNICK, S. História da Psiquiatria, S. Paulo, IBRASA, 1980.

"A história da psiquiatria começou quando um homem tentou aliviar o sofrimento de outro homem, influenciando-o. Quando o sofrimento psíquico e físico não se distinguiam entre si, o precursor da psiquiatria era qualquer homem que cuidasse de outro homem com dor. A história da psiquiatria começa assim com a história do primeiro curador profissional, o médico-feiticeiro" (p. 41).

Evidentemente, com esse raciocínio, o historiador liga a Mesopotâmia e o Egito com a França e a Alemanha, os anos, digamos, 1900 A.C. aos 1900 D.C., o anônimo babilônico e o egípcio Imhotep a Esquirol e Freud. Fica, é claro, subentendido que isso não se faz sem mediações: "Todavia, não se sabe quanta comunicação houve entre os precursores dos hipocráticos e as práticas médicas hindus. Não foi, porém, a medicina hindu, mas a budista, que mais interessou o mundo ocidental" (p. 51). E as razões ficam patentes através de um longo raciocínio teórico.

"A filosofia de Gautama Buda (568-488 A.C.), um príncipe hindu, resultou de seu choque diante da descoberta dos efeitos da idade, doença e morte. Sua extraordinária empatia por todas as coisas vivas conquistou-lhe o nome de Buda, que significa o Iluminado. Desenvolveu uma técnica psicológica de meditação com o propósito de atingir oportunamente o supremo estágio de nirvana - um estado tranquilo, desprovido de todo esforço e paixão. Isso devia ser atingido por uma sucessão de quatro estágios de meditação (jhana), que levavam a uma anulação do nascimento, que é o começo e a causa dos males do homem. O objetivo, portanto, é a regressão psicológica ao estado pré-natal de esquecimento, de ser puro, no qual desaparece a diferença entre sujeito e objeto. No primeiro estágio de jhana o mundo é renunciado como símbolo do mal; o desprezo pelo mundo resulta na renúncia a todos os desejos mundanos e o monge meditativo é perseguido pela tristeza. Isso é análogo a um estado de melancolia provocado experimentalmente. Esses sentimentos de tristeza são substituídos no segundo estágio por amor a si próprio, um esforço para tirar do eu todo o sustento espiritual. Essa condição representa regressão ain

da maior e assemelha-se aos estados psicóticos em que o interesse se centraliza completamente sobre o eu. No terceiro estágio o sentimento de prazer provocado pelo amor a si próprio diminui e torna-se apatia, que por sua vez se transforma - no quarto estágio - em completo vazio e uniformidade mental. Aqui o meditador ascético é exaltado acima do prazer e da dor, é livre de amor e ódio, é indiferente à alegria e à tristeza, é de fato indiferente ao mundo inteiro, aos deuses e homens, mesmo a si próprio. Emerge livre de toda emoção. Nesse ponto é capaz de lembrar-se com crescente clareza de todas as circunstâncias de sua vida até os mínimos detalhes. Significativamente, a lembrança de todo o desenvolvimento da pessoa foi descrita por Freud como o objetivo do tratamento psicanalítico para perturbações mentais" (pp. 51-52).

Vê-se bem como o desenvolvimento das idéias não respeita as fronteiras da temporalidade e muito menos as geográficas. Mesmo o pensamento hindu da antiguidade tem incidência importante sobre o saber psicanalítico do século XX.

Se, o pensamento de um povo tão avesso à história - são bem conhecidas as dores de cabeça dos historiadores de profissão causadas pela Índia - tem tal incidência sobre o pensamento ocidental contemporâneo, é bem justificado que a reflexão medieval também o tenha. E, de fato: "Santo Agostinho foi não apenas o primeiro precursor da fenomenologia de Husserl e do existencialismo, mas também o precursor da psicanálise". Agostinho usou "a confissão autobiográfica como fonte de conhecimento psicológico". Após ter tido vida mundana e desregrada, Agostinho ingressou na "Igreja, realizando assim o sonho de Mônica". Esta, sua mãe, era, ao contrário do pai, Patricius, uma "piedosa cristã e a influência que teve sobre o filho mostrou-se mais forte que a do sensual pai". Em 395 torna-se bispo de Hipona e, dois anos mais tarde, começa a escrever As Confissões, seu trabalho mais conhecido.

"O que torna Agostinho tão importante na história da psicanálise são os métodos psicológicos que empregou para chegar às conclusões em que se baseavam suas teorias religiosas. Suas Confissões são um exemplo sem precedente de auto-análise; nesse trabalho apresenta metodicamente suas recordações anteriores e desnuda sua alma sem reservas. Tenta mesmo reconstruir aqueles anos perdidos na amnésia infantil com base na observação de crianças e em toda lembrança de sua própria infância inicial que conservasse: 'E quando não era prontamente obedecido (sendo meus desejos prejudiciais ou ininteligíveis), eu ficava indignado com os mais velhos, por não se submeterem a mim, como aqueles que não me deviam o menor serviço, por não me servirem; e vingava-me de les pelas lágrimas. Aprendi que as crianças são assim observando-as; e que eu também era assim. elas, absolutamente inconscientes, me mostraram melhor que minhas pajens que o sabiam'".

E, falando das relações entre Freud e Agostinho, Alexander nos diz:

"Sigmund Freud ofereceu como fulcro da doutrina psicanalítica a afirmação de que não se pode combater um inimigo invisível, de que as perturbações neuróticas só podem ser vencidas reconhecendo-se através de auto-revelação sua origem inconsciente. Esse princípio de intransigente veracidade consigo mesmo foi também o impulso orientador de Agostinho" (pp.87-90).

Como uma voz fraca, rouca e gutural, quase sussurrada, quase reduzida ao silêncio, usando às vezes uma linguagem que não é mais que uma mímica, o precursor fala através da voz grossa do pensador contemporâneo. Próximo ou distante ele já enunciou alhures, ainda que de forma apenas sugerida, aquilo que agora está sendo dito; mas, se sua voz está limitada a uma quase-mudez, seu pensamento, ao contrário, está sempre vivo, com toda a força original com que apareceu. Com habilidade e senso crítico pode-se observá-lo ainda envolto na bruma e no orvalho desse amanhe-

cer, banhado pelo amarelo aveludado, com todo o seu frescor matinal. Indiferente à temporalidade, engenhosa em suas metamorfoses, surpreendente em suas reaparições, essa figura de mil poderes faz pouco caso do esquecimento e das recordações. Tudo se passa como se, cedo ou tarde, fosse inevitável reconduzí-la ao lugar que lhe é de direito, para que, ali, pudesse reinar soberana.

Mesmo um livro pode ser precursor para seu autor. Ele será, então, precursor de outros tantos iguais a ele:

"Supõe-se popularmente, e erroneamente, adverte o historiador, que esse livro (ele se refere aos Estudos sobre a Histeria) assinala o início da psicanálise; ele deve ser considerado apenas um precursor, visto que as principais idéias psicanalíticas do primeiro sistema do id (o inconsciente, a psicosecualidade e a transferência-resistência) não foram realmente desenvolvidas até o início do século".

No entanto, talvez se pudesse afirmar que essa atribuição é inco mum, de vez que habitualmente é aos pensadores e aos pensamentos que se atribui essa capacidade; o que é, afinal, reconhecido pelo próprio historiador em outro lugar:

"Podem-se procurar os precursores da psicanálise, primeiro, em certas idéias gerais que formaram a base de todo o pensamento ocidental durante milhares de anos, e, depois, em certas descobertas específicas que foram feitas no século XIX. Em geral, o aspecto humanístico do pensamento ocidental foi continuado e preservado pela psicanálise. Ele pode ser encontrado já na época dos filósofos gregos. Dois ditados antigos, 'Tudo com moderação' e 'Conhece-te a ti mesmo' tornaram-se preceitos da psi-

canálise, quase expressos nas mesmas palavras (23).

A utilização constante e repetitiva trai a necessidade. A necessidade, o valor. Dito de outro modo, o que parece inaceitável, em boa consciência, é qualquer forma de geração espontânea das idéias, ou ainda que, do vácuo, houvesse uma efloração delas. Não, se há um antecedente deve haver um conseqüente, ou o contrário. Acrescente-se a isso uma considerável dose de erudição - indispensável ao bom cumprimento do ofício -, responsável pela criação de diversos sinônimos e equivalentes (predecessor, antecessor, antecedente, pioneiro, pai) e se torna, aqui também, impraticável um levantamento mais ou menos completo do uso e das possibilidades de uso dessa noção. Seja lá como for, cabe sempre perguntar se isso será realmente necessário.

Parece que a História padece de um mal congênito. É que, desde o começo, a palavra que nomeia recobre dois significados; se, por um lado, se refere às ações e idéias do passado humano, por outro, diz respeito à narrativa, à descrição, ao inventário dessas idéias e ações. Essa ambigüidade original teria gerado as situações que enriquecem o contencioso dos seus praticantes que, após a racionalidade e da teleologia do dever ou cativos dos fatos e de sua própria evolução, vivem afiando seus sabres para

(23) FINE, Reuben. A História da Psicanálise, Rio de Janeiro, LTC Ed./EDUSP, 1981, pp.284 e 3. A respeito do livro como precursor, eis o que é dito da Afasia: "Psicanalistas e psiquiatras reconheceram nele o precursor mais significativo da obra posterior do autor". Cf. STENGEL, E. Introducción, op.cit., p.8. Quanto às "idéias gerais que formaram a base do pensamento ocidental", é muito instrutivo consultar o artigo do ponderado Riese sobre as origens "pré-freudianas" do pensamento psicanalítico. Cf. RIESE, Walther. The Pre-freudian origins of psychoanalysis, in, MASSERMAN, Jules H. (ed.) Science and Psychoanalysis, New York, Grune & Stratton, 1958, vol. 1, pp. 29-72.

enfrentar-se. Falar-se-á dela como "o vir-a-ser que se atualiza no saber", tanto quanto na "soberania inexorável dos fatos", das possibilidades de compreendê-la, mesmo se se é prisioneiro de um dado tempo, tanto quanto das boas razões que se tem para refletir nela, enunciada na forma de "leis", a própria evolução dos acontecimentos; gerando uma fartura de questões que só faz engordar os manuais. As histórias das idéias e das ciências, na medida em que herdam da História seus métodos e suas práticas, herdam, também, parte desses problemas. Lá como cá, as dificuldades se avolumam e, não fosse por certas compensações trazidas pelo próprio objeto, os praticantes dessas histórias estariam freqüentemente afixados com as mesmas incertezas. Embora essas histórias se defrontem com documentos bem menos arditos, não sejam tão constantemente surpreendidos pelas ciladas da periodização, embora, enfim, o "acontecimento" que estudam não seja tão debochado, não se deve ser ingênuo quanto às dúvidas que as assaltam. Se é verdade que se pode encontrar, com maior ou menor afastamento, a origem de determinada idéia, se se pode seguir uma cadeia de precursores que vai do atual ao inicial, permanece o problema da transmissão? Quais são as razões para as retomadas dos mais antigos ou dos contemporâneos? Deve-se repetí-los, evitando seus erros, começar ali onde fracassaram ou encontrar em suas entrelinhas o fio da continuidade? Afinal, como viajam as idéias?

Aparentemente, também com os saberes, "nada de perde, tudo se transforma". É em razão disso que se pode fagocitar as idéias, ainda que elas possam estar por longos períodos na calma e no repouso do que quase foi enunciado, no remanso dos livros ou na turbulência das anúncias inovadoras. Trata-se da massa de

influência que cada autor recebe. Ela pode residir nas meias-palavras de um pensamento ainda demasiado juvenil, tanto quanto pode estar presente, rosto à mostra, no saber vigente; pode ser extraída de um resto semimudo à espera de decifração, tanto quanto pode agir através da ação avassaladora de um sistema já maduro. Se ja lá como for, dela ninguém fica a salvo. Mesmo aqueles que beiram a genialidade.

Quando se observa, através dos textos, a prática dos historiadores, é possível, pelo emprego da noção de influência, admitir que ela seja, "por assim dizer, nossa mitologia. As influências são entidades míticas, magníficas em sua imprecisão". Leia-se um livro recente sobre "O Pensamento Psicológico". É um livro pequeno, reduzido a apenas 126 páginas, do qual se diria de bom grado que não passa de uma sinopse ⁽²⁴⁾. Entretanto, ele chega a se servir da "influência" por mais de cinquenta vezes. Há a influência de uma ciência, de um pensamento, de um conceito, de uma pesquisa, mas há a influência de um autor, de um indivíduo. Uma escola de pensamento, uma doutrina podem influenciar, bem como os fatos sociais e culturais. Destaca-se a influência do corpo e as manifestações dos instintos, ao mesmo tempo que dos instrumentos e das práticas. As influências podem ser classificadas em internas e externas, em conscientes e inconscientes, de modo que, construir uma "teoria da influência" poderia ser uma tarefa trabalhosa e irritante, porém, certamente não seria difícil.

A rigor, essa noção de potência desmedida pode ser o fio

(24) ROSENFELD, Anatol. O Pensamento Psicológico, São Paulo, Perspectiva, 1984.

condutor de uma bela história de qualquer ciência ou saber. Talvez, aliás, seja essa mesma a orientação seguida pelos historiadores da psicologia, da psicanálise e da psiquiatria. No prefácio de sua História da Psicologia Moderna, Schultz explicita a maneira como é organizado o texto: "Cada uma das posições sistemáticas é discutida em função de três estágios ou níveis de desenvolvimento: (1) seus antecedentes ou precursores históricos, (2) a fundação formal e o desenvolvimento, e (3) a influência ulterior da escola". E acrescenta: "As influências contemporâneas sobre os vários sistemas são analisadas a fim de demonstrar a continuidade do desenvolvimento do velho para o novo, isto é, de modo a psicologia, tal como hoje a conhecemos, evoluiu a partir desses anteriores pontos de vista". Esse modo de colocar as coisas pode dar a falsa impressão de que as influências operam numa sucessão linear de tipo fulano que influenciou beltrano que influenciou sicrano, o que seria um lamentável engano. Na verdade um dado cientista pode ter influenciado mais de um outro cientista, do mesmo modo que pode ter, ele próprio, recebido influências de mais de um cientista mais antigo que ele ou contemporâneo dele. Dir-se-ia que se os cientistas fossem ligados entre si por segmentos de reta que indicassem influências que exerceram uns sobre os outros, todo o espaço do saber teria sido quadriculado; ele teria sido esquadrihado desde sua mais remota ancestralidade até seu desenvolvimento mais atual, em sua forma mais elaborada e sofisticada. Essa parece ser, a propósito, a ambição das histórias dos saberes e das ciências quando se ocupam em fazer um balanço completo das influências.

"Ao todo, estudamos os efeitos e as contribuições de quase uma vintena de grandes homens, en

tre os quais os mais proeminentes são John Locke, Johannes Müller, os Mill, Lotze, Fechner, Helmholtz, Wundt, Külpe, Titchener, Galton, James e Cattell. As idéias e ações deles foram o tema das páginas anteriores desse livro. Vimos como foi que influíram sobre a história e, de certa forma, como a história influuiu sobre eles".

A essa lista do prestigiado historiador ⁽²⁵⁾ poderíamos acrescentar Freud (o que ele próprio talvez tivesse feito, caso tivesse colocado esse texto alguns capítulos adiante). Que se veja, então, como é que as coisas se passaram com Freud, o inconsciente e a psicanálise.

"No desenvolvimento da psicanálise há duas espécies de influências. Existe uma tradição intelectual em que Freud pode ser situado, como sugeriu Bakan (1958), e há um outro conjunto de influências mais diretas e pessoais sobre Freud. Consideremos primeiro a tradição intelectual" (26).

É nessa "primeira consideração" - e que sugere outras - que vamos encontrar o bom velho Leibniz e sua Monadologia; aí estaria o começo de tudo. Leibniz, esse gênio polivalente que o século XVII viu nascer, mas que não durou o suficiente para ser testemunha da influência de, "nos deixou a doutrina dos graus de consciência e, portanto, também do inconsciente. A petit perception das mônadas é inconsciente" (27).

(25) BORING, Edwin G. A History of Experimental Psychology, New York, Appelton-Centurt-Crofts Inc., 1950, p. 550.

(26) MARX, M. e HILLIX, W., op. cit., p. 317.

(27) BORING, E.G., op. cit., p. 168. Nesse particular, "há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia": "Num exame histórico, o Professor Brinkman distingue quatro deles: o "inconsciente fisiológico" cuja origem é Descartes, o "inconsciente perceptivo" com Leibniz, o "inconsciente aperceptivo" com Kant, o "inconsciente vital" com o romantismo alemão. Num simpósio publicado em 1910 sob a direção de Morton Prince, seis diferentes conceitos foram descritos. Não menos que dezesseis significados da palavra "inconsciência" foram distinguidos e demonstrados, num livro recente, por J.G. Miller". ELLENBERG, Henri. The Unconscious before Freud, Bulletin of the Menninger Clinic, vol. 21, nº 1, January 1957, p. 2.

E, como que atestando a grandeza da Monadologia como, de resto, de toda a obra dele, é possível afirmar que

"a filosofia de Leibniz foi uma grande filosofia que exerceu grande influência. Não é suficiente dizer que antecipou muitos conceitos importantes; é necessário ver nela os reais começos de teorias posteriores, já que o desenvolvimento do pensamento é contínuo e claras as linhas de influência" (28).

Seguindo uma dessas linhas, chega-se, sem atropelos ou turbulências, a Herbart, autor de uma rica psicologia, contudo tributária de seus antecedentes: "Os detalhes dessa porção da psicologia de Herbart, são evidentemente uma derivação direta de Leibniz. (...) As pétites perceptions de Leibniz se converteram nas idéias inibidas de Herbart. (...) O umbral da consciência é simplesmente um passo a mais que Herbart deu a partir de Leibniz" (29). Efetivamente ele representa o começo de tudo, no entanto, se Herbart deu apenas um passo, foi um passo largo e na direção correta, pois, "Herbart pode ser considerado um psicólogo dinâmico que se enquadra perfeitamente na linha que vai de Leibniz a Freud" (30). Linha reta de traço forte, como se verá.

A clareza e a limpidez desse raciocínio nos conduz a uma conclusão parcial que poderia ser expressa numa fórmula bastante simples: no que diz respeito a certos conceitos fundamentais da psicanálise, particularmente o conceito de inconsciente, Leibniz gerou Herbart que gerou Freud. Não obstante, podia ser objeto de que isso não é senão efeito de superfície de mudanças mais profun

(28) BORING, *idem*, p. 168.

(29) *idem*, p. 257.

(30) *idem*, p. 255.

das que estariam ocorrendo no âmbito da psicologia. Pelo menos é o que se depreende do texto de Levin que cuida da "Primeira Psicologia das Neuroses". Com relação a essa filiação é preciso levar em conta

"o fato de que existia, durante todo o século XIX, uma tradição psicológica bem estabelecida - baseada em grande parte na Psicologia de Johann Friedrich Herbart e inteiramente independente da Fisiologia - a qual enfatizava o conflito entre entidades psíquicas. Freud estava bem familiarizado com essa Psicologia, e a leitura de Herbart exerceu, sem dúvida, uma importante influência sobre seus modelos. O conceito das divisões da consciência, que desempenhou um papel tão destacado nas Psicologias da hipnose durante o século XIX, foi outra fonte para as teorias freudianas de múltiplos sistemas psíquicos" (31).

Mas, pode-se descer para um estrato ainda mais profundo na investigação da "filiação herbatiana" (32). Sabe-se bem o quanto as representações (Vorstellungen) e as instâncias (Instanzen) do aparelho psíquico (seelischer Apparat) são importantes na metapsicologia freudiana. A estrutura e o funcionamento do aparelho, para

(31) LEVIN, K. op. cit., pp. 17-18.

(32) O comentário se refere ao capítulo II da 2ª parte de ASSOUN, Paul-Laurent. Introducción à l'Epistémologie Freudienne, Paris Payot, 1981, pp.130-143, denominado "De la topique a la dynamique. Le modèle herbartien", que foi acompanhado muito de perto. Teria sido ainda mais proveitoso cotejar esse capítulo com três outros textos: o item "La formación biológica y médica" de ANZIEU, Didier. El Autoanálisis de Freud, México, Siglo XXI Ed., 1978, pp.59-63; o item "Freud's Sources" de ELLENBERGER, H. op.cit., pp.250-261. Apesar das diferentes origens, das diferentes formações e das ambições específicas a cada autor e projeto, encontra-se um considerável acordo entre suas idéias diretoras, entre suas fontes primárias e, por conseguinte, um assombroso acordo nas conclusões. Uma dessas fontes é o inevitável Jones: veja-se o último capítulo - particularmente o tópico "Física, Fisiologia e Psicologia" - de JONES, Ernest, Vida y Obra de Sigmund Freud, Buenos Aires, Ed. No va, 1959, vol. 1, pp. 381-390.

tomar à letra o que está em jogo, tem uma funcionalidade que não pode prescindir de certos conceitos como os de representação, resistência, reaclamento, conflito, entre outros. Não é "fato histórico inegável" que a psicologia de Herbart é uma psicologia das representações? É costumeiro citar-se um texto (A Repressão) segundo o qual "uma das vicissitudes que um impulso instintual pode sofrer é encontrar resistências (Widerstände) que procuram torná-lo inoperante. Em certas condições, que logo investigaremos mais detidamente, o impulso passa então para o estado de 'repressão' (Verdrängung)". Essas palavras (Widerstände, Verdrängung), não são elas de uso corrente nos livros de Herbart? "Reconhecemos", portanto, "o vocabulário herbartiano até em sua literalidade". Ora, os conceitos que tangenciamos são, em grande medida, o apoio da questão freudiana do conflito e, se esse e os outros são termos herbartianos, então "a dinâmica freudiana alimenta-se, em última instância, em um modelo que foi construído numa tradição da psicologia alemã que remonta ao início do século XIX, a Herbart.(...) Eis o que deve ser explicitado com precisão para quem pretende aprender genealogicamente a episteme freudiana".

Sabemos através de Sigfried Bernfeld e de Maria Dorer, para citar apenas dois autores que Freud, no fim de seus estudos de liceu, tomou contato com o ensinamento de Herbart por intermédio de um livro que tratava da psicologia empírica conforme o método genético, de um certo Lindner, um "manual que traz a marca da predominância" dessa escola de psicologia chamada de herbartiana. Muito natural, então, que Freud assimilasse o "espírito herbartiano". Vê-se bem que o suporte material da influência pode ser até nomeado: um livro cujo título é Lechbuch der Psychologie

von Standpunkte des Realismus und nach genetischer Methode.

Em retrospecto, o historiador afirmava que um certo número de cientistas, de pensadores, "influíram sobre a história"; mas reconhecia que eles não estiveram imunes, "a história influenciou sobre eles". Com Freud e a psicanálise tudo se passou da mesma maneira. Parte da influência sobre ele foi vista acima e a influência dele, e do saber que ele criou, não é de pouca importância e tem sido inventariada por inúmeros autores, porém evidentemente está além do alcance de nossos braços.

Diz-se que a história é uma narrativa dos acontecimentos passados. Melhor dizendo, ela é um conhecimento sistemático do passado. Daí, pois, a ambição do historiador: que o produto de seu trabalho seja o passado tornado presente. Os mais exigentes julgam acertado acrescentar um qualificativo; passado humano. Nesse caso, o historiador seria uma espécie de ogre, inquieto logo que fareja carne humana. Com ou sem qualificativos, seu itinerário parece não conceder muito margem às controvérsias. Mais ainda, para falar com propriedade dessas poderosas forças que, ao longo da diacronia se chocam ou se associam, se misturam ou atuam paralelamente, se anulam ou se acumpliciam, para resultar no que somos, melhor seria que ele se apagasse em seus escritos. Foi nesse trajeto que os historiadores das idéias, dos saberes e das ciências, encontraram essas figuras denominadas de precursores e essa ação chamada de influência. Através de um olhar retrospectivo desde o sincrônico, foi-lhes concedido perceber na diacronia, o movimento que permite que as idéias e o conhecimento transitem e evoluam. Como meio de transmissão, a influência é essa capacidade de afetar de maneira significativa a reflexão

de outros, de modo que a importância da influência é, ao mesmo tempo uma medida do valor de um pensamento. Os precursores são exatamente os sábios que exerceram alguma influência. É forçoso reconhecer que o sábio que ficasse circunscrito às quatro linhas de sua mesa de trabalho, seria, quando muito um erudito, mas nunca um precursor. É necessário, portanto, que aquelas noções tenham um corolário que dê a elas operacionalidade. Esse corolário é a antecipação. Ela se refere a um efeito de transbordamento, à possibilidade de enunciar, antes do tempo previsto, esperado ou oportuno, ainda que de forma alusiva, apenas sugerida, uma idéia que se mostrará valiosa, seja do ponto de vista teórico, seja co estímulo à pesquisa. Mais que uma enunciação, ela é uma anunciação.

Boring tem sido reconhecido como um historiador original da psicologia. Em parte isso se deve às suas opções metodológicas e em parte à sua erudição. A competência, entretanto, está acima de suspeitas. Na investigação das causas e da velocidade do progresso científico, ele se pergunta se esse progresso se dará de forma suave e gradual ou dever-se-á considerar um progresso aos saltos. A resposta não se faz esperar: "A opinião madura considera que os pequenos passos são a regra geral. Quase todos os grandes descobrimentos tiveram suas antecipações, que o historiador da ciência desenterra oportunamente. As teorias refutadas continuam existindo de forma indefinida, às vezes durante um século ou mais, até que sejam deslocadas por um substituto aceitável" (33).

(33) BORING, op. cit., p. 4, os grifos são sempre nossos, salvo é evidente, quando mencionarmos explicitamente o "grifo do autor".

As histórias das ciências têm, portanto, um suave declive, certamente perceptível pelo olhar avisado, mas, nada tão brusco que pudesse gerar um degrau. Na verdade, os pequenos estalos do progresso nada fazem senão pontuar o curso imperturbável do progresso no seio das idéias que carregam as soluções dos problemas fundamentais:

"Não é de todo surpreendente que tais antecipações tenham ocorrido, e que os problemas tratados diretamente por uma determinada escola tenham atraído a atenção, embora às vezes de modo vago e superficial, de outros especialistas no mesmo assunto. As antecipações, de certo modo, evidenciam a autenticidade do próprio problema, mostrando que nele havia algo realmente" (34).

Efetivamente, quando uma idéia traz em seu bojo algo de realmente relevante, ela se impõe mesmo fora do "previsto, esperado ou oportuno". É o caso da teoria heliocêntrica de Copérnico, da teoria evolucionista de Darwin e a teoria dos sonhos de Freud. Vale a pena ver de perto o que está em jogo nessas três teorias. Sigamos em ordem cronológica. Copérnico, que, segundo se diz, teria desfechado um duro golpe - o "golpe cosmológico" - no "amor próprio humano", ao tirar o homem do centro do universo, deve, em verdade, ser reavaliado, pois, apesar de ter levado "ao abandono a cosmologia de Ptolomeu" e de ter estabelecido "o sistema heliocêntrico", foi antecipado: "com provas matemáticas, dois mil anos antes", Aristarco de Samos já teria definido esse sistema (35). Na história, como na religião, é preciso dar a César o que é de

(34) HEIDBREder, Edna. Psicologias do Século XX, São Paulo, Mestre Jou, 1981, p. 291.

(35) A aproximação de Copérnico e Aristarco dos Samos se acha em RUDOLFER, N., op. cit., p. 13.

César. Quanto a Darwin, que também teria desferido um severo golpe - o "o golpe biológico" - na humanidade, pela enunciação da teoria da descendência, convém "lembrar que as teorias evolucionistas não eram novas, e que mesmo a hipótese concernente ao mecanismo da evolução havia sido antecipada em certos aspectos" (36). E Freud, teria feito balançar alguma sólida estrutura pela ação de algum golpe? Há quem diga que sim. Ele teria sido o responsável, - razão pela qual tem sido tão amaldiçoado, - pelo "golpe psicológico no narcisismo dos homens". Ele próprio, diz-se, tinha especial carinho pela Interpretação dos Sonhos, livro que, através de uma original decifração da atividade onírica, teria fundado o saber psicanalítico, operador desse último golpe. No entanto, isto também deve ser repensado, ao menos pelos que advogam uma originalidade radical da teoria freudiana dos sonhos, porque, "em sua República, Platão antecipou-se à teoria do sonho de Freud. No sono a alma tenta retirar-se das influências externas e internas, mas são expressados nos sonhos desejos que geralmente não se expressam no estado de vigília" (37). Duro golpe nos que acreditávamos no ineditismo da hipótese do sonho como expressão de desejos, e desferido por alguém que entende do assunto: um psicanalista de primeira hora. Se levarmos em conta que a Interpreta-

(36) MURPHY, G., op. cit., p. 125.

(37) ALEXANDER, F. e SELESCICK, S., op. cit., p. 66. Mas Platão é mesmo irresistível: "A teoria do útero de Platão sobre a histeria, como está expressa em seu Timaeus, de determinada maneira antecipou o aforisma freudiano que diz que uma vida sexual insatisfatória pode provocar uma neurose". O psicanalista nos garante que mesmo a etiologia sexual das neuroses pode ser encontrada em Platão. Cf. BRILL, A. A Época Freudiana, Revista de Psicoanálisis, Buenos Aires, ano I, nº 4, abril de 1944, p. 513.

ção tem 1900 como data de edição e que se pode considerar que Platão viveu entre 428/7 A.C. e 348/7 A.C., então, bem mais que dois mil anos o separam de Freud. É fácil concluir desses cotejos o quanto a história pode ser caprichosa e como, para fazer face a desafios dessa natureza, o historiador está exposto às maiores agruras, das quais não pode escapar se não estiver bem aparelhado de sagacidade, cultura e ponderação.

Não raro se encontra o zeloso profissional da escrita da história atormentado, às voltas com questões do tipo: se uma teoria envolve uma tentativa de resposta às provocações lançadas por um certo número de problemas relevantes, numa palavra, se ela envolve um projeto, como é que esse projeto veio a se construir e se manter, a se reproduzir, talvez, em tantas cabeças meditativas diferentes e pertencentes a tempos também diferentes? Como é que tantos sábios com as mais diversas localizações espaço-temporais chegaram a constituir para si um único e mesmo universo de questões? Problema delicado, melindroso, que não admite afrontas ou respostas de afogadilho. Há que ter aptidão e sabedoria. Se a hereditariedade das idéias tem que ser explicada e se ela não resiste à indagação da anatomia ou à arguição da fisiologia, se deve buscar alguma caução na morfologia e, sobretudo, estudar a embriologia. As semelhanças, os isomorfismo, mais ou menos maciços, tem que ser investigados e trazidos à luz, e é aí que surge esse instrumento particularmente eficiente que é o quadro. Vitrine da história, mostra o devir espacializado em linhas e colunas que se cruzam, deixando entrever o que mil palavras inutilmente te riam tentado contar. No quadro, o repertório das idéias topa com uma grade acolhedora que, além do mais, apresenta um bom rendimento

to: é arranjo espacial de visibilidade imediata; agrupa os sábios e sua filiação numa seriação lógica e cronológica; assinala o geral e o particular, o comum e o idiossincrático, no contemporâneo de uma única figura; circunscreve a totalidade de um saber no perímetro de uma representação. O quadro é, afinal, um painel maravilhoso de eloquência ímpar.

Loquaz e informado, este retângulo pode ser bastante ambicioso para agasalhar a totalidade de uma ciência ou de um saber, com a mesma competência que alberga uma parcela dessa forma de conhecimento, compensando a perda em abrangência com um ganho em minúcia. Schultz ⁽³⁸⁾ fornece um excelente exemplo da primeira alternativa:

Quadro 1.1

DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DAS ESCOLAS PSICOLÓGICAS

	1650	1700	1750	1800	1850	1900	1930	1970
Estruturalismo						Wundt Titchener Brentano Stumpf Külpe		
Funcionalismo					Darwin Galton	James Dewey Hall Cattell	Angell Carr Woodworth	
Behaviorismo	Descartes			Comte	Romanes	Morgan Loeb	Thorndike Pavlov	Watson Tolman Hull Holt Lashley Skinner
Gestalt			Kant		Mach	von Ehrenfels	Wertheimer Koffka Köhler	Lewin
Psicanálise		Leibnitz		Herbart		Charcot Janet	Freud Adler Horney Jung	Fromm

(38) SCHULTZ, D., op. cit., p. 19.

O retângulo do conhecimento psicológico, como poderia ser chamado, é ainda demansiado estático, muito pouco flexível. Por ser muito generoso, ele ensina pouco. Vai daí que precisa ser complementado por outros que prestem contas das singularidades de cada escola, das rivalidades e competições, que somente estão presentes no pormenor, o que nos é concedido por Marx e Hillix (39).

QUADRO 9-1. Figuras Importantes na Psicanálise

<i>Influências Antecedentes</i>	<i>Psicanalistas</i>		
	<i>Pioneiros</i>	<i>Fundadores</i>	<i>Promotores</i>
G. W. Leibniz (1646-1715)	Johann Fried. Herbart (1776-1841)	Sigmund Freud (1856-1939)	Alfred Adler (1870-1937)
Johann W. Goethe (1749-1832)	Arthur Schopenhauer (1788-1860)		Carl G. Jung (1875-1961)
Gustav Th. Fechner (1801-1887)	Jean Martin Charcot (1825-1893)		Sandor Ferenczi (1873-1933)
Charles Darwin (1809-1882)	Joseph Breuer (1842-1925)		Otto Rank (1884-1939) Karen Horney (1885-1952) Harry S. Sullivan (1892-1949) Erich Fromm (1900-)

Frequentemente, mesmo minucioso, semelhante quadro é pouco informado. Em função da complexidade do assunto, às vezes é necessário ser ainda mais explícito. É essa a pretensão de Marx e Hillix (40):

(39) MARX e HILLIX, *op. cit.*, p. 315. O livro exhibe outros quadros semelhantes onde estão alocadas informações como estas que aqui estão, referentes ao Associacionismo, ao Estruturalismo, ao Behaviorismo e ao Gestaltismo, nas páginas 123, 152, 185, 218 e 272, respectivamente.

(40) *idem*, pp. 49-53 (grifado pelo autor).

"Muitos historiadores têm assinalado o progresso obviamente moroso, como que passo a passo, das ciências, começando pelas mais distanciadas do homem e caminhando para as que estão mais próximas dele e de suas preocupações imediatas, donde o desenvolvimento tardio da ciência da psicologia. (...) Sabemos que filósofos e leigos vêm desde há muito se esforçando por encontrar explicações do ser humano mas não existia uma ciência formal do comportamento, como havia outras ciências. Algumas das contribuições desses homens serão examinadas em maior detalhe no texto que se segue mas será útil que o leitor possua uma visão global dessas contribuições, antes de estudar certos conceitos fundamentais(...). O Quadro 2-1 apresenta, para rápida referência, um resumo das contribuições de alguns dos homens que ajudaram a desenvolver as idéias científicas que culminaram numa ciência da psicologia"

QUADRO 2.1. Resumo das Principais Contribuições Para o Desenvolvimento da Psicologia

Nome	Datas Aproximadas de Nascimento e Morte	Contribuição
<i>Filosofia</i>		
Tales	Século VI A.C.	Explicação naturalista; universo composto de água.
Sócrates	c. 470-299 A.C.	Filósofo idealista; essencialmente anticientífico.
Demócrito	c. 460-370 A.C.	Universo composto de átomos; explicação reducionista de fenômenos complexos.
Platão	427-347 A.C.	Abordagem racionalista e primado da observação.
Aristóteles	384-322 A.C.	Métodos racionalistas e observacionais; sistemas de classificação para a biologia; leis da memória associativa.
Roger Bacon	c. 1214-1294	Ênfase sobre a livre observação empírica.
Francis Bacon	1561-1626	<i>Novum Organum</i> : deu apoio filosófico à ciência empírica.
Descartes	1596-1650	Interacionismo dualista; ação mecânica do corpo.
Leibniz	1646-1716	Atividade como princípio básico; graus de consciência; co-inventor do cálculo.
La Mettrie	1709-1751	Explicação mecânica aplicada ao comportamento do homem.
Kant	1724-1804	Importância das aptidões inatas no ordenamento dos dados da experiência.

QUADRO 2-1. Resumo das Principais Contribuições Para o Desenvolvimento da Psicologia

Nome	Datas Aproximadas de Nascimento e Morte	Contribuição
<i>Física e Astronomia</i>		
Arquimedes	c. 387-212 A.C.	O primeiro físico experimental de renome.
Ptolomeu	século II	Astrônomo alexandrino; a sua concepção da Terra como centro do universo manteve-se durante séculos.
Copérnico	1473-1543	Astrônomo polonês que colocou o Sol no centro do sistema solar; alterou a concepção que o homem tinha de sua própria importância.
Galileu	1564-1642	Restabeleceu a observação como recurso final de toda a investigação científica; realizou importantes descobertas físicas e astronômicas.
Kepler	1571-1630	Descrição matemática das órbitas planetárias.
Newton	1642-1727	Co-inventor do cálculo; estabeleceu o padrão da física para 200 anos.
Bessel	1784-1846	Astrônomo em Königsberg; elaborou equações pessoais e criou, assim, um problema para a psicologia.
<i>Ciências Biológicas</i>		
Hipócrates	c. 460-380 A.C.	O "Pai da Medicina"; um excelente observador; concepção naturalista do homem.
Herófilo e Erasistrato	século III A.C.	Primeira inferência da distinção entre nervos sensórios e motores.
Galeno	século II	Famoso físico e anatomista; realizou experimentos animais.
Vesálio	1514-1564	Primeiro tratado geral de anatomia humana.
Harvey	1578-1657	Demonstrou a circulação do sangue.
Van Leeuwenhoek	1632-1723	Primeiro microscópio eficaz; descoberta ou identificação de protozoários, bactérias e esperma humano.
Lineu	1707-1778	Sistema binomial de classificação biológica.
Darwin	1809-1882	<i>A Origem das Espécies</i> : livro fundamental sobre a evolução orgânica.

<i>Surgimento da Fisiologia Moderna</i>		
J. Mueller	1801-1858	Autor do <i>Handbuch der Physiologie des Menschen</i> , tratado geral sobre a fisiologia humana; doutrina das "energias específicas dos nervos".
Bernard	1813-1878	Conceito de meio interno.
Helmholtz	1821-1894	Eminente fisiologista; primeira medição experimental da velocidade do impulso neural; teorias da audição e visão.
<i>Surgimento da Psicologia</i>		
Weber	1795-1878	Fisiologista pioneiro; formulou a lei $dR/R = C$, a qual é, realmente, uma lei psicológica.
Fechner	1801-1887	<i>Elemente der Psychophysik</i> ; segundo alguns, marca o começo da psicologia experimental; modificou a lei de Weber para a forma Weber-Fechner: $S = C \log R$.
Galton	1822-1911	Trabalhos sobre eugenia, estatística, diferenças individuais; equacionou numerosos problemas para a psicologia.
Wundt	1832-1920	Fundador do primeiro laboratório psicológico, na Universidade de Leipzig.

Deslizando na superfície pouco acidentada do texto histórico, os conceitos que arrolamos convergem para um ponto privilegiado onde todos ganham transparência. A bem dizer, tais deslizamentos abrem os caminhos através dos quais as continuidades puderam se estabelecer. É mesmo possível afirmar que elas não são se não as diferentes formas, as diversas figuras, da continuidade. As origens e seu desdobramento que ainda não findou, e cuja soberania pode se estender ao desfecho que ainda não se deu; o precursor e seus substitutos, as linhas de transmissão por dentro das quais se dá o fluxo do conhecimento; a influência, que permite a difusão de um saber para além das fronteiras do pensamento de um autor; as antecipações, esses avanços capazes de borrar os limites temporais; as contribuições de reflexões diversas, esses a-

crêscimos feitos ao que já se dá por conhecido; são estas as formas de continuidade que tecem a trama tensa e intensa das histórias das idéias e das ciências.

É a história da própria razão se convertendo na própria razão da história: determinado pensamento é o conseqüente de um outro que é seu antecedente. Simples questão de lógica aplicada à duração.

"O que se passa é que um novo homem assume o trabalho de um homem mais antigo sem estar limitado pela inércia de seu passado; assim, pode pensar, trabalhar e escrever mais simples e diretamente e, portanto, cria, partindo do antigo, algo novo que também acumulará gradualmente inércia" (41).

Como, pois, se escreve a história das idéias, das ciências? Pondo em ato essa maneira de pensar. Certamente houve partidas em falso, recuos e retrocessos, mas, semelhantemente, houve origens promissoras, aperfeiçoamentos e avanços. Historiar este devir é relacionar tudo isso, encontrar a coerência lógica e mostrar como se desenrola o fio do progresso.

O modelo grego de solidariedade, cooperação e permanência contido no "fogo olímpico" é conveniente como metáfora desse processo:

"A psicologia que W. Wundt quis criar em 1879 em Leipzig, frutificou e se diversificou enormemente. Ainda que não permaneçam especificamente muitas contribuições de Wundt em nossos dias, permaneceu o espírito que animou suas investigações e que se transmitiu de geração em geração. A ciência tem sido considerada como uma corrida interminável, em estilo grego, na qual um corredor leva a tocha todo o tempo que po-

(41) BORING, op. cit., p. 399

de, até que cai, vencido pelo cansaço; passa-a então ao corredor seguinte, que faz o mesmo, e que, por sua vez, passará a um terceiro" (42).

Porque o conhecimento é decorrência de encadeamento de trama fechada na qual não se pode tolerar nenhuma falha, nenhuma fissura. É produto de uma saturação lenta feita por acumulação, cujo preenchimento é feito à base de contribuições que se acrescentam com suavidade, umas às outras, sem tremores e, em consequência, sem fraturas. A lenta saturação é concomitante de uma gradual maturação que pode, então, ceder lugar ao supremo aprimoramento: o novo.

"Em psicologia se têm tratado muitas vezes de começar de novo do princípio, e esse livro é realmente a descrição desse começo: Wundt, Freud, Watson, Skinner, todos eles quiseram começar de novo a história da psicologia. Podemos assegurar que nenhum deles conseguiu isto completamente, mas que todos o fizeram em parte, todos começaram uma revolução cujas consequências estamos vivendo nesse momento" (43).

Há, portanto, uma linha de continuidade que liga Wundt a Skinner. Pouco importa que essa linha seja sinuosa, que aqui ou ali faça curvas, que descreva elipses ou catenárias, o importante é que não seja rota ou tracejada, que não se interrompa nem se despedace, que seja contínua.

Desde que ela não se arrebente, as mudanças na curvatura, e os pontos de inflexão, são até bem recebidos. É que a ignorância, o obstáculo e o erro não são maus em si. Muito pelo contrário, podem constituir-se nas fontes da descoberta e da ino

(42) ARDILA, Ruben. Los pioneros de la Psicología, Buenos Aires, Paidós, 1971, p. 229.

(43) idem, *ibidem*.

vação. O que conta é que o verdadeiro venha se adicionar ao verdadeiro, que o demonstrado venha se justapor ao demonstrado, delicadamente, e, sobretudo harmoniosamente.

No entanto, esse método não é o exclusivo; não é somente por essas vias que a continuidade pode se difundir. As idéias não se ajustam unicamente por um processo, digamos, mecânico (justaposição pura e simples; acoplamento semelhante ao de vagões de um enorme comboio). Não só não é o único, como não repele um outro de igual dignidade; poder-se-ia mesmo dizer que os dois se entrecruzam, às vezes se emaranham, que aqui ou ali fazem íntimas alianças. O segundo método, que podia ser chamado de vitalista, apela para o desenvolvimento, para a evolução do pensamento. O raciocínio pode ser explicitado: se existe uma linha de continuidade entre as idéias e as teorias é porque o antigo está na embriologia do novo, isto é, porque o novo é produto de um desenvolvimento evolutivo muito natural do antigo. "Pode-se traçar uma linha de evolução contínua diante do exorcismo e do magnetismo, do magnetismo e do hipnotismo, do hipnotismo e das psiquiatrias dinâmicas modernas", garante Ellenberger. Mas, logo adiante, ao abordar a história da noção de inconsciente, ele afirma que o aparecimento dela é muito mais novo que sua utilização - o conceito é pré-existente à palavra que o nomeia -, cujo "estudo foi obra acumulativa de um grande número de pessoas" (44). Em relação à perenidade de coisas como essa, seja como práticas, seja como produto de uma destilação teórica, observa Fine com mo

(44) Retirado do prólogo da tradução espanhola do livro já citado, e inexistente no original. Cf. ELLENBERGER, Henri. El Descubrimiento del Inconsciente, Madrid, Gredos, 1978, p. 8.

deração: "Embora sempre tenha existido alguma teoria do inconsciente, foi Freud, na *Interpretação dos Sonhos* (1900), que primeiro propôs uma teoria clara e explícita, que deu sentido às observações psicológicas" (45). Vê-se, portanto, em relação a esses dois métodos de investigação da continuidade, que não existe desprezo ou repulsa de um pelo outro, mas que, ao contrário, pode haver cooperação, colaboração e, às vezes, complementaridade entre eles.

A contínua evolução pode ser demonstrada no devir de uma ciência ou em um segmento dela. Ao realizar um balanço histórico da psicologia contemporânea, Foulquié e Deledalle observam:

"Nascida tarde entre as ciências, a Psicologia desenvolveu-se consideravelmente desde o princípio deste século. Passou primeiro por uma crise de crescimento, que se poderia caracterizar como crise de emancipação. Com efeito, de certa maneira a Psicologia se formara no seio da Filosofia e, por muito tempo, fora parte essencial dessa disciplina. Assim, quando, na segunda metade do século passado, se destacou da que a tinha dado à luz, comportou-se, com esta, como criança robusta que ensaia sua força jovem contra a mãe" (46).

Quase o mesmo poderia ser dito da psicanálise. Aqui, entretanto,

(45) FINE, Reuben. *op. cit.*, p. 188. A tarefa de compreender essa evolução histórica tem sido muito facilitada por autores como Margetts. Seu escrito tem o objetivo de contribuir "para a tese de que o inconsciente é um conceito antigo e várias vezes revisado". Para isso, em vinte páginas, faz o recenseamento "dos usos" da noção desde o pensamento Veda de 600 A.C. até Freud. Cf. MARGETTS, E.L. *The Concept of the unconscious in the history of medical psychology*, in, *The Psychiatric Quarterly*, vol.2, nº1, 1953, pp. 115-138.

(46) FOULQUIÉ, Paul e DELEDALLE, Gérard. *A Psicologia Contemporânea*, São Paulo, Cia Ed. Nacional, 1965, pp. XI-XII. A respeito da "emancipação da Psicologia da mãe Filosofia", quem dá mais alguns passos e aprofunda as consequências, inclusive "os conflitos entre fixações paternas e necessidades de independência" e os riscos corridos durante vigência da "neurose de adolescência". Ver BORING, *op. cit.*, pp. 742-743.

é costumeiro relacionar a evolução do saber com a vida de seu criador: "a vida do fundador e gênio tutelar da psicanálise incidiu sobre a contínua evolução de doutrinas que se explicam de forma muito mais satisfatória quando se tem em conta o marco biográfico" (47).

Seja pela via "mecanicista", seja pela via "vitalista", conforme denominamos, à falta de melhores termos, verifica-se um inexorável progresso do conhecimento. Considere-se que a continuidade histórica é fruto de um profundo acordo entre os acontecimentos integrantes de determinada série que se exigem uns aos outros, como um conseqüente exige seu antecedente, ou que essa continuidade é corolário de um desenvolvimento ordenado que segue uma linha evolutiva bem determinada e visível para quem possui olhos para ver, o que se conclui é que o progresso é marca registrada na história do conhecimento. Mais que isso: este progresso incessante repete, quase ponto a ponto, a ordem natural, intelegível tanto nas coisas da natureza como na natureza da vida. É evidente que um desfecho desse tipo cauciona toda uma empresa, ratifica o empreendimento a partir de normas que nenhum epistemólogo digno do nome poderia por em dúvida, mas, melhor que isto, coroa de êxito todo esse estafante trabalho de reconstrução quando produz uma conclusão clara, límpida e que nada requer, senão que se tenha orgulho dela, pois o progresso de que fala, não é mais que o nosso progresso.

Quando o historiador declara que "evolução da psiquiatria foi uma parte central da evolução da própria civilização" (48)

(47) MURPHY, G. op. cit., p. 298.

(48) ALEXANDER, Franz e SELESNICK, Sheldon., op.cit., p. 23.

é ao nosso progresso, ao progresso do espírito humano que ele se refere. A história das idéias, do pensamento e das ciências não é senão o palco privilegiado onde se passam as ações. É aí que se observa a inquietude de uma consciência, dir-se-ia mesmo, o atrevimento de uma consciência que se busca e que não tolera respostas fáceis, simplistas e imediatas para as suas preocupações. Pois seus desafios são de grande monta e virtualmente insolúveis sem o conhecimento adequado de seus resíduos, do passado precipitado e fixado nos fatos do saber, tanto quanto de suas capacidades para criar:

"Como acreditava Montaigne, e a biologia confirma: 'Chaque homme porte en lui la forme entière de l'humaine condition'. Uma espécie, uma série de estruturas e capacidades básicas. A aventura incomparável é a história, que continua agora em cada um de nós, da realização, passo a passo, de algumas dessas potencialidades através da interação de indivíduos imaginativos que moldam novos pensamentos e uma tradição conservadora que preserva o que parece valioso"(49)

É evidente que o passado, cujos rastros a história do saber persegue, mostra como é que caminhou-se do simples ao complexo, do informe e imperfeito ao bem formado e aperfeiçoado, do elementar ao transcendente. Ora, essa longa série de realizações, o tecido de conquistas que se ordena no tempo, o acervo de marcos do desenvolvimento do pensamento, é o espaço próprio onde a razão, escrupulosa por natureza, zelosa de seu devir, deve ir buscar os delineamentos de sua teleologia; onde o pensamento, essencialmente indócil, procura antever a urdidura de sua evolução.

Não se deve supor que todos os desafios e as conquistas

(49) WHYTE, Lancelot L., op. cit., p. 4. A citação de Montaigne está em francês no original.

que eles proporcionam são apenas intelectuais, pois, "a história das idéias propriamente entendida não é simplesmente a história intelectual, mas um aspecto da história completa do homem: biológica, evolutiva, emocional e social" (50). Trata-se, afinal, da história do aprimoramento do Espírito Humano; história completa e verdadeira para cujo horizonte a história das idéias aponta e fornece modelo:

"isto pode ser visto no princípio, tão fácil de aprender com a história das idéias e ressaltado por Dilthey, de que todas as doutrinas filosóficas e científicas devem ser consideradas como visões parciais da verdade, das quais se espera que um dia sejam substituídas por outras mais compreensivas" (51).

Assistindo a tudo isso, em silêncio, sem disfarçar um sorriso de satisfação, o velho Comte balançaria a cabeça em sinal de aprovação.

(50) idem, p. 6.

(51) idem, p. 7. Os grifos são do autor. Evidentemente White é um bom aluno de Condorcet, Comte, da Aufklärung, afinal. Essas são as fontes das idéias de progresso do espírito humano - que supõem que a anterioridade cronológica é uma inferioridade lógica - e da crença no futuro, num estado definitivo e positivo do saber. Cf. CANGUILHEM, Georges. La Connaissance de la Vie, Paris, J. Vrin, 1975, pp. 43ss.

3 - OUTRAS PALAVRAS

Em sentido estrito ou metafórico, pouco importa, os livros de história das ciências e das idéias são livros de peso. Como, pois, deve-se lê-los? Com a reverência devota do noviço? Com o respeito assombrado do leigo culto? Como resistir ao fascínio da erudição e à opressão da competência? "Admiramos muito, e são de admirar, os grandes livros que se instalam num domínio do saber com a certeza tranqüila, a indiferente placidez de uma Pirâmide do Egito. Ali estão. Ali ficam. De longe, oferecem uma bela imagem de majestade. Mas, afinal, as pirâmides são túmulos. No centro de sua massa têm cativo um morto ilustre ou mumificado" (52). Deve-se, portanto, apreciá-los com a doce malícia da crítica: nada de servilismo, nada de subserviência. Se, embora volumosos, não passam de fardo obeso e adiposo, é preciso livrá-los dessa massa excessiva. Se fracassam, se fica patente seu equívoco, é necessário ter bom ouvido para seus pecados, nem bem sussurados, quase inaudíveis, porém expressivos. Do contrário, por baixo da casca vistosa, não restará senão polpa podre e inútil que se joga fora. Ou, para usar mais uma vez as palavras de Febvre, não passarão de imponentes pirâmides com seu nobre conteúdo: um morto embalsamado.

Nada há de surpreendente no fato de que o número de páginas escritas se multiplique; tampouco causa espanto a variedade de temas que passam a ser objeto de escrutínio. Pelo contrário, se uma quantidade crescente de novos títulos vêm fazer companhia aos tradicionais, isto é reflexo de uma especialização também

(52) Parodiar não é pecado. Ver FEBVRE, Lucien. Combates pela História, Lisboa, Ed. Presença, 1977, vol. 1, p. 60

crescente, aliás, bem recebida. A ninguém ocorreria qualificar de vegetativo a esse crescimento; está afastada a hipótese de que se estivesse a repetir - como por um efeito de eco -, sem novidade substancial, o que já foi dito antes, aumentando apenas o volume, inchando, por assim dizer, um acervo de massa constante. É que por trás desses nomes circunspectos de história do pensamento, das idéias ou das ciências, se escondem disciplinas polpudas e generosas sempre prontas a acolher em seu seio aquilo que pode rejuvenescê-las, renová-las, atualizá-las. Naturalmente intronizadas, elas cederiam sempre à tentação de explorar os campos novos; donas de apetite exuberante, seriam sempre seduzíveis pela possibilidade de incorporação; dissimuladamente ambiciosas, estariam sempre dispostas a realizar o sonho de esquadrihar todo o espaço do saber organizado. Esse formigamento não provoca assombro, antes, causa satisfação.

Há algo, no entanto, que embaraça: paralelamente a uma atividade tão excitada e excitante, nota-se uma falta de interesse, uma grande inapetência, pelos problemas metodológicos. Diante da quase total ausência de um discurso sobre o método, diante da presença apenas oblíqua do "como se faz", tem-se a impressão de que o aumento da atividade vai tornando cada vez mais desnecessário prestar contas da maneira de exercê-la. Tudo se passa como se bastasse aprender na prática, como se explicitar as regras do método e refletir sobre elas fosse coisa de aprendiz, hábito juvenil que a experiência gradualmente desvaloriza. É preciso ler os textos com astúcia, espreitar seus planos, emboscá-los em cada conceito que usam, extorquir de seus enunciados seu modo de formação. Paga-se, afinal, um preço alto por um punhado de informações que deveriam ser dadas de mão beijada.

De um modo geral, essas histórias não passam de uma crônica de acontecimentos, de uma narrativa um tanto recomblesca que descreve os "fatos relevantes", dos quais se sabe que tiveram conseqüências mais numerosas e significativas, expõe os resultados e as "descobertas", assinala a tudo isso com datas especiais que merecem celebração, faz o balanço da herança, associando tudo isto com a emocionante aventura biográfica dos sábios.

"Fechner recuperou a saúde, ninguém soube como, muito menos ele próprio; porém, na manhã do dia 22 de outubro de 1850 - ele anota essa data com carinho - sobreveio-lhe uma idéia que satisfaz às exigências de sua natureza humanística e científica. Ocorreu-lhe que poderia haver uma relação observável e até mensurável entre o estímulo e a sensação e, portanto, entre os mundos mental e físico" (53).

Esse evento é, aliás, exemplar: o que ocorreu com Fechner é fenômeno de alguma freqüência nas histórias das idéias e das ciências; deu-se também com Nietzsche, Freud e Jung (54). Trata-se do que se denominou de "doença criativa" (creative illness) da qual se conhece o começo, a evolução e os produtos, o diagnóstico e o prognóstico. Tem-se mesmo uma "teoria" dessa curiosa espécie de enfermidade.

Mas - o ensinamento de Freud é fundamental -, a infância e a adolescência têm importância particular:

"Wilhelm Wundt teve infância bastante tranquila; como Fechner e Nietzsche passou os primeiros

HEIDREDER, E., op. cit., p. 77.

(54) ELLENBERGER, H. op. cit., p. 210, Ver ainda p. 276, 673 e, sobretudo, pp. 880-890, onde se encontra a "teoria da doença".

anos na casa de um pastor de aldeia. Muitos de seus irmãos morreram e um irmão deixou a casa muito cedo; a maior parte do tempo foi ele a única criança na casa, mas seus pais aparentemente não lhe dedicavam muita atenção. Foi instruído por um tutor, vigário assistente de seu pai. Após alguns anos, o vigário partiu: o que o lar pode ter significado para Wundt demonstra-se pelo fato de que partiu junto com o vigário"(...) "Foi sugerido também que sua enorme produtividade de nos últimos tempos devia-se, em grande parte, a um presente de seu assistente Cattell, que lhe deu uma máquina de escrever americana - a mesma que Cattell usara para sua tese de doutoramento em 1886" (55).

É difícil definir o lugar exato do contingente no corpo dessas histórias: não é esclarecido se ele necessariamente movimentava esse corpo ou se age através de um impacto pontual, localizado, incidental. Que se veja como atua um desencanto amoroso:

"Thornidke não completou sua educação superior em Harvard por razões pessoais. Acreditando que certa jovem não correspondia a seus sentimentos, dirigiu-se a Cattell solicitando seu ingresso em Colúmbia, a fim de se afastar da área de Boston" (56).

O autor afasta o fantasma da curiosidade nos informando que Thornidke terminou se casando com ela, mas, mesmo assim, foi em Colúmbia que ele colecionou seus feitos. Em seus cinquenta anos de Colúmbia, que "ele recebeu seu doutorado (1898), publicou sua tese, tornou-se professor (1899), passou a aplicar 'suas técnicas de pesquisa animal a crianças e adolescentes", enfim, acabou "sendo considerado um líder no movimento dos testes mentais". Escreveu-se, afinal, uma das mais belas páginas da História da Psicologia!

Alguém poderia dizer que se pode tirar uma lição de seme

(55) WERTHEIMER, M. op.cit., pp. 79-80 e 82.

(56) SCHULTZ, D., op. cit., pp. 201-201.

lhante trabalho: por mais sisudo que o assunto seja, há sempre espaço para um vintém de humor. Entretanto, o que efetivamente se aprende é que essa história de fôlego curto, escrita no ritmo do cotidiano anedótico dos sábios, resfolegante ao longo de toda a narrativa, de uma narrativa precipitada, é que não é com esse material que se produz uma história digna do nome. Mais ainda: se essa fosse a matéria prima adequada, ela não poderia ser tratada com tanta frivolidade.

Talvez já nem fosse mais preciso investigar as razões da aversão pela reflexão teórica, pelos problemas de método; os efeitos são por demais eloquentes, o resultado fala sem pedir licença. Além disso, que ganho pode haver em chafurdar nesse abdominável, a gregado de coisas que "instrui sem aumentar e estimular a atividade"? Só mesmo por causa de um pouco de teimosia é que se termina por voltar a uma indagação dessas; hábito de gosto discutível. Contudo, é possível adiá-la por um instante. Enquanto isso faz-se uma parada nos raros textos que cuidam do assunto. Que se veja, o que é a tarefa da história da ciência no entender de um autor cuja principal preocupação é por amostra como se realiza uma "ciência consciente" atenta às "exigências sociais e econômicas":

"Nos capítulos que se seguem" (estamos a meio caminho de uma pródiga introdução de mais de quarenta páginas), "descreve-se as etapas pelas quais passou a acumulação do conhecimento científico e das técnicas, ainda que sem entrarem detalhes. Esta é propriamente a tarefa de uma história da ciência, coisa que esse livro não pretende ser; não obstante, a história crítica da ciência, que vai mais além dos fatos descobertos para averiguar suas razões, está ainda por escrever-se. Aqui nos bastará indicar alguns dos princípios gerais que regeram a construção do edifício da ciência". (57)

(57) BERNAL, John D. La Ciencia en la Historia, México, Nueva Imagem, 1979, p. 58.

Em primeiro lugar, nada de mal-entendidos: quem está sujeito a uma apreciação mais ou menos rigorosa é o texto citado, não aquele onde ele vai buscar seu principal fundamento. Mas, tomando esse cuidado, é inevitável constatar uma qualificação, isto é, existem duas histórias da ciência - no singular - das quais uma é crítica. A outra, poderíamos nos responsabilizar de chamá-la de "histórica", para usar uma expressão de Comte que rima muito bem com ciência no singular. A propósito, logo adiante (58), encontra-se algo que rima ainda melhor com o apostolado positivista: "unidade da ciência". Impossível não lembrar de Fichant quando afirma que "a idéia de progresso, qualquer que seja o modelo supõe a unidade da ciência e a uniformidade do ser devir" (59). De fato, relendo a introdução, aprende-se que uma ciência conscientemente elaborada é o que resulta da perspectiva de uma "história evolutiva"; aí, por certo, está a via crítica da história da ciência. Ou, recorrendo mais uma vez a Comte, a "história dogmática". "Nos capítulos que se seguem", assiste-se, então, ao desfile das conhecidas noções da homilia continuista: tradição acumulativa, encadeamento, sucessão influência, grandes homens, origens, etc. No fim de tudo, uma comprovação: também o marxismo não protege contra a tolice (60).

A tarefa da história das ciências tal como foi definida remete ao conceito da história que está embutido nesse trabalho e pode ser retirado de um outro historiador quando fala do conteúdo

(58) idem, p. 61. A idéia de ciência unificada pode ser encontrada também nas páginas 29, 36, 46 e 69 da Introdução.

(59) PÉCHEUX, Michel e FICHANT, Michel. Sobre a História das Ciências, Lisboa, Estampa, 1971, pp. 66-67.

(60) Por certo essa afirmativa não pode incluir a Althusser. A propósito, é preciso ler com atenção seus dois textos no "Ler o Capital"; eles bastam para colocá-lo a salvo dessas críticas. Ver ALTHUSSER, Louis, et alli. Ler o Capital, Rio de Janeiro, Zahar, 1979-1980, 2 vols.

de seu livro:

"O estruturalismo, o funcionalismo e o associa-
cionismo foram escolhidos por causa da importân-
cia no desenvolvimento histórico da psicologia
moderna. O behaviorismo, a psicologia da Ges-
talt e a psicanálise foram escolhidos por causa
de sua importância histórica e porque continuam
importantes nos desenvolvimentos contemporâneos
da psicologia" (61).

Esse texto pode sugerir incerteza ou falta de clareza. Nesse ca-
so, que se tome a providência de esclarecer: "Entre 1920 e 1930,
as cinco escolas perseguiram vigorosamente seus respectivos obje-
tivos, embora o estruturalismo e o funcionalismo já começassem a
entrar para a história ao fim daquela década" (62). Ou seja: o
historiador é o espectador privilegiado de um inusitado espetácu-
lo encenado por seres que abandonam por algum tempo seus túmulos,
balançam os trapos de suas mortalhas brancas numa dança cadencia-
da e bem ensaiada e, finalmente, voltam para o seu repouso secu-
lar. Pois, uma escola só "entra para a história", só ganha "im-
portância histórica", quando se extingue. A bem dizer, ao histo-
riador restam duas alternativas, uma passiva, outra ativa. Ou ele
assiste passivamente a esse espetáculo e é prisioneiro dos fatos
e da irreprimível evolução deles, ou procede com desenvolta ativi-
dade, disputando com os coveiros a primazia da exumação e a inici-
ativa de remexer as ossadas, e é quem aponta os avanços da razão
e a direção da sua teleologia. Nietzsche é quem tem razão. A
história só se justifica quando serve à vida e à ação, "não para
nos afastarmos preguiçosamente da vida e da ação, nem, muito me-
nos, para embelezar esta vida egoísta e a nossa atividade branda

(61) MARX, M e HILLIX, W., op. cit., p. 12.

(62) WERTHEIMER, M. op. cit., pp. 134-135.

e inútil".

Logo na primeira página de um livro de mais de novecentas, Ellenberger nos informa que sua "primeira tarefa foi a de retraçar a história da psiquiatria dinâmica do modo mais exato possível" e que, para isto, teve que manter "um ponto de vista rigorosamente imparcial". Seu método: "1) Nunca ter nada como assentado. 2) Conferir tudo. 3) Recolocar tudo em seu contexto. 4) Traçar uma linha clara de separação entre os fatos e sua interpretação". Dois anos antes, num artigo em que dissecava a conferência de Freud sobre histeria masculina de 15/10/1886 ⁽⁶³⁾, ele havia exposto esse procedimento quase com as mesmas palavras e o tinha chamado de "método histórico crítico". À primeira vista não se pode senão elogiar tamanha cautela e isenção. Passado, contudo, o primeiro momento de embevecimento no qual se fica acrítico em relação à pureza do método, começam a aparecer as questões. Pode-se retraçar uma história com essa exatidão? Como pode um historiador ser tão rigorosamente imparcial? Acaso se pode começar uma investigação assim, de mãos vazias? Somos tábula rasa? Como se pode tudo conferir? Cruzando documentos? Mas, os historiadores mais antigos já não o fizeram? Como se conhece o contexto de cada fato? Vivendo-o? Como se separa os fatos de sua (s) interpretação (ões)? Será que eles são assim independentes? Será que eles são "dados imediatamente" como os nabos e as beterrabas na banca do feirante?

Inicialmente, o que impressiona nas magras páginas meto

(63) l'Information Psychiatrique, Paris, vol. 44, nº 10, 1968, pp. 921-929. O texto tem um subtítulo: "Un exemple de méthodologie historique".

dológicas de Ellenberger é a postura cãndida, quase leviana, com que trata dos problemas. Ora, o sonho de mostrar apenas como realmente se passou, exatamente como se passou, não é hoje mais que um aforisma que se lembra com riso. Não há uma realidade histórica completamente acabada que pré-existe ao conhecimento e cuja única exigência é que seja reproduzida com a fidelidade de uma fotografia bem feita. Porém, não é só na decantada exatidão - que não passa de "dever, não constitui virtude"; "é condição necessária de seu trabalho, mas não sua função essencial" (64) -, não é apenas aí que se abriga o engano de Ellenberger. Ele se quer rigorosamente imparcial, como se fosse possível eclipsar-se nos documentos, apagar-se nos fatos e dissolver-se nos próprios escritos, construindo essa neutralidade quimérica que ele tanto valoriza. Trata-se, evidentemente, de um dos corolários da recepção passiva dos fatos pelo historiador, imaginando que se impusessem a ele "independentemente de sua consciência ou vontade". Basta ajoelhar-se piedosamente ante eles a começar a ouvir sua prédica recheada de verdades - quanto tempo ainda teremos que suportar esse empirismo obstinado? Até quando, abusará de nossa paciência? Como se o conhecimento não brotasse de uma impaciência, de uma inquietação, traduzida, numa questão que é, então, proposta. Como se existisse resposta sem pergunta. "Elaborar um fato é construir. Se se quiser, é fornecer uma resposta a uma pergunta. E se não há pergunta, só há o nada" (65).

"Primeiro verifique os fatos, dizem" (e dizem) "os posi

(64) CARR, E.H. Que é História? Rio, Paz e Terra, 1982, p. 14. Esse livro começa por um interessante capítulo intitulado "O historiador e seus fatos", que, em grande medida, seguimos de perto.

(65) FEBVRE, L. op. cit., p. 24-25.

tivistas, depois tire suas conclusões" (66). Como se eles fossem mamutes congelados em imensos blocos de gelo que uma Providência generosa e condescendente conservou cuidadosamente; somente sendo necessário encontrá-los para conhecê-los. Pois bem, quais são as fontes de fatos de Ellenberger? Fundamentalmente quatro: os testemunhos "confiáveis", os artigos de periódicos científicos ou noticiosos, os livros de textos e ensaios e as biografias autorizadas. Mas esses mananciais são sempre assinados, têm autores, portanto foram selecionados e elaborados por alguém. Não se pode ter a crença infantil de que reflitam a "verdade dos fatos", senão que refratem a "verdade do autor" sobre os fatos vividos ou estudados: "Nenhum documento pode dizer mais do que aquilo que o autor pensava - o que ele pensava que havia acontecido, o que devia acontecer ou que aconteceria, ou talvez apenas o que ele queria que os outros pensassem que ele pensava, ou mesmo apenas o que ele próprio pensava pensar" (67). Isto ainda não é tudo: essas fontes foram lidas ou ouvidas; pode-se acreditar, com pequenas margem de erro (as notas atestam), que a maior parte foi lida. Sabe-se, ou ao menos dever-se-ia saber, que um texto que se lê é um ser intrigante, incapaz de se mostrar todo, de corpo e alma. Que cada leitor desvende apenas alguns de seus segredos, deixando outros na escuridão, e que leitores diferentes desvelam segredos diferentes. É próprio de sua natureza não ser capturável por todos da mesma maneira, não permitindo uma única leitura indiscutível, um entendimento do qual não se tem dúvidas. Os fatos estão, portanto, de tal modo imbricados com sua interpretação que é impossível

(66) CARR, op. cit., p. 13.

(67) idem, p. 18.

separá-los. Nesse caso é impensável separar o "bom trigo" do "mau joio".

É hora de despertar esses contadores de histórias de seu sono dogmático. É premente acabar com a ilusão de que se pode coleccionar fatos como se coleciona selos. É urgente começar a pensá-los como interação de fontes materiais com pesquisadores - por suposto esclarecidos e competentes. E, sobretudo, é imprescindível degradar a fé cega numa inocência original, imaculada e branca, que vai, pouco a pouco, sendo substituída pelo conhecimento exato. Se não há hipóteses, se não há questões, há tão somente compilação e narrativa sem estofo, mas não história no sentido forte.

Todavia, qual a causa da magreza teórica e da anêmica reflexão metodológica exibidas por esses historiadores? A herança comteana deixou marcas que foram, no início do século XX, retomadas e revisadas pelos intransigentes membros do Círculo de Viena. Orientados por um conjunto de preceitos rigorosos que propunham a famosa "unidade da ciência" orquestrada pela batuta eficiente e idônea da física, enquadrados na certeza orgulhosa de que seguindo demonstrações irrefutáveis seriam conduzidos em segurança ao território do legalismo universal, os modestos historiadores acreditaram poder instituir uma ciência da evolução humana que estivesse de acordo com esse ideal pancientífico. Além disso, conhece-se bem a raivosa oposição que acompanhou as normas estritas do empirismo lógico e que foi responsável por um abandono gradual de toda "filosofia" ou indagação epistemológica, fosse qual fosse a necessidade: nem uma ponta de metafísica. Com a possível exceção da discussão sobre fundamentos, tudo o mais recende à metafísica e deve ser exonerado de um conhecimento positivo. Daí o aparecimento des

ses historiadores subnutridos, possuidores de um nanismo teórico incurável que motivou a observação de Marrou:

"Parodiando a máxima platônica, inscreveremos no frontão dos nossos Propileus: 'Não se permite a entrada de quem não é filósofo' - se ele não faz uma prévia reflexão sobre a natureza da história e sobre a condição do historiador: o viço de uma disciplina científica exige, da parte do cientista, certa inquietação metodológica, o cuidado de inteirar-se do mecanismo de seu comportamento, certo esforço de reflexão sobre os problemas que se colocam na 'teoria do conhecimento' e que são implicados por esse mecanismo" (68).

A subalimentação e a indigência teórica da história continuísta deixa atrás de si uma grossa crosta de noções mal definidas e um considerável número de problemas não resolvidos. Pior: de difícil solução através dos instrumentos parcos e obsoletos que possui. Vejamos alguns. Qual o estatuto e o funcionamento da origem e por que mecanismos ela estende seu primado até o desenvolvimento que está para se dar? Como são os relés, ou talvez as sinapses, através das quais as continuidades podem se instalar e quais as vias de sua distribuição? Como se deve escandir o tempo: pelas vidas dos grandes homens ou pela separação das épocas, dos séculos, das tradições? De que modo um só e mesmo projeto pode contaminar diversos homens de diversas épocas, mesmo estando em sucessão? De que maneira, através de que artifícios, são feitas as transmissões, as retomadas do que foi deixado para trás e as repetições que são apontadas? Sobre que fundamentos um pensamento pode oferecer caminhos novos para questões que não estavam em seu horizonte? Não se deve ceder à tentação de enfrentá-

(68) MARROU, H.-I., op. cit., p. 10-11.

los e procurar soluções para eles, melhor abandoná-los ao relento para que alimentem a orgia discursiva da história que as criou.

Seria tentador perder-se nos descaminhos de semelhantes s indagações, mas qual seria o ganho? Cortar algumas poucas cabeças da hidra e, além do mais, sem a possibilidade de queimar as pontas decepadas? É mais produtivo remover a crosta nocional que recobre a superfície das histórias das ciências e dos saberes para, então, edificar alguma coisa.

A pesquisa incessante das origens tem mostrado que a palavra origem recobre dois significados. Um deles está ligado a uma identidade primeira que se quer conhecer. Não é nem uma etapa primeira nem um estágio primeiro - que já são, de resto, movimento - que se busca conhecer, mas um momento ainda anterior. O que se busca conhecer é o imóvel, lá onde as coisas se dão a si mesmas, lá onde uma coisa e sua essência ainda estão de mãos dadas, na mais perfeita comunhão, imunes a toda diferença. Mas, a volta a esse lugar de luz e de graça não é hábito estético ou dileitante; não se trata de conhecer por conhecer, de uma atividade da qual todo o pragmatismo estaria ausente. É que, ainda distantes da aparência, as coisas exibem sua verdade, uma verdade redonda e lustrosa, cujo brilho ofuscante repele a dúvida e a incerteza, o erro e a confusão. Essa causa última seria capaz de um poder de coação ao qual nenhum espírito, mesmo o mais cético, poderia resistir.

Não importa quão distante é o lugar ou quão fugaz é o momento, o que importa é que esse ponto zero é um começo que explica. "Antes de poder entender a ciência tal como a conhecemos ago-

ra - como uma instituição social com sua própria tradição e seus próprios métodos característicos - é necessário examinar, primeiramente, suas origens" (69).

O "ídolo da tribo dos historiadores", como é chamado por Marc Bloch, é inquietante. Ocorre que, encará-lo como começo, somente com a "reserva de que para a maioria das realidades históricas a própria noção desse ponto inicial é singularmente fugidia. É, sem dúvida, uma questão de definição. De uma definição que, infelizmente, nos esquecemos freqüentemente de propor". Entretanto, se por origem se entende as causas, "não haverá então maiores dificuldades do que aquelas que constantemente (e mais ainda, é claro, nas ciências do homem) são, por natureza, inerentes às investigações causais" (70). Noção perigosa, portanto.

Dizer que o tema das origens é perigoso é dizer pouco. Teria sido melhor dizer que ele é nocivo. É esquivo, arisco e manhoso, embora esteja sempre presente; é tenaz, resistente, talvez porque assuma diferentes rostos e tenha diversas máscaras. Trata-se de uma espécie de núcleo fundamental, de um centro privilegiado que detém o poder de orientar e organizar o sucessivo. Pouco importa que é a uma arquê ou a um telos que se refere; origem ou finalidade, as especificidades podem ser postas entre parênteses por um instante. Este centro, único por definição, é lugar de transparência onde tudo ganha sentido; porque é ele quem guarda, no recesso de sua morada, a verdade da história. Origem arcaica e enigmática, contudo sempre em vigência, ou direção na qual se caminha, fim ainda não atualizado, embora sempre anuncia

(69) BERNAL, J. D. op. cit., p. 79.

(70) BLOCH, M., op. cit., p. 31. Todas as citações são tiradas daí.

do, essa referência transcendental é a única capaz de conferir significação ao que está em processo. É um recanto especialmente confortador, pois é lá que as coisas se reconciliam consigo próprias: lá está sua alma. Se é o dinâmico que está em questão, se o movimento torna opacos os significados, ali pode ser encontrada sua forma cristalina, imóvel, sem deslizamentos, indiferente a toda contingência, a todo acidente. Ali está, em sua calma secular, à espera de um juízo arguto e equilibrado - como o do olhar penetrante do historiador - que venha compará-lo com seu estado atual, para, então, sair do repouso, do esplêndido isolamento, e mostrar-se em toda a magnitude de sua exatidão. Neste local singular é possível encontrar a coisa em sua identidade, naquilo que lhe é peculiar. O atual - o deformado que não degenerou -, vítima do ritmo turbulento da diacronia, foi desfigurado, eventualmente lesado, porém não adulterado, e pode agora ser restituído ao que lhe é essencial. Tudo o mais é fatalidade, trabalho bruto das conjunturas que não atingiu senão a periferia, deixando o centro intocado. Ora, esse centro, origem ou finalidade, dotado da capacidade de orientar, organizar e dar significado ao devir é fixo e faz pouco caso da temporalidade; numa palavra, é meta-histórico. Aquém, além ou acima da história, essa curiosa forma de onipotência dá as garantias de certeza àqueles que precisam de uma presença tranquilizadora. E, assim, os historiadores dessa linhagem encontram "a verdade dos fatos".

A referência central, índice do que parece ser uma inevitável atividade centrípeta, o coração da história continuísta, não impede, muito ao contrário, se associa, com uma atração igualmente grande pelo quadro. É como se ele fosse o abrigo acolhedor do

movimento apenas aparente dessas novidades que nunca são novas. O quadro é um espaço cartesiano de características interessantes. Dotado de boa elasticidade, pode se retrair ou distender-se com facilidade, recebendo confortavelmente tantos quantos sejam convocados. Tecido por fitas que se entrecruzam, forma um xadrez ideal capaz de transformar a sucessão em simultaneidade na velocidade de um instante. No quadro tudo é contemporâneo. Tanto quanto não tem qualquer preconceito no que diz respeito às diferenças espaço-temporais, não os tem em relação às idiosincrasias de seus hóspedes: pensamentos diferentes, objetos heterogêneos, métodos os mais diversos, se acomodam aí numa pacata vizinhança. Tudo aí é harmonia. Um único senão: à história não foi concedido o dignus est intrare. Embora ele se proponha a exibí-la na imediatez de um olhar, ela aí não pode residir. Não é suficiente a por datas aos nomes e os cemitérios são as melhores provas disto. Não basta ordenar cronologicamente as linhas e/ou colunas, quando a lógica das idéias foi grosseiramente silenciada pela sedução fácil das semelhanças superficiais e das analogias afobadas. Que fim levaram as mais variadas questões que apoquentavam diferentes autores? Onde é que se lê as diferenças teóricas? Aonde está inscrita a coesão de cada um dos pensamentos? Como seria maravilhoso ver Leibniz e Herbart se abraçarem, Goethe e Freud conversarem animadamente sobre suas afinidades; que encontros magníficos: "O historiador constrói seu objeto num espaço-tempo ideal. Compete-lhe evitar que esse espaço-tempo seja imaginário" (71). Foi dito que no quadro a história não pode resi-

(71) BACHLARD, Suzanne. "Épistémologie et histoire des sciences", citada por CANGUILHEM, Georges. Idéologie et Racionalité dans l'Histoire des Sciences de la Vie, Paris, Vrin, 1981, p. 14.

dir? Apenas meia verdade: ele a impede ou, melhor, a expulsa.

O ponto e o plano: falta somente a reta para que tudo es-
teja completo. O ponto é uma espécie de matriz de semiotização
com a capacidade de conceder significados a eventos diversos, põ-
dendo, por isso mesmo, organizá-los. "Sem isso, a história perde-
ria sua continuidade e cairia desastrosamente em uma arbitrária
seqüência de milagres" (72). O plano é o demonstrativo visual e
conciso da continuidade que se deseja. Nesse mostruário do saber,
onde o devir está espacializado em linhas e colunas, a embriolo-
gia e a genética das idéias são expostas com a clareza que é sufi-
ciente para dar conta de todo laço e de toda semelhança. No pro-
digioso espaço bidimensional do quadro "é necessário negligenciar
a maioria das diferenças entre um pensador e outro, indispensáveis
para outros propósitos eruditos, e passar livremente de um místi-
co a um cientista, de um poeta a um filósofo e até de um dualista
a um monista, para rastrear um conhecimento quase universal em de-
senvolvimento" (73).

A miragem colorida das origens e o enquadramento desajei-
tado de uma evolução são boas mostras da ambigüidade da história
continuista com relação ao novo. Ele é, ao mesmo tempo, o dado
e o impensável; aquilo que, evidente, não deixa de ser um escoto-
ma; o inevitável a ser contornado.

"As criações absolutamente novas são muito ra-

(72) WHYTE, L.L., op. cit., p. 31.

(73) idem, p. 78. Declaração eloquente o bastante para dispensar
comentários.

ras, se é que alguma vez ocorrem; a maioria das novidades são apenas combinações novas de antigos elementos, o e grau de novidade é, portanto, uma questão de interpretação" (74).

Como, então, impedir a confusão entre um começo, um ponto de partida, e a origem, ou entre um ponto de chegada e a finalidade? É, do mesmo modo, difícil de escapar de uma arquitetônica das ciências construída segundo uma tabulação como as que são feitas para as plantas e os animais pelos autores de taxinomias (75). Às voltas com uma inquietante dispersão, embaraçados por acontecimentos sempre segmentares, os continuistas não conseguem outra alternativa senão a de obturar os vazios intersticiais, introduzindo, a golpes de marreta, um precursor aqui, outro ali,

(74) SARTON, Georges. The Study of the History of Science, citado por SCHULTZ, D., op. cit., p. 198. Não é supéfluo assinalar que, para Sarton, existe apenas uma história e da ciência, mas o que é certamente mais instrutivo é ver como os profissionais "psi" se colocam em relação à novidade. Ouçamos: "Não temos que resumir aqui o pensamento de Freud, mas queremos destacar, em relação com os estudos sobre o inconsciente, o papel determinante desse pensamento, em claro contraste com as teorias dos fins do século XIX. De certo modo, pode-se dizer que Freud não inventou nada. Os principais elementos de sua teoria, como o conceito de uma memória inconsciente, a repressão, o papel da sexualidade e a importância do sonho e das lembranças da infância, todos esses fenômenos, enfim, eram mais ou menos conhecidos nos fins do século passado. No entanto, ainda não tinham sido interrelacionados e, devido a isso, escapavam a toda intelegibilidade real. A grandeza de Freud consiste, precisamente, em ter sabido sintetizá-los de maneira a superar a perspectiva puramente descritiva de seus predecessores". Ver CHERTOK, Leon e DE SAUSSURE, Raymond. Nacimiento del Psicoanalista, Barcelona, GEDISA, 1980, p. 243. Vê-se bem o quanto pode ser produtivo reler Freud com atenção: um texto como "As resistências à psicanálise", embora já com 60 anos de vida, conserva, ainda, muito do seu frescor.

(75) É notável que o afastamento no tempo não tenha provocado nenhum envelhecimento nas idéias dos taxonomistas. Frequentemente tem-se a impressão de que os historiadores contemporâneos seguem à risca a máxima de Cuvier: "Segundo uma outra comparação, podemos nos representar a natureza e as ciências como dois vastos quadros, dos quais um deveria ser a cópia do outro". Ver CUVIER, G. "Le Progrés des Sciences", Cahiers Pour l'Analyse, 9, été 1968, p.220.

um outro acolá. Eis o que faltava: a linha reta da sucessão e do encadeamento. Parecem não se dar conta de que essas figuras da continuidade não passam de objetos artificiais, verdadeiros artefatos, produzidos quando se faz às avessas o percurso da história; que esses forasteiros não são nada bem-vindos se se trata de escrever uma história digna do nome. Talvez seja porque semelhante estratégia tem uma serventia determinada que eles se apressam na tarefa de cobrir tudo com uma grossa camada de discurso de qualidade discutível, na esperança de que as imperfeições desapareçam. Com esse procedimento historia-se qualquer ciência ou saber, qualquer objeto, é bom que se diga, independentemente das especificidades, até mesmo contra elas.

A novidade é vista com um misto de louvor e horror; se não se pode resistir ao impacto dela e é forçoso celebrar seu aparecimento, tomá-la ao pé da letra traria tantos transtornos que é igualmente forçoso reduzi-la a um eterno já-dito. Logo, o inédito passa por um bom momento para a manifestação da presença triunfante dos precursores. É como se o inovador, amedrontado com sua própria solidão, ameaçado pelo descompasso de seu enunciado com tudo que lhe é contemporâneo e privado do apoio reconfortante do saber estabelecido, ficasse obrigado a buscar caução em algum fragmento ou em alguma minudência do passado, denunciando sua filiação e o montante de sua herança.

"Mas buscar no grande amontoado do já-dito o texto que se assemelha 'antecipadamente' a um texto ulterior, explorar para encontrar, através da história, o jogo das antecipações ou dos ecos, subir até os germes primeiros ou descer até os últimos traços, ressaltar sucessivamente, a propósito de uma obra, sua fidelidade às tradições ou sua parte de irredutível singularida-

de, aumentar ou diminuir sua cota de originalidade, (...) são passatempos simpáticos, mas tardios, de historiadores de calças curtas"(76).

A história tradicional transcorre no ritmo do calendário, num tempo linear paralelo ao cronológico. Um sábio transmite a outro as verdades adquiridas e as questões em aberto, formando uma cadeia homogênea e ininterrupta, espécie de corrente muito peculiar que atravessa os séculos, os mares e os continentes. Quando necessário, basta fazer o caminho inverso, de um precursor a outro, de um antecedente a outro, como se vai, no lapso de um segundo, de Copérnico a Aristarco de Samos. De um historiador para outro, o que varia é a prudência ou a temeridade com que se faz esses deslocamentos. Em qualquer dos casos, o novo é, pois, o seminovo, isto é, o que sendo novo é ainda antigo.

É preciso conter o riso. O problema é sério. O descontínuo, embora seja a matéria prima do historiador, constitui-se para os continuistas numa ocasião de aflição; de perigo e de queda. É superfície demasiado movediça. Eles toleram tão mal o modo próprio de ser do dado histórico, é tal o rancor que têm pelo seu espalhamento, que não há como deixar de recorrer a esses expedientes que só conduzem a espetos. Isto é bem evidente no caso do dispositivo precursor/antecipação. O pré-cursor, aquele que cursou previamente, é uma figura ubíqua e omnitemporal: estando presente no passado também está presente no presente; é uma figura de dois tempos que já cursou antes boa parte do caminho cursado por um outro mais recentemente; é homem de seu tempo, mas também do tempo de quem se diz que ele é precursor. Mas, nesse

(76) FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber, Petrópolis, Vozes, 1972, p. 177.

caso, são as fronteiras da temporalidade que são borradas. Só mesmo por uma singular forma de miopia introduz-se nas histórias dos saberes e das ciências essa personagem que retira da história seu traço essencial: a dimensão histórica. Como o pensamento mais recente nada mais faz que acordar velhas idéias que dormitavam preguiçosamente entre as palavras de seus precursores, o passado e o presente deixam de ser qualitativamente diferentes. Mais ainda: o passado passa a ter direito e soberania sobre o presente; afinal, se este já está contido naquele e se o primeiro vem operando desde sempre, é ele o mais fundamental. Entretanto, ou bem o novo é irreduzível ao antigo - que é quando ele faz juz ao nome - ou, então, ele simplesmente não é novo.

Não resta dúvida que os antiquários são zelosos na preservação, conservação e classificação de seus objetos. Mais ainda os conservadores de museus, que, além de tudo, devem ser atentos às minúcias da existência do que têm sob a sua guarda. Todas essas qualidades estão indubitavelmente presentes nos praticantes da história tradicional. Poder-se-ia mesmo dizer que eles não são mais que antiquários ou conservadores de museus - de idéias. Dado que a história é encarada como repertório de soluções, o que importa é que ele seja completo, exaustivo, os acidentes de percurso podendo ser negligenciados. Ora, ocupados na busca de uma pureza primordial que atravessa toda a filiação e quer dar conta dela na forma tabular de um quadro, entendendo que não se explica a significação atual sem um confronto com a significação original, esses colecionadores não se colocam a questão, talvez mais perturbadora, certamente mais produtiva, de saber como e em função de que houve um deslizamento de significações, onde e porque se deram as

fraturas, em que momento e através de quem um novo campo de problemas surgiu como cogitação possível, em resumo, que rupturas levaram a uma transformação de alto a baixo no campo dos possíveis. Colocam entre parênteses o fato de que soluções não existem sem problemas, respostas, ainda que provisórias, não afloram sem perguntas, como se tivesse havido desde sempre uma identidade de questões que vêm sendo postas desde que um pensamento sistemático, por mais arcaico e elementar que pudesse ser, se deparou com alguns enigmas que resistiam a ele e à uma primeira e simplória explicação. Compreende-se, então, o que levou Canguilhem a afirmar que "antes de colocar juntos dois percursos num caminho, convém primeiro assegurar-se de que se trata do mesmo caminho" (77). Mas como, se os nossos antiquários trabalham com fatos descozidos, registrados desprerenciosa e despreocupadamente, fazer essa indagação?

"A história de uma ciência é assim, o resumo da leitura de uma biblioteca especializada, depósito e conservatório do saber produzido e exposto, desde as tabuinhas enceradas e o papiro até a fita magnética, passando pelo pergaminho e o incunábulo. (...) A totalidade do passado está aí representada numa espécie de plano contínuo dado sobre o qual se pode deslocar, segundo as conveniências do momento, o ponto de partida do progresso cujo termo é precisamente o objeto atual do interesse" (78).

Seria interessante indagar ainda mais se o passado de um conhecimento atual coincide com esse conhecimento no passado. Entretanto, essa interrogação não tem sentido para quem o conhecimento

(77) CANGUILHEM, Georges. Études d'Histoire et de Philosophie des Sciences. Paris, Vrin, 1968, p. 21.

(78) CANGUILHEM, G. Ideologie et Racionalité ... , p. 14.

é um estado e não um processo, para quem a "história" do conhecimento é feita por um método histórico-transcendental, cuja faina consiste em demonstrar de que maneira o verdadeiro se adicionou ao verdadeiro e na qual o precursor é marco fundamental no caminho da evolução. Segundo esse método, basta enfileirar os precursores numa fila indiana para que a seqüência ininterrupta mostre a lógica irresistível dos aperfeiçoamentos e do progresso. Quase se poderia dizer que, desde o início, cada precursor tinha seu lugar guardado na fila, já que um desenvolvimento lento e, sobretudo, gradual vem preparando, já há tempos, o seu lugar. Só que um desenvolvimento longamente preparado e o precursor com suas antecipações são criaturas desse método histórico-transcendental e não existem fora dele.

"O precursor é o homem de saber do qual se sabe somente bem depois dele que ele correu na frente de todos os seus contemporâneos e na frente daquele que se tem como o vencedor da corrida. Não perder consciência do fato de que ele é uma criatura de certa história das idéias e não o agente do progresso da ciência, é aceitar como real sua condição de possibilidade, a simultaneidade imaginária do antes e do depois numa espécie de espaço lógico" (79).

O trabalho do chamado precursor, é bem verdade, admite que, uma leitura esperta extraia dele traços que tem algo em comum com o que foi formulado por aquele de quem se diz que ele foi precursor. Não é menos verdade, entretanto, que se poderia extrair outras coisas bem diferentes se se quizesse, pois, a leitura que se faz do precursor é uma leitura a posteriori, feita por quem já conhece os dois pensamentos, considera que, de lá para cá, hou

(79) CANGUILHEM, G. Études d'Histoire et de Philosophie des Sciences. Paris, Vrin, 1968, p. 22-23.

ve um avanço, e que anunciou desde logo o atavismo que os une. Trata-se de "uma ilusão que poderia ter sido uma verdade" (80).

É "evidente - ou ao menos deveria ser - que ninguém jamais se considerou precursor de algum outro" (81), o que seria, a final, uma impossibilidade, porque, "não é permitido dizer que se sabe alguma coisa mesmo quando se a fêz, enquanto não se sabe que a fêz. Sócrates já professava que saber é ser capaz de ensinar" (82). O precursor desconhece que é precursor pelo simples facto de que desconhece - o que é óbvio - o trabalho daquele de quem se diz que ele é precursor. Porém, o diligente historiador faz de conta que existe um projeto comum, uma questão comum, um arcabouço conceitual comum, enfim, um objetivo comum que os liga. Entre os dois, nos é dito, não há senão identidade. Tudo se passa como se, desde priscas eras - desde os pré-socráticos ou, talvez, desde antes - se tivesse enfrentado sempre os mesmos problemas e da mesma maneira. Inacreditável perenidade ou teimosia asnina? Para ver como esta tese é extravagante, basta uma olhada na psicologia. Existirá uma única psicologia? Unificada pelo seu objeto, pelos seus métodos ou pelo domínio de que se encarrega? Pode ela ser totalizada? Nesse caso, o behaviorismo, a psicanálise, são frações dessa unidade? Dado o conjunto de teóricos formado por Freud, Skinner, Hull, Lacan, Koffka, Hebb e Lewin, como reuni-los na mesma totalidade? Como, então, falar da psicologia como um to-

(80) CANGUILHEM, Georges. La Connaissance de la Vie, Paris, Vrin, 1975, p. 47.

(81) KOYRÉ, Alexandre. La Revolution Astronomique, citado por Canguilhem, Études ..., p. 22.

(82) BRUNSCHVIG, Léon. La Connaissance de Soi, citado por BACHLARD, Gaston. L'Engagement Rationaliste, Paris, P.U.F., 1972, p. 143.

do? Ora, um conjunto assim incompleto não abrange mais do que 80 anos; isso é um nada diante da idade de um saber que, como se costuma afirmar, nasceu junto com o pensamento sistemático. Questões adventícias girando um torno de um personagem espúrio serventede um discurso frágil que se esgarça à menor esticadela. Ele não só é elemento extrínseco ao campo que se pretende historiar, como se presta ao propósito doloso de dar conta de uma unidade e uma totalidade inexistentes. E quanto a seus criadores? Deles se pode dizer que "sofrem principalmente de reminiscências".

No entanto, o precursor sozinho não faz verão. Para sua funcionalidade ele requer seu complementar: a influência. Se os precursores formam as linhas de transmissão do conhecimento no tempo, as influências parecem ser o suporte dessas transmissões. É preciso dizer "parecem ser", e não "são", já que essa noção é, de longe, a mais enigmática e perturbadora das que se utiliza na história continuista. Indefinida espécie de fluido, esse meio de propagação das idéias caça os que tentam aprisioná-lo pela análise, confundindo-os com seus jogos de esquiva, com sua magnífica imprecisão. É bem possível que seja da maior imprudência insistir nesse empreendimento.

Influência, confluência, efluência, fluência, afluência, todos esses cognatos derivam de fluere, fluir, isto é, "correr, escorrer (como os líquidos), manar, proceder, derivar" (83). Conquanto a etimologia seja útil, fornecendo, portanto, incentivo para recorrer-se a ela sem reservas, não se deve valorizá-la em demasia. Convém não ficar embevecido com a segurança que decorre

(83) CUNHA, Antonio G. Dicionário Etimológico, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982, p. 362.

o encontro com o significado primeiro e original, para não perder de vista que o mais importante está por vir. Não que a informação etimológica seja de se desprezar, porém o caroço do problema consiste em determinar de que maneira e em função de que razões, o original tem sofrido deslizamentos e flutuações ao longo do tempo, tendo, amiúde, assumido significações muito distantes da primitiva. Ainda assim, a etimologia parece vir em nosso socorro: a influência é algo que corre, escorre, concorre, enfim, para o andamento do saber. É cedo, talvez, para investigar as vias de sua operação, os canais de comunicação, os capilares que decerto percorre. Tampouco é hora de verificar como os percorre.

Diz-se que ela teve aplicação exuberante na Idade Média e no Renascimento - possivelmente não nos abandonou até hoje - para descrever o modo de ação dos astros sobre as pessoas. São bem conhecidas as posições, os movimentos, as conjunções, os ascendentes; tudo isso é bastante importante nas definições da vida de cada homem: o celeste influencia o sublunar. O comportamento, o repertório completo das atitudes, refletidas ou não; o sucesso, o fracasso e a fortuna; nada escapa de uma certa relação entre os corpos celestes. Saber esotérico, repleto de magia e surpresa, encontra num mapa exótico e generoso o conhecimento soberano sobre a existência dos indivíduos. Tem uma inusitada estrutura, misto de matemática e erudição, de casuísmo e metafísica, de profano e sagrado. Mas, o contraditório dessa composição, nem de longe aborrece seus adeptos; iniciados ou iniciantes, hermeneutas ou consultentes, eles todos se encontram confortavelmente instalados na forma mágica dessa sabedoria. O mesmo não pode ser dito dos que passaram pela ascese do conhecimento científico, para quem não po

de deixar de ser um motivo de censura a mixórdia desse discurso. Para os usuários de uma linguagem nobre e refinada, cuidada nos mínimos detalhes e expurgada das fontes de confusão, a linguagem plebéia e selvagem do conhecimento dos astros é como uma mulher de vida fácil com quem não se pode estar junto. Não obstante, as trólogos e historiadores da ciência são cúmplices no uso desabusado da idéia de influência. Curiosa convivência!

De origem mais respeitável e mais recente é uma outra idéia: a de que, nas interações corpo/espírito ou corpo/alma, o segundo termo do binômio, tem inquestionável ascendência sobre o primeiro. Feito à imagem e semelhança do Todo-Poderoso, sopro de vida infundido por Ele no vivente, esta causa primeira e essenci al teria influência decisiva sobre a finitude. Sede dos ardores e dos desfalecimentos, de desejos secretos e tentações inconfessáveis, a matéria bruta do corpo carregaria, no entanto, a Verda de Essencial desse motor imóvel, a cuja influência cederia, em última instância. Se o erro e a queda são imanentes à materiali dade corpórea, resta a transcendência do Verbo e da Virtude. Esta influência imponderável, não passível de verificação empírica, não falseável por qualquer teste, não contrastável seja lá por que experimento fôr, só pode dar, aos irados críticos da metafísica, bons motivos para, ainda uma vez, investir contra as afirmações apriorísticas sobre a realidade, contra os pseudoproblemas filosóficos que devem ser eliminados como problemas sem significação e, afinal, enfatizar a obrigação de um retorno ao bom cam inho da observação empírica. Seja lá como fôr, o que pode o ligi cismo de Viena ou de Oxford contra a desobediência secular das palavras? Só que os historiadores afiliados a ele e os missioná

rios da quintessência da metafísica se irmanam no emprego franco da idéia de influência.

A complementariedade precursor/influência exige a presença simultânea do par, separável apenas quando se visa examiná-los em minúcia. Efetivamente o precursor exerce influência e a influência não vem do nada, vem do precursor. É claro que não há nisso qualquer alusão a uma oposição de tipo masculino-feminino, manifesta unicamente no gênero das palavras: o precursor e a influência. Ele é avanço, antecipação, atividade; ela é incidência, recepção, passividade; mas tampouco se deve ver aí o elogio de uma positividade e a crítica de uma negatividade (já deveríamos ter aprendido a trabalhar com a oposição passivo-ativo). As duas noções juntas repartem o saber, separando o dominante do recessivo. Há trabalhos que, por seu frescor e viço, por seu brilho e vigor, têm poder de determinação sobre outros em relação ao qual estão indefesos. Nesses últimos existem indiscutivelmente traços da autoria, contudo as características do pensamento influente se impõem e saltam aos olhos. Índice dessa coação irresistível, a influência é marca gravada na massa sensível de um pensamento que, não podendo ficar imune à sua presença constrangedora, conforma sua própria organização ao timbre do precursor.

A influência é excessivamente versátil. Ela pulula por toda parte; é manifestação e efeito que acompanham todo evento. Apesar disso - em grande medida essa é a razão de seus usuários terem se habituado a nadar em águas turvas - permanece em vigência e não apresenta sinais de cansaço. Os autores de um livro (84)

(84) SHAKOW, David e RAPAPORT, David. The influence of Freud on American Psychology, New York, International Universities Press, 1964.

"que pode ser considerado um singular estudo de caso na pesquisa de influência" (p. 7), iniciam com uma avaliação teórica dela e tentam defini-la: "Quando a palavra influência aparece num contexto científico, o leitor pode naturalmente esperar uma discussão do problema geral constituído pelo modo como as idéias em ciência ganham aceitação". Logo, provavelmente à falta de uma conceituação mais apertada do fenômeno - o que, de resto, pode ser inerente à sua gratuidade -, o texto escorrega para a definição operacional: a influência pode ser medida pela sua aceitação. Esta última, é claro, é tomada como postulada. Enredados em suas próprias dificuldades, os historiadores se decidem pelo "estudo genético" do problema, empreendimento que consiste na busca das "tendências prévias similares". Um passo e se esbarra com as "mais primitivas teorias do inconsciente de Herbart, von Hartmann e Carpenter", das quais se fica sabendo que tiveram pouco "efeito direto sobre o conceito freudiano do inconsciente, se bem que ele (Freud) estivesse familiarizado com elas desde sua juventude e tivesse sido influenciado por elas de um modo geral" (p. 7, grifo nosso). A tese, mesmo para os apreciadores da noção, é bastante exótica e capaz de exasperá-los, mas esse não é o problema principal. O que espanta é o que ela contém de contraditório: afinal, houve ou não houve influência sobre Freud? Seria vão esperar esclarecimento. Na continuação, toma-se ciência de que "o que parece seguro, não obstante, é que elas contribuíram para formar o Zeitgeist, e que sua influência fez com que o Zeitgeist fosse, afinal, receptivo, à influência de Freud" (p. 8) É compreensível que alguém, ao ler um texto assim, seja levado ao tédio e ao sono; somente por uma teimosia sem tamanho pode-se desejar decifrá-lo. Mãos à obra; estamos com

um novo (e intrigante) personagem que acabou de entrar em cena. Tentemos compreendê-lo (85).

De talhe hegeliano (86), o "espírito do tempo" é dotado de singular capacidade de coerção: moldar tudo aquilo que é enunciado numa determinada época. Não é só a unidade característica dela, abrangendo a vasta coleção das manifestações culturais, políticas, artísticas e religiosas, mas também o conjunto de seu conhecimento científico. Exerce poder constringente sobre os problemas que um dado período de tempo pode se colocar e, por conseguinte, determina, desde o começo, as respostas que esse tempo pode produzir ao enfrentar seus desafios. Diante da tirania dele, o sábio não é mais que escrivão. O Zeitgeist é o que há de mais essencial, é o modo de ser próprio de uma época; na verdade, é seu perfil histórico. Não raro está associado ao Volksgeist, "espírito da nacionalidade", com o qual, de parceria, for

(85) Seria necessário dizer que ele está em cena desde o começo. Tomado como axioma, como verdade evidente por si própria, já apareceu na primeira frase do livro: "Os psicólogos que estudam a história geral da psicologia, podem, com razão, visualizar a espécie de intrincadas relações que ela trata como afetadas de modo importante pelo Zeitgeist. O estudo de um problema específico, como o da influência de Freud na psicologia, requer tanto um exame detalhado dessas complexas interrelações, quanto uma tentativa de esboçar os vários processos que compõem a totalidade chamada de Zeitgeist". Scilicet: é inevitável.

(86) Leia-se a "Fenomenologia": devemos estar persuadidos de que a natureza do verdadeiro é transparecer quando seu tempo é chegado, e de que ele se manifesta apenas quando este tempo é chegado; é por isso que ele não se manifesta cedo demais e não encontra um público sem maturidade para recebê-lo; devemos também estar persuadidos de que o indivíduo necessita deste resultado para se confirmar no que ainda não passa de sua convicção solitária e para experimentar como algo universal a convicção que pertence inicialmente apenas à particularidade". HEGEL, La Phénoménologie de l'Esprit, Paris, Aubier, 1941, vol. 1, p. 61.

ma essa espécie de matriz espaço-temporal ou de totalidade cultural dentro da qual está o campo dos possíveis para o pensamento.

Na história da psicologia a noção foi reanimada por Boring, para quem ela se identifica com os "hábitos de pensamento que pertencem à cultura de qualquer região ou período" (87). Tem recebido numerosas adesões, de procedência e respeitabilidade variável - Murphy, Ellenberger, Alexander, Schultz, Wertheimer - tanto quanto tem criado variantes, como é o caso do "pensamento que estava no ar" - Marx e Hillix, Whyte, mas também Brett, entre outros -, sendo que, lá como cá a incerteza e a indefinição não cessarem de aumentar. Os que optam pelo emprego generoso dessas idéias não se lembram nunca de explicar por que complicados processos físico-químicos ocorrem essas volatizações ou qual a mecânica envolvida na evanescência que produz o Zeitgeist e seus sucedâneos. Ninguém se ocupa de demonstrar como é que atuam essas maravilhosas formas unitárias e totalizadoras de uma cultura; de onde vem e como funciona a fantástica competência capaz de constranger a todos e da mesma maneira; de que modo e por quais

(87) BORING, op. cit., p. 3. Nesse mesmo contexto, ele faz uma interessante precisão para os que escrevem a história, seja como profissionais, seja como amadores de fim de semana: em teoria da história há duas posições metodológicas diferenciadas, a da história personalista e a da história naturalista. Num caso como no outro, o que está em discussão é aquilo que movimenta a história. A personalista é a que faz do homem o motor da história: o grande homem é o construtor. Veja-se Copérnico e Darwin, Newton e Wundt. A naturalista, ao contrário, considera-o o agente, espécie de instrumento especial do Zeitgeist. A primeira, que se confunde com o senso comum, põe nos ombros de seus heróis a responsabilidade pelas mudanças nos rumos do conhecimento. A outra - a eleita por ele - concebe o pensamento do grande homem como "fenômeno natural" de uma inexorável cadeia, na qual seus "antecedentes" devem compartilhar a ribalta com ele. Ele está incluído na lei autoritária e silenciosa do espírito de seu tempo. É a história colocada sob o tacão dessas leis retumbantes que estão sempre aquém ou além dela; é a história traída.

processos os diferentes problemas e as incontáveis soluções novas encontrados por um segmento do pensamento se acomodam tão harmoniosamente dentro desse quadrilátero mágico. Aparentemente, a forma da reflexão e da sensibilidade, a qualidade do olhar e sua decodificação, a natureza dos objetos e o inquerito que a ele se faz, estão confinadas a uma moldura secular que, totalitária e oculta, por trás do pano da história, como um grupo de teatro de fantoches, encena o que é possível sentir e pensar, ver e perguntar, olhar e interpretar. Ora,

"é preciso repor em questão essas sínteses acabadas, esses agrupamentos que, no mais das vezes, admite-se antes de qualquer exame, esses laços cuja validade é reconhecida desde o início; é preciso desalojar essas formas e forças obscuras pelas quais se tem o hábito de ligar entre si os discursos dos homens; é preciso expulsá-las da sombra onde reinam. E ao invés de deixá-las valer espontaneamente, aceitar tratar apenas, por cuidado de método e em primeira instância, de uma população de acontecimentos dispersos" (88).

Para os historiadores de influências, o elemento transcendental que é o Zeitgeist - mas, também os seus congêneres, Volksgeist, "pensamento que estava no ar", Weltanschauung - têm uma existência que muito se assemelha à de um ser humano: eles têm um nascimento (não importa que ninguém saiba dizer como foi o parto, o período pós-natal e a infância), se desenvolve e amadurece naturalmente (embora ninguém descreva as vicissitudes por que passa na adolescência, como chega a se tornar adulto), finalmente, envelhece e começa o seu eclipse (mas ninguém nunca nos conta como foi sua velhice e morte). É daí que se tira permissão para falar num

(88) FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber, Petrópolis, Vozes, 1972, p. 32.

"Zeitgeist que se tornou receptivo", como se se tratasse de alguém cuja franqueza, cuja liberalidade se deve elogiar, ou num "Zeitgeist que estava preparado para receber" isto ou aquilo, tal como se fala de um homem maduro que já não se descabela por qualquer motivo. Miséria da história.

Digamos claramente: a influência é uma dessas noções que se encontra além do limite de analisabilidade. Meio (material ou não) de transmissão e de propagação, ela foi inventada para explicar as analogias e as similitudes, as retomadas e as repetições. Seu poder de contágio é prodigioso: ela está apta a religar as unidades mais heterogêneas, como indivíduos, conceitos, teorias, livros, movimentando-se com toda liberdade independentemente de fronteiras espaciais ou limites temporais. Eis porque ela enfeitiça os historiadores, de modo que eles não podem mais ver que estão diante de uma aporia. Eis porque eles não se abalam com as imprecisões e indefinições da influência. Muito ao contrário, parecem indiferentes a essas dificuldades. Tanto que empregam-na sem a menor cerimônia. Pior: ela e as outras com as quais se acumplicia têm trânsito fácil tanto entre os chamados "idealistas" quanto entre os chamados "positivistas". Justifica-se perguntar porque brigam. Seus debates se parecem com os que se travaram entre os defensores de heliocentrismo e os rebeldes do geocentrismo: pura agitação discursiva; estavam, afinal, do mesmo lado. Discutiam apaixonadamente sobre um centro - Sol, Terra, pouco importa - quando a verdadeira questão não era essa. Não se tem até hoje a demonstração definitiva de que exista um centro.

Seria lamentável engano pensar que o que se propõe é o banimento puro e simples dessas palavras do léxico dos historiadores

dores. Isto seria, no fim de contas, iniciativa por demais imprudente. Além de inócua do ponto de vista da linguagem deles, o exílio puro e simples não daria qualquer garantia da interdição das idéias que essas noções recobrem, estas sim dignas de todo desprezo. Pois, o mínimo que se espera de um praticante da história é que seja escrupuloso o suficiente para evitar que noções balofas e flácidas contribuam para esfarrapar o tecido do discurso histórico. Que, doravante, sempre que fosse necessário utilizá-las - será que alguma vez o é? - isto fosse feito com mais atenção e rigor, tomando o cuidado de mostrar suas cartas de alforria. Mas, talvez isso ainda seja demasiado ingênuo. Talvez esse conjunto de figuras da continuidade tenha um papel a desempenhar.

"A história contínua é o correlato indispensável à função fundadora do sujeito: a garantia de que tudo que lhe escapou poderá ser-lhe devolvido; a certeza de que o tempo não dispersará nada sem reconstituí-lo em uma unidade recomposta; a promessa de que todas essas coisas mantidas a uma grande distância pela diferença, o sujeito poderá um dia - sob a forma da consciência histórica - delas se apropriar novamente, restaurar seu domínio sobre eles e encontrar o que se pode bem chamar sua morada. Fazer da análise histórica o discurso do contínuo e fazer da consciência humana o sujeito originário de todo devir e de toda prática são as duas faces de um mesmo sistema de pensamento" (89)

Manancial inesgotável, os textos têm fornecido alimentação farta e bom sustento para análises de todo tipo, ensaios de toda natureza, histórias de toda índole. No entanto, como é que não são consumidos? Com maior ou menor gula, com mais ou menos moderação? Pelos historiadores das idéias e das ciências, com exemplar disposição; com sofreguidão, poder-se-ia dizer. Com a-

(89) FOUCAULT, op. cit., p. 21.

quele apetite enorme de quem se senta à mesa depois de longa abstinência. Resultado: se empanturram com as entradas e, quando vem o prato principal, a fome lá se foi; já estão satisfeitos e pouco resta a fazer senão beliscar sem poder saboreá-lo. Depois disso, a preguiça; a moleza e a madorna. A apetência é tal e a rapidez é tanta que não há como se demorar nos textos. Acabam sem verificar a que sabem e, por conseguinte, o que sabem. Eles são lidos gulosamente, um após o outro, sem que mastigação da análise os atinja. Não passam, desse modo, de pretexto para as mais preguiçosas especulações da hora da sesta: sobre a verdadeira origem do que está em ação; sobre a constituição da longa série retrôgada dos antecedentes, dos precursores, das filiações; sobre as enigmáticas influências de seus contemporâneos ou dos que viveram antes; sobre o valor das motivações e intenções - nem sempre conscientes - dos autores; sobre sua época, o espírito dela, as tradições que herdou e as incidências disso tudo sobre o caso particular que está sendo examinado; sobre a curva evolutiva desenhada e as direções que aponta, os objetivos já anunciados, os fins em execução.

Os textos não passam de pretextos - ou pré-textos - para um sem-número de indagações inessenciais que só podem ser efetuadas fora deles, e que só muito raramente são autorizadas por eles (se é que alguma vez o são). A ambição é conhecida: encontrar a verdade mais profunda e mais essencial, aquela tão profunda que é capaz de prestar conta até da miudeza; tornar-se intérprete autorizado e abalizado, para poder afirmar, para além das habituais incertezas, "o que o autor realmente quis dizer". Suavemente, sem atrito, mas também sem saltos ou degraus, desliza-se do texto do autor: um explica o outro. E mais, o deslizamento pode se dar

através de uma via de mão dupla.

Com Freud tem-se um exemplo especial. Aqui quase se pode escutar uma confidência, dita em tom de lamento: o que seria de nós sem Jones, Bernfeld, Kris, Schur! ⁽⁹⁰⁾ Embora fosse necessário suspeitar deles, embora Freud tivesse sido crítico - às vezes corrosivo - das biografias ⁽⁹¹⁾, na medida em que ele usou extensamente sua própria vida como matéria prima, a prática de usar o dado biográfico como ponto de partida, aval ou confirmação, material para interpretação ou simples erudição, se generalizou. Da alteração da identidade civil à alteração da mandíbula, cada ínfimo pormenor da vida dele foi isolado, dissecado, observado, analisado, interpretado. No entanto, que ninguém vá pensar que, por parte dos historiadores, o uso mais ou menos selvagem, mais ou menos comedido, da "vida do autor" em sua "obra" é algum privilégio de Freud. Que devido às suas próprias iniciativas e à natureza do assunto não era possível fugir a isso. Há

(90) Um autor cujo projeto é construir uma "epistemologia freudiana" escreve: "Por outro lado, o que permanece disponível é a fonte de informações preciosas constituída pelos clássicos da gênese: Ernest Jones, Siegfried Bernfeld, Ernst Kris". Ver ASSOUN, P.-L., *op. cit.*, p. 37, sob esse aspecto, não deixa de ser "edificante" o livro de ANZIEU, já citado.

(91) "Quanto aos biógrafos, que se atormentem, não temos nenhuma vontade de tornar as coisas mais fáceis para eles. Todos terão razão quando expressarem sua opinião sobre 'o Desenvolvimento do Herói' e eu já estou antegozando a perplexidade deles", diz, zombeiro, à Marta em 28/4/1885. Ver: FREUD, Sigmund. *Correspondência de Amor e outras cartas*, Rio de Janeiro, 1982, p. 169.

Ou, então, "quem escreve uma biografia se compromete com mentiras, dissimulação, hipocrisia, adulação e até com o ocultamento da própria incompreensão, pois a verdade biográfica é inacessível. Se se pudesse alcançá-la ela de nada serviria", afirma, cético, a Arnold Zweig em 31/5/1936. Por certo ninguém dirá que o Freud da maturidade contesta o jovem Freud. Ver: FREUD, Ernst. *The Letters of Sigmund Freud and Arnold Zweig*, Harcourt, Brace & World, New York, 1970, p. 127.

um hábito de pensamento que considera de boa norma escrever esse tipo de história, cujo método poderia ser chamado de empirista - psicológico. Freud é apenas uma de suas vítimas. Inicialmente, julga-se primordial elaborar um cuidadoso levantamento de tudo o que possa ser relevante na vida do autor. Depois disso, o trabalho consiste em estruturar essa massa de informação de forma a não deixar na orfandade algum evento importante para o qual não se disponha de explicação satisfatória. Em numerosos casos, mais uma preocupação está presente: para além do perfil biográfico, constituir um ensaio de epistemologia ou de história do saber. Eles cruzam os fatos de pensamento com as crises existenciais, com os momentos decisivos, com as tradições étnicas ou culturais, com o espírito do tempo ou com os traços característicos da nacionalidade, com as influências diretas ou indiretas de todo tipo, com as diversas tomadas de consciência e assim por diante. Fixam, afinal, cada aparecimento, datando-o e prestando conta de suas causas. De posse desse acervo pretendem dominar o cerne do pensamento: interpretar o que ele quis dizer, preencher as lacunas deixadas, contornar as hesitações, enfim, detectar uma miríade de significações preciosas e até então secretas no discurso do biografado.

É como se o tecido teórico fosse demasiado espesso, com uma trama excessivamente fechada, e que somente àqueles que conhecem os pormenores de sua produção tivesse sido concedida a permissão de se pronunciar sobre ele. As palavras teriam encoberto palavras mais exatas e mais fundamentais e, sem uma translação do texto, teria sido impossível fazer aparecer o enunciado mais próximo do verdadeiro, o sentido mais autêntico. Natural-

mente, essa operação não poderia ser efetuada por amadores. Trata-se de uma atividade de exegese que "procura transformar um discurso condensado, antigo e como que silencioso a si mesmo, em um outro mais loquaz, ao mesmo tempo mais arcaico e mais contemporâneo" (92). Os que porventura tenham conseguido o nihil obstat, têm, doravante, delicadas tarefas a cumprir: eleger os textos capitais - que recebem salvo-conduto para transitar com desenvoltura pelas citações - relidos com foco e lupa; não negligenciar os fragmentos reveladores, anunciados com pompa e circunstância; procurar as inesperadas, ricas notas de rodapé, de onde o comentarista atento e autorizado minera suas preciosidades; ler, na entrelinha adormecida, o que restava como não enunciado.

Como é imprescindível vasculhar todo o escrito e ir ao recôndito de cada frase, maior é o esforço no caso dos teóricos - como Freud - de longa vida produtiva. Só depois de terminada essa trabalhosa empreitada, é permitido pronunciar o que não tinha sido pronunciado; parar diante das incertezas, das hesitações, das partes obscuras, e dizer "o que ele queria dizer" ou "em que, provavelmente, pensava quando afirmava ...". Eis a meia palavra do bom entendedor.

Sobre o pano de fundo da permanência, há certas questões que são sempre retomadas, como que reavivadas por algum mandarim que se propõe a renová-las a partir de uma nova clareza ou com vistas a novas sínteses. Tome-se, por exemplo, a questão do "biológico" em Freud. Os textos são testemunhas de que ele tinha lá suas idéias sobre o assunto. Tinha também um considerável número

(92) FOUCAULT, Michel. O Nascimento da Clínica. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1977, p. XV.

de questões em aberto; tinha até algumas boas questões de solução muito difícil. Fazem-nos crer, contudo, que sem aprofundá-la, equacioná-la e tentar resolvê-la não será possível compreender as armadilhas do sintoma, os enredos dos sonhos ou as travessuras do desejo. Será mesmo necessário dominá-la e avançar nela para manejar a indecisão da transferência e as intrigas da resistência? Desconsiderá-la como questão central da psicanálise será igual a abrir mão dos usufrutos provenientes do conhecimento do inconsciente? Para uma boa utilização da teoria psicanalítica, de sua técnica, de seus modos de pesquisa, será forçoso totalizar o discurso freudiano? Procurar incessantemente a unidade que seria capaz de dar conta dessa totalidade? Para resolver esses problemas, não haverá outra saída senão tentar colocar-se no lugar de Freud para retornar às suas dúvidas? Alguns exegetas parecem sempre estar seduzidos pela possibilidade de se deparar com as mesmas encruzilhadas com que Freud se deparou, enfrentar os mesmos enigmas que ele enfrentou, na esperança de encontrar o que lhe faltou, ver o que ele deixou de enxergar, enunciar o que ele deixou de pronunciar. Ora, isso tudo é inacessível e, "se se pudesse alcançar, isto de nada serviria".

Reconhecida a impostura dessas sínteses históricas a que se chamou de transcendental e empírico-psicológica, não se pretende colocá-las sob escrutínio visando a sua renovação, melhoria ou aperfeiçoamento. Por um lado, elas talvez não tenham conserto, por outro, não se critica uma história canhota em favor de uma apenas perdoável. Nada a ver, portanto, com tentativas de encontrar a mistura sensata e equilibrada da continuidade e da descontinuidade, ou a busca de um novo composto que resultaria da fusão bem

dosada do "grande homem" com o Zeitgeist, na fornalha do pensamento. Tampouco se deve esperar a definição de novas regras de interpretação que pudessem rever alguma questão abandonada ao desabrigo pelos comentaristas de uma particular obra, e que venham de terminar a verdadeira identidade do pensamento do autor, o próprio coração dela. O que se pretende é evitar entrar no jogo de espelhos no qual operam essas sínteses apressadas. Ele não cessa de rebater daqui para ali um conjunto de discursos - tecidos com noções admitidas desde sempre, sem definição nem crítica - que, apoiadas em uma cumplicidade imaginária, não fazem outra coisa senão se reconhecerem. Por outras palavras, o que se quer é pôr em suspenso as formas "dadas e naturais" de solidariedade que fornecem suporte à história tradicional ⁽⁹³⁾; romper o traçado precário de uma história preparada à base de categorias miúdas que se tem de antemão e que são usadas sem qualquer cerimônia; desfilar a trama discreta e contínua que sempre tem que levar a algum lugar privilegiado, em recuo ou em profundidade por relação ao que se conhece, donatário, seja lá em que tempo fôr, das significações mais preciosas e exatas; corroer os ligamentos entre o que está enunciado nos textos e a subjetividade que os teria animado, e cuja verdade só pode ser pesquisada nesse espaço invisível, exterior

(93) "Voltar às próprias coisas, às multiplicidades misturadas, às dispersões, tomando-as como tais, não mais as encadear em seqüências lineares ou planos múltiplos tecidos em redes, mas tratá-las diretamente como grande números, grandes populações, nuvens. Onde o tecido regular torna-se exceção e não mais, norma totalizante. A lei não é mais lei, ele é o limite. Produzido por nuvem, e não pela razão que o possui, o sabe, o contempla. Restituir às coisas a totalidade de seus direitos, antes de intervir. "Eis o que diz Serres, aguerrido, contra a história tradicional. Que se leia seu bonito texto: SERRES, Michel. "As Ciências", in: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. História: novas abordagens, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976, pp. 160-179.

aos textos, da biografia dos indivíduos. Esses expedientes que se fazem passar por caminhos seguros e inevitáveis - uma espécie de via real - da incansável tarefa de uma consciência que tem que se dobrar sobre si mesma e sobre seu passado, não são senão estratégias para espantar os fantasmas da diversidade e da diferença. Em sua função conservadora, essas estratégias de recuperação e reconstrução da perenidade do mesmo - essa genealogia do mesmo, para empregar uma palavra tão em voga entre os mais "modernos" dos que se ocupam dessa tarefa -, servem ao propósito confortador de reequilíbrio e recentrar um sujeito que tem se tornando sempre mais vulnerável tendo sido atingido por tantas injúrias narcísicas.

É preciso, então, examinar o conjunto dos textos freudianos tomando dois tipos de precaução. Em primeiro lugar, a de acautelar-se contra as tentações de buscar, com base no fato de que a autoria deles é conhecida e não contestada, na identidade-única, por suposto - do indivíduo que os teceu, a unidade do pensamento incrustado neles. Além disso, a de não recorrer a qualquer critério externo - seja lá de que natureza fôr - a eles, que, do lugar autônomo onde se encontra, venha ditar normas às suas intimidades ou à sua intelegibilidade. Dito de outro modo: ou eles carregam consigo suas próprias regras de intelegibilidade, sem outras leis que não suas próprias, ou não merecem sequer nossa atenção; quanto mais o tempo gasto e o esforço dispendido em escrever algumas páginas a seu respeito.

Falar da obra de um autor é, comumente, fazer referência a um conjunto de escritos em grande medida heterogêneos, capaz de agrupar trabalhos de diferentes épocas, de ambição e qualida-

de bastante diferenciadas, onde a desigualdade e a dispersão são tão características quanto a autoria. É a opera omnia, produção total de um indivíduo. Não raro, no entanto, a essa primeira referência vem se superpor uma outra: trata-se da unidade. Seja ao nível do estilo, da intenção, do conteúdo temático, ou de alguma outra peculiaridade, acredita-se poder descer a uma camada mais profunda e mais segura do que as moveções camadas superficiais, num estrato em que as dúvidas seriam desanuviadas, a totalidade da obra teria se tornado mais transparente e o estudo estaria amparado por uma compreensão mais garantida. Veja-se o que ocorre com a obra freudiana. Comentadores e críticos, independentemente de sua origem ou competência, costumam movimentar-se dentro dela com muita facilidade; derrapam sem atritos ou acidentes de um texto a outro, de uma nota de rodapé a um fragmento da correspondência. Tudo se passa como se a obra de Freud só fizesse uma exigência: a de ser bem lida; e, estando congregada na mesma prateleira de suas bibliotecas, alojada como um todo, pudesse ser cruzada à vontade daqui para lá e de lá para cá, pouco importando o conteúdo de suas entranhas. Tudo muito simples; questionar semelhante procedimento não passaria de preciosismo, de preocupação perfeitamente supérflua. No entanto, após essa primeira vista, verifica-se que a Standad Edition e a correspondência contém, espalhados, tanto livros com unidade temática (a "Interpretação", a "Psicopatologia", os "Chistes"), como coletâneas de caráter mais segmentar (como os volumes que agregam os artigos sobre técnica ou os artigos sobre metapsicologia). Há textos de tom mais pedagógico (as "Cinco lições", as "Conferências introdutórias", os verbetes de enciclopédia), tanto quanto ensaios atravessados de indagações sobre a cultura e a organização da so-

cidade (o "Mal-estar", Totem e tabu"). Há, ainda, volumes que não estariam bem colocados em nenhum desses grupos, como é o caso dos dois primeiros volumes da Standard: um escrito de parceria e outro, uma desajeitada soma de cartas, esboços, rascunhos e textos dos mais diversos gêneros. Acrescente-se a isso a generosa correspondência (com Marta e Stefan Zweig, com Fliess e com Abraham, com Jones e com Groddeck) e têm-se uma boa idéia do mosaico que é a obra freudiana.

"Na verdade, se se fala tão facilmente e sem se interrogar mais sobre a 'obra' de um autor, é que a supomos definida por uma certa função de expressão. Admite-se que deve haver um nível (tão profundo quanto é possível imaginar) no qual a obra se revela, em todos os seus fragmentos, mesmo os mais minúsculos e os mais inessenciais, como a expressão do pensamento, ou da experiência, ou da imaginação, ou do inconsciente do autor, ou ainda determinações históricas a que estava preso. Mas vê-se logo que tal unidade, longe de ser dada imediatamente, é constituída por uma operação; que essa operação é interpretativa (já que decifra, no texto, a transcrição de alguma coisa que ele esconde e manifesta ao mesmo tempo); (...) a obra não pode ser considerada nem como unidade imediata, nem como uma unidade certa, nem como uma unidade homogênea (94).

Convém, por isso, desistir de tomar a obra freudiana como um monolito. Abandonar os projetos de estudá-la como um todo homogêneo que começa com o "Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim" e finda com os "Breves Escritos"; ao contrário, aceitar tratá-la - pelo menos a princípio e por cuidado do método - como heterogênea e desigual. Deixar de lado a comodidade

(94) FOUCAULT, M. A Arqueologia do Saber, p. 35. A citação remete a uma apreciação mais exaustiva das questões postas pelo "livro" e pela "obra". Não fosse pela sutileza da análise e pela habilidade no tratamento dessas questões, ainda assim seria necessário lê-las: apenas pelo prazer da leitura. Ver pp. 33-35.

concedida pela idéia prévia do fio condutor ininterrupto que não cessou de se aperfeiçoar ao longo do tempo, e acolhê-la como uma coleção de fluxos com intensidades variadas, não raro interrompidos pela prudência, pela covardia, pelas incertezas ou pelo desconhecimento, não raro recomeçados com todo o vigor, sem escamotear, entretanto, as juntas e as articulações. O descontínuo, outrora signo do fracasso e do insucesso, índice de um acidente de trabalho, não é mais o filho bastardo da incompreensão ou o passo em falso de uma análise histórica que às vezes coxeia, mas tornou-se uma ferramenta útil com que se trabalha, instrumento produtivo que opera. Ele "não desempenha mais o papel de fatalidade exterior que é preciso reduzir, e sim de um conceito operatório que se utiliza". E deve ser utilizado tanto entre diferentes obras, quanto no interior de uma dada obra. Retirado à convivência dos acontecimentos onde formiga, passará, doravante, a fazer parte de um discurso que visa compreendê-los.

Textos são textos. Ocorre que esqueceu-se de avisar aos que os tecem que eles não são uma espécie de maquinaria especializada que faz tudo sempre da mesma maneira, somente produzindo o que teria sido pré-programado. Esqueceu-se também de cuidar para que eles iniciassem seu tecido exatamente onde pararam os que viveram antes, não devendo alterar o que já está em andamento, de modo que ficou-se sem qualquer garantia de que continuarão fazendo a trama antes começada. Mais ainda: ficou-se à mercê de mudanças de itinerário feitas à última hora e realizadas ao sabor de um projeto que é previamente desconhecido e sobre o qual não se pode exercer controle. Nada disso, no entanto, impede que os textos continuem sendo tecidos; muito ao contrário, não há

sinais de fadiga ou falta de criatividade, nenhuma diminuição no ritmo de trabalho. É preciso, portanto, saber como tudo isso é feito; que práticas são envolvidas; que fios são utilizados; que novos produtos tem sido manufaturados. Em relação aos textos freudianos, por exemplo, como é que as coisas se passam? Tomados em sua dispersão, espalhados como estão ao longo da obra de Freud, é necessário investigar que seqüências, que séries podem ser constituídas, com a condição de renunciar, desde logo, à iniciativa de tratá-los como se cada um deles fosse uma espécie de objeto cuja forma sinuosa, repleta de saliências e reentrâncias, permitisse a justaposição de um ao outro: o que antecede um particular deles podendo ser acoplado perfeitamente a ele próprio, que será, por sua vez, acoplado a um outro que o sucede, formando um todo uniforme, cuja homogeneidade se pode admirar com satisfação. O objetivo será, inversamente, o de acolhê-los em seu espalhamento para constituir a consistência de certo tecido teórico, as regras de sua trama e as operações em jogo no seu urdimento.

Cada um deles tem que ser trabalhado. Não como faz um lapidador que fôsse, pouco a pouco, retirando da pedra bruta a jóia preciosa, mas por uma elaboração interna que traga consigo o conhecimento de seus elementos, da forma como eles são arranjados, da rede que os enlaça, dos limites dessa rede. Indiscutivelmente competente e bem dotado de delicadeza, o lapidador, antecipadamente, vislumbra na rudeza do mineral a doçura de formas que a gema exhibirá ao ficar pronta e é em função disso que projeta os talhes e os polimentos. A elaboração de um texto, ao contrário, impede esse projeto prévio: um texto não deve ser um con-

junto de signos à espera de uma tradução fidedigna numa linguagem que diz o que ele não diz, sendo sempre fiel ao que ele diz; tampouco está a pedir uma interpretação abalizada, capaz de recuperar uma verdade que se encontra aquém ou além - de resto, fora dele. Um texto é o que é, não o que deveria ter sido. É conveniente, então, recortá-lo, reparti-lo em níveis, distinguir os elementos pertinentes a cada nível, encontrar as relações entre os diferentes níveis, verificar que elementos podem fazer parte de mais de um nível. Só depois de apreciar os elementos, inventariar níveis e relações, será possível formar grupos de textos que estão juntos em harmonia e separar os que porventura estejam em dissonância com os primeiros. Evitar-se-á, assim, aproximações de afogadilho entre, por exemplo, pedaços da Afasia com pedaços da Metapsicologia, como se rimassem. Não se pode deixar, inadvertidamente, de lado o objeto (ou os objetos) de cada texto, os conceitos em que se amarram e os vincos que traçam nos textos, as regras de formação e de uso desses conceitos, os campos semânticos que desenham e onde estão imersos, o modo como são engendrados e os meios através dos quais operam, os enunciados de que participam e as proposições em que são determinados (ou somente esboçados), as regras de transformação deles e o modo como se relacionam uns com os outros, o contexto, enfim, onde habitam e se movimentam. Ou, afirmar-se-á, fazendo uma utilização um tanto selvagem da palavra, que o recalçamento dos textos metapsicológicos já se encontrava na "Comunicação preliminar".

Será necessário, então, constituir séries de textos. Tais séries, na medida em que têm questões que lhes são específicas, são caracterizadas por regimes teóricos próprios, e é em relação

a essas questões que se dispersam os textos de cada uma delas. Elas recortam objetos que são seus e possuem operações peculiares para tratá-los, analisá-los e explicá-los; são pontuadas por conceitos em relação aos quais se aglutinam, de tal modo que é dentro delas que eles mostram o melhor rendimento e funcionalidade; determinam, enfim, uma certa ambição: uma especulação teórica ou uma intervenção prática. A descontinuidade desempenha aqui um papel importante: ela é chamada a separar séries que, juntas, estavam mal, dado que estavam em desacordo; assinala os limites dessas séries, de maneira que o ruído e a balbúrdia causados pela presença impertinente de um texto que possua boa autonomia em relação aos outros de uma série, sejam silenciados pela colocação dele em outra série (o Projeto faz parte da mesma série constituídas por textos como a Interpretação, a Psicopatologia, o livro dos Chistes, por exemplo? Onde colocá-lo: antes deles, entre os dois primeiros, entre os dois últimos ou depois deles? Há quem afirme que ele é um texto de neuropsicologia, enquanto que os outros tentam decifrar o sentido, dos sonhos, dos tropeços cotidianos de todo tipo e da boa piada que tem seus segredos. Como, portanto, rejuntá-los?). Definidos os componentes de uma determinada série e fixado o tipo de regime que lhes é específico, poder-se-á delimitar a abrangência da série, seu tamanho e seu poder. Daqui por diante, cada série obedecerá apenas às leis que lhe são próprias e que fazem corpo com ela, podendo dar de ombros e recusar qualquer coerção que lhe seja extrínseca. Elaboradas dessa forma, exercerão proibição terminante a qualquer associação não refletida e a toda solidariedade imediata. Convivendo com a dispersão e o espalhamento peculiares à existência pontual dos textos, a elaboração encontrará as séries apropriadas, constituídas

critérios por decisões bem controladas.

Cada seqüência de textos invoca sua própria periodização. Abandonar-se-á, ao menos em princípio, a ordenação cronológica já bastante cansada, bem como a passagem contínua de um tempo que carrega consigo, a tudo e a todos, da mesma maneira, com a vilência de um vendaval; não, a duração pode ter inúmeras densidades (lembrar-se-á logo da correspondência com Fliess; a constatação de que havia períodos de verdadeiro frenesi, tanto quanto períodos de marasmo, de improdutividade; ou de que a complicada montagem da meta-psicologia de 1915 não exigiu mais que sete semanas para ser completada, e, ao que se tem notícia, era bastante mais ambiciosa que a remanescente), e a periodização deve ser definida pela elaboração das séries. As periodizações implicadas pelas séries, não poderão, portanto, ser fixadas antes delas e, em última instância, cada uma delas terá a sua temporalidade, com liquidez ou viscosidade específicas.

Uma vez marcado o começo, o ponto de partida de cada série, uma vez demarcados os seus limites e sua composição, uma vez delimitadas sua amplitude e temporalidade própria, convém indagar se há componentes comuns a diferentes séries, se há componentes que podem estar presentes em mais de uma delas. Convém investigar, ainda, a possibilidade de relacionar as séries entre elas e, nesse caso, que tipo de ligação estabelecer (causalidade linear, circular ou múltipla; paralelismo, hierarquia; expressão reflexo). Finalmente, é preciso verificar quando e como será possível estabelecer "séries de séries", isto é, se há condições, quais são essas condições e, afinal, de que modo poder-se-á constituir uma serialização das séries.

É um trabalho considerável; não há mãos a medir nem tempo a perder.

II - PARTE

A TRADIÇÃO E A RUPTURA

4. . ÚTEROS E TRAUMAS

Tem sido repetida até a exaustão a afirmativa de que a psicanálise nasce com o século: com a publicação da Interpretação dos Sonhos⁽¹⁾. Ter-se-ia aí, portanto, um divisor de águas. E com todas as implicações, ou seja, novo objeto, novos métodos: demarcação de um domínio, de seus pontos de ancoramento; enunciação de proposições inéditas e de conceitos originais; definição de operações, mas também de práticas; determinação, enfim, de algo que está em clara heterogeneidade com o que lhe precedeu, tendo mais em comum com seu futuro que com seu passado. Por outras palavras: em determinada data, um determinado livro teria se encarregado de tematizar assuntos nunca antes tematizados daquela maneira; a partir disso, um novo campo do conhecimento e da experiência teria sido descortinado. Aparentemente estaríamos diante de um acordo cumprido a risca por seus participantes e celebrado pela recitação monótona da ladainha de concórdia, não fosse por um senão. Quase todos os que fazem a afirmação desistem, logo à saída, de tomá-la ao

(1) O próprio Freud formulou as coisas dessa maneira, qualificando-a como "algo novo" (basta consultar o texto "Uma breve descrição da psicanálise").

A menos que alguma referência seja feita, todas as citações de Freud são extraídas de FREUD, Sigmund. Edição 'Standard' Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago, 1970-1980. Para poupar os leitores, as citações virão sempre acompanhadas do número do volume em romanos e da página em arábicos. A referência acima foi retirada de XIX, 239.

pé da letra e imediatamente iniciam, fervorosos, a busca das "condições de possibilidade" do evento. Começam desde logo a vasculhar uma imensa massa de textos anteriores à data de publicação do livro com esse objetivo. É preciso, entretanto, levá-la a sério, ou então fazer algumas alterações no discurso de modo a excluí-la. A melhor maneira de acolher o novo como tal é reconhecer o antigo como tal.

Num texto de Aufklärung datado de 1910⁽²⁾ — que é, a lém disso, um balanço do percurso feito até então —, Freud se propõe a dar, "o mais sinteticamente possível, uma visão de conjunto da história inicial e do ulterior desenvolvimento desse novo processo semiológico e terapêutico" que é a psicanálise. (XI, 13) Somos, assim, levados de volta à histeria: lá está o começo de tudo. É no terreno lodoso e escorregadio da histeria que se acham os enigmas que ela tomará para si e, ao fazê-los seus, abrirá o campo de estudo e de trabalho no qual veio a florescer.

Esses primeiros tempos são, todavia, pontilhados de mal-entendidos. Um deles Freud aborda de imediato — e se demorará nele mais do que seria esperado —, trata-se da querela da autoria. A quem efetivamente se deve responsabilizar por ter criado a psicanálise? A resposta vem sem demora: o méri

(2) Ainda uma vez: não se tratará de lê-lo ao sabor das ondas da "atenção livremente flutuante", tentando arrancar o extraordinário "texto latente" do seio do banal "texto manifesto"; nada de tentar chegar até o "umbigo" dos textos freudianos.

to por "ter dado vida" a ela não lhe cabe, mas a Breuer. A Breuer, perguntar-se-á ? Ele, então remete, via rodapé, à "História do movimento psicanalítico" onde dissolveu o mal-entendido, consertou o que afirmara antes e assumiu inteiramente a responsabilidade pela criação do que seria mais característico dela. Não obstante, três anos depois das Cinco Lições (e um ano antes da "História") escreveria, de uma forma muito semelhante àquela de 1910 — e reenviando a elas — que a "evolução da psicanálise" tem início fixado a partir do "procedimento catártico de Breuer e da sua relação com as teorias de Charcot e Pierre Janet" (XIII, 199) ⁽³⁾. Nos perdemos no dédalo da pesquisa da originalidade ou a resposta a essas questões já foi dada ? Ele voltará mais uma vez à questão: num verbete de enciclopédia observará que "a melhor maneira de compreender a psicanálise ainda é traçar sua origem e evolução" e, se incumbindo exatamente de fazer o que propusera, voltará a Breuer, colocando-o antes da "transição para a psicanálise" e confirmando seu próprio comprometimento com o invento. (XVII, 287) Num outro material de enciclopédia escrito algum tempo depois, acomodará jeitosamente Breuer na "pré-história da psicanálise". (XX, 301).

Questiúnculas de autoria e originalidade à parte — corre-se o risco de atolar nelas — e apesar de uma atenção

(3) Há pelo menos mais duas situações que se tornam interessantes em função do afastamento no tempo e que produzem a impressão de uma volta periódica ao problema. Trata-se de "O método psicanalítico de Freud" (VII, 257), escrito antes de 1903 e de "As resistências à psicanálise", escrito em 1924.

maior que a desejada concedida a elas, o texto das "Lições" nos põe, de chofre, em contato com a histeria, Charcot e Breuer. Voltemos, pois à histeria e a Charcot⁽⁴⁾.

Das muitas apreciações que Freud faz de Charcot, seria interessante isolar algumas:

1. "Charcot (...) era, como ele mesmo dizia, um 'visuel', um homem que vê. Eis o que nos falou sobre seu método de trabalho. Costumava olhar repetidamente as coisas que não compreendia, para aprofundar sua impressão delas dia a dia, até que subitamente a compreensão raiava nele. (III,22)
2. "Charcot, na verdade, era infatigável na defesa dos direitos do trabalhador puramente clínico, que consiste em observar e ordenar coisas, contra as usurpações da medicina teórica." (III,23).
3. "Por muitos anos Charcot ocupou a Cátedra de Anatomia Patológica em Paris, tendo prosseguido, voluntariamente e como ocupação secundária, seus estudos e cursos de neuropatologia, que rapidamente o tornaram famoso tanto no exterior quanto na França. Foi um acaso afortunado para a neuropatologia que o mesmo homem pudesse encarregar-se do desempenho de suas funções: por um lado, criou a descrição nosológica através da observação clínica e, por outro, mostrou que as mesmas mudanças anatômicas subjazem à doença, quer esta apareça como típica, quer como forme fruste. O êxito desse método anatômico clínico de Charcot é reconhecido de maneira geral no campo das doenças nervosas orgânicas — tabes, esclerose múltipla, esclerose amiotrófica lateral, etc". (III,24).

(4) Evitando equívocos: que ninguém vá pensar que se ambiciona mostrar de que modo e por que meios a história de Anna O. e a visita a Charcot "se constituíram no incentivo para a criação da psicanálise freudiana", como diz Ellenberger na Discovery of the Unconscious, op. cit., p. 484.

Eis aí uma bela síntese dos postulados da medicina anátomo-clínica, feita a propósito de Charcot, por um não-especialista em história da medicina. Pouco importa que o tempo tenha sido cáustico e corrosivo com essa nobreza toda e que a imagem de "grande mestre" e de "maior líder da jovem ciência neurológica" tenha desbotado e quase sumido. Pouco importa que ele se veja obrigado a pedir carona e outros, como Freud, para ainda se manter em movimento. Em torno da avaliação dele e de seu trabalho, se precipitam os fundamentos da "jovem" medicina: a medicina moderna, anátomo clínica.

O século XIX assiste ao aparecimento dessa nova forma de prática médica, heteróclita por relação à prática médica de 100 anos antes: entre elas, uma hiância. Já houve quem dissesse que a fratura se deve a uma espécie de tomada de consciência, por parte dos médicos, que os teria levado a abandonar as velhas figuras fantásticas de uma mente filosófica e especulativa cuja decrepitude se tornara evidente, em benefício da obediência mais cega às imposições das empiricidades. Que os progressos da observação microscópica, ao lado e em colaboração com as exigências desse retorno às empiricidades, animado, além do mais, pelo desenvolvimento assombroso e insuspeito das ciências físicas, teriam instrumentalizado essa atitude respeitosa em relação ao concreto da experiência médica. Que, afinal, um procedimento mais humilde dos profissionais da atividade médica que se mudaram dos ascéticos gabinetes e anfiteatros para os fedorentos morgues e anatômicos, levando consigo toda a panóplia da tecnologia pedagógica e autorizados pela liberação dos

cadáveres agora aceitos como objeto de estudo e pesquisa, te riam deixado de disputar com os ogres, na escuridão da noite, os pobres corpos indigentes, e podido, na claridade das aulas matutinas, espantar o espectro da enganosa teoria e da elucubração vã. No entanto, seria perigoso satisfazer-se com essas ex plicações, admitindo-as como conclusivas e definitivas. Em primeiro lugar porque as coisas talvez não tenham se passado as sim, além do que deixar-se-ia de averiguar quais são os novos objetos engendrados, bem como todo o jogo, certamente bastante original, de olhares e enunciados então dirigidos a esses obje tos. (5)

Freqüentemente a medicina saúda o alvorecer do século XIX como o momento em que ela se descartou de suas ilusões mais arraigadas, superou o conhecimento infundado de antes, desqua lificou um conjunto de conhecimentos atravessado pela subjeti vidade. Com o novo século, uma nova forma de atenção médica: ob jetiva, bem fundada e crítica severa de suas antigas ilusões. Mas, em que consiste essa medicina senil e esclerosada? Quais são as suas características? Onde estão suas fraquezas? O ra, para a medicina dos séculos XVII e XVIII, a medicina clássi

(5) Observar-se-á que o tratamento que será dado às transforma ções operadas na atenção médica no final do século XVIII e ini cio do século XIX não é nem abrangente nem aprofundado como se ria desejável. De ambição limitada, ele se aterá às linhas mes tras dessas transformações. O estudo mais exaustivo dessas questões já foi feito — e de maneira muito competente — por Michel Foucault no Nascimento da Clínica. Dele a nossa análi se é grandemente devedora e a ele precisa ser constantemente re remetida.

ca, a doença é espécie natural, objeto de classificação. Seu principal ponto de apoio é a história natural e os seres vivos de que se ocupa. É ela que fornece à medicina o modelo de inteligibilidade com que esta aborda a doença: uma organização piramidal e hierarquizada em famílias, gêneros e espécies. (6) A doença se instala, portanto, no espaço bidimensional da representação: superficial, ideal, taxonômico. Se conhecer é classificar conforme as identidades e as diferenças, então o conhecimento médico deve ter como domínio a classificação das doenças (7). O que é verdadeiramente essencial numa doença é sua situação e localização num quadro ideal: suas vizinhanças no espaço nosográfico, sua posição relativa, fixada pela interceção de

"uma 'vertical' onde se emaranham as implicações — a febre, a afluência de frio e de calor sucessivo, pode desenvolver-se em um só episódio ou em vários; estes podem seguir-se sem interrupção ou após um intervalo; esta trêgua pode não exceder 12 horas, alcançar um dia, durar dois dias inteiros, ou ainda ter um ritmo mal definível; e uma 'horizontal' onde as homologias se transferem — nas duas grandes ramificações de espasmos, encontra-se seguindo uma simetria perfeita, os 'tônicos parciais', os 'tônicos gerais', os 'clônicos parciais' e os 'clônicos gerais'; ou, na ordem dos derrames, o catarro está para a garganta assim como a disenteria está para o intestino(8).

(6) Ver JACOB, François. A Lógica da Vida, Rio de Janeiro, Graal, 1983, particularmente o capítulo 1. Cf. ainda FOUCAULT, Michel. Les Mots et les Choses, Paris, Gallimard, 1966, especialmente o capítulo 5.

(7) F. Jacob chama a atenção para o fato notável de que somente durante o século XVIII o estudo dos seres vivos sai da alçada dos médicos para a dos naturalistas. Ver JACOB, François. op. cit., p. 78.

(8) FOUCAULT, Michel. O Nascimento da Clínica, p. 3

A doença é, por natureza, inacessível e intangível, mas o mesmo não se dá com seus sintomas. É por isso que definir uma doença é conhecer seus sintomas e poder enumerá-los. O doente é uma superfície oca sobre a qual estão inscritos os sintomas — a estrutura visível, a configuração que se pode descrever — e são eles que o olhar deve percorrer e a linguagem formalizar. O doente é, então, algo a ser abstraído; a contingência contra a qual o médico deve se acautelar; o elemento extrínseco à natureza do mal que só pode introduzir uma porção de incerteza e de dúvida que decorre dessa sua característica de acidente.

"À pura essência nosológica, que fixa e esgota, sem deixar resíduo, o seu lugar na ordem das espécies, o doente acrescenta, como perturbações, suas disposições, sua idade, seu modo de vida e toda uma série de acontecimentos que figuram como acidentes em relação ao núcleo essencial. Para conhecer a verdade do fato patológico, o médico deve abstrair o doente: 'É preciso que quem descreve uma doença tenha o cuidado de distinguir os sintomas que a acompanham necessariamente, e que lhe são próprios, dos que são apenas acidentais e fortuitos, como os que dependem do temperamento e da idade do doente'(9).

Dessa forma, o que realmente interessa conhecer, isto é, o objeto do conhecimento médico, é a doença — através, é evidente, dos sintomas —, não o doente. Este último, é forçoso concordar, pode mesmo prejudicar a observação, a experiência e o conhecimento médicos.

A doença está inteiramente caracterizada logo que se a

(9) FOUCAULT, Michel., op. cit., p. 6-7. A citação dentro da citação é tirada de Sydenham.

loja no quadro nosológico de espécies mórbidas, independentemente de sua existência empírica no corpo do doente, o que, para os nossos olhos "modernos", não pode deixar de ser espantoso. A bem dizer, não há superposição entre a doença e o corpo doente: nesse caso é que, pelo contrário, ela perde sua limpidez e transparência. "Para a medicina classificatória, o fato de atingir um órgão não é absolutamente necessário para definir uma doença: esta pode ir de um ponto de localização a outro, ganhar outras superfícies corporais, permanecendo idêntico sua natureza" (10). (A histeria é, aliás, um bom exemplo disso) (11). Os órgãos não são mais que os apoios da doença que, de resto, goza de boa autonomia em relação a eles, podendo se deslocar com liberdade de um para o outro. Na verdade, para bem conhecê-la é conveniente acompanhar, na qualidade de expectador privilegiado, suas metástases, pois, é através dessas movimentações, nas quais ela sofre sutis variações, que se pode conhecê-la melhor. "Entre as características nosológicas e os traços terminais que se lê no rosto do doente, as qualidades atravessaram livremente o corpo. Corpo em que o olhar médico não tem razões para se demorar, ao menos em sua espessura e seu funcionamento" (12). O recorte entre a saúde e a doença não é o mesmo que conhecemos e que tomamos por verdadeiro (às vezes geran

(10) idem, p. 9

(11) A esse propósito, veja-se um interessantíssimo texto de Sydenham, "A Afecção Histérica", na obra coletiva SAURI, Jorge J. (org.) Las Histerias, Buenos Aires, Nueva Visión, 1975, pp. 87-92.

(12) FOUCAULT, Michel. op. cit., p. 16

do ilusões retrospectivas pela crença ingênua numa perenidade dessa compreensão); o ser vivo e o que o ameaça possuem similitudes essenciais: ambos são espécies naturais. "No século XVIII, o conjunto do mundo vivo dispõe-se em uma hierarquia de cinco níveis: o Reino, a Classe, a Ordem, o Gênero e a Espécie" (13). A doença é entendida, semelhantemente, no abrigo de um quadro de espécies patológicas, devendo ser analisada a partir das analogias de forma, das identidades e das diferenças entre as estruturas visíveis, recebendo uma graduação similar à dos seres vivos. Embora seja uma afronta à vida dos seres, a doença tem uma natureza comparável àquela das plantas e dos animais no que lhes é fundamental. Concebida como uma espécie de contra-natureza, cabe ao médico descobrir sua ordenação como espécie mórbida. Ela faz parte da ordem geral da natureza: "O autor da natureza, dizia Zimmermann, fixou o curso da maioria das doenças por leis imutáveis que logo se descobrem, se o curso da doença não é interrompido ou perturbado pelo doente" (14). Do médico se espera que, sensível e sábio, seja expectante; deve observar atentamente a instalação, o estabelecimento, os ritmos e os tempos, a sobrevinda ou a desapareição das febres, a violência ou o enfraquecimento das crises, a intensificação ou a diminuição das dores, enfim, todo tipo de variações dos sintomas. Sem esses cuidados e atenções, tornar-se-á vulnerável pelo desconhecimento, pela ignorância da história da doença, ficando impedido de intervir, pela associação com a

(13) JACOB, François, op. cit., p. 55

(14) FOUCAULT, Michel. op. cit., p. 14

natureza, no momento oportuno. Ao contrário, quem seguir aplicadamente essas prescrições prudentes, "terá tantas razões para crer que esta doença é uma espécie, quantas tem para crer que uma planta constitui uma espécie porque cresce, floresce e perece sempre do mesmo modo" (15).

O que o médico lê na superfície dessa casca sem espessura nem recheio que é o corpo do doente são as expressões aparentes de uma essência imaterial e inatingível; são as transcrições tênues traçadas pelas febres, as tosses, os derrames e as dores na configuração material que ele observa sem muito aprofundamento; são os sintomas e os signos. O sintoma é a exibição do oculto e inatingível, a manifestação visível, como fenômeno, de uma essência recatada por natureza. Eis porque a doença, do ponto de vista do médico, não pode ser mais que um conjunto de sintomas capazes de captura pelo olhar de superfície. "Os sintomas deixam transparecer a figura invariável, um ponto em recato, visível e invisível, da doença" (16). Os signos, ao contrário, não se prestam ao conhecimento da doença, mas são especialmente úteis para reconhecê-la. Não dizem respeito à sua natureza, porém falam de seu desenvolvimento no tempo, tornando, então, possíveis a anamnese, o diagnóstico e o prognóstico:

"o pulso trai a força invisível e o ritmo da circulação; ou ainda, o signo desvela o tempo como o azulado das unhas que anuncia infalivelmente a morte, ou as crises do quarto

(15) idem, p. 6

(16) idem, p. 102, grifo do autor

dia que, nas febres intestinais, prometem a cura. Através do invisível, o signo indica o mais longínquo, o que está por baixo, o mais tardio. Trata-se nele do término, da vida e da morte, do tempo, e não dessa verdade imóvel, dada e oculta que os sintomas restituem em sua transparência de fenômenos" (17).

Os seres vivos eram objeto de descrições, analogias, cotejo, classificação e locação num quadro ideal, disposto em linhas e colunas pela sabedoria de um olhar razante. Não que um médico ou naturalista do século XVIII enxergasse menos que o médico ou o biólogo do século XIX, ou que esses vissem coisas que aqueles, na miopia de sua fantasia, não pudessem perceber, mas o que certamente ocorre é que eles viam objetos diferentes e diziam coisas diversas das que nós "modernos" vemos e afirmamos sobre o que vemos. O que está em jogo são diferentes regimes de visibilidade e de enunciação. Entre o que um médico do início do século XVIII e seu colega de 100 anos depois vêem, a diferença não é quantitativa, mas qualitativa.

Com a passagem do século, o grande quadro da história natural se quebra em mil pedaços e, através das frestas e das fendas deixadas pelo craquelê, começa-se a enxergar o que está por baixo dessa figura sem profundidade nem espessura (18). A

(17) idem, *ibidem*.

(18) "Na passagem do século XVIII para o XIX, aparece assim uma nova ciência que tem como objetivo não mais a classificação dos seres, mas o conhecimento da vida, e como objeto a análise não mais da estrutura visível, mas da organização". Veja-se JACOB, François, *op. cit.*, p. 82

análise, doravante, "se aprofundará"; não será mais exercida sobre as aparências visíveis, consideradas efeitos de transformações internas, não se prestando, com efeito, de ponto de partida para ela. O corpo oco, ingênuo e ignorante, se tornará recheado de órgãos que interagem, que têm uma morfologia e um funcionamento; o corpo-casca cederá lugar ao corpo-miolo; ele deixará de ser apenas corpo: passará, além disso, a ser organismo.

"No final do século XVIII, ver consiste em deixar a experiência em sua maior opacidade corpórea; o sólido, o obscuro, a densidade das coisas encerradas em si próprias têm poderes de verdade que não provêm da luz, mas da lentidão do olhar que os percorre, contorna e, pouco a pouco os penetra, conferindo-lhes apenas sua própria clareza. A permanência da verdade no núcleo sombrio das coisas está, paradoxalmente, ligada a esse poder soberano do olhar empírico que transforma sua noite em dia (...). O discurso racional apóia-se menos na geometria da luz do que na espessura insistente, intransponível do objeto: em sua presença obscura, mas próxima a todo saber, estão a origem, o domínio e o limite da experiência"(19).

A bidimensionalidade do ser vivo dá lugar à tridimensionalidade da vida; o olhar de superfície do naturalista se afasta para que o olhar penetrante do biólogo tome seu posto; para ele, é o núcleo que importa; a casca, colorida mas frágil, passa a ser comandada pelo miolo, sombrio mas maciço; o visível exuberante das configurações e das estruturas passa a dizer pouco por relação ao que diz o invisível silencioso dos órgãos e as

(19) FOUCAULT, Michel, op. cit., p. XII

funções. Eis o que muda nos fundamentos da atenção médica a partir do século XIX. A medicina das espécies está para a história natural assim como a medicina anátomo-patológica está para a biologia (20).

Vê-se bem, portanto, que quando alguém diz que a medicina "só se tornou científica" quando se voltou para a eloquência das empiricidades, ainda diz muito pouco. A mudança fundamental que ocorre da medicina clássica para a medicina moderna é que sua especialização mudou: abandonou o espaço ideal da taxinomia das espécies mórbidas para o espaço corpóreo das doenças que se instalam nos órgãos e, particularmente, tecidos. Todavia, essa ainda é uma conclusão abrupta.

Ora, o advento da medicina clínica transformará profundamente a relação que havia entre a doença, o sintoma e o signo. Inicialmente será apagada a diferença entre o sintoma e a doença: já não se procura encontrar uma essência patológica para além dos sintomas. Eles fazem parte da própria natureza da doença; "sua coleção forma o que se chama doença" (21). Ela abole também a diferença entre o sintoma e o signo. Se o sin

(20) O próprio termo Biologia não nasce senão no século XIX (em 1802), usado simultaneamente e separadamente por Lamarck e por Treviranus. Veja CANGUILHEM, Georges. Études ..., p.64. "Pretende-se fazer histórias da biologia no século XVIII; mas não se tem em conta que a biologia não existia e que o recorte de saber que nos é familiar há mais de cento e cinquenta anos não pode valer para um período anterior. E que, se a biologia era desconhecida, o era por uma razão bem simples: é que a própria vida não existia. Existiam apenas seres vivos e que a pareciam através de um crivo do saber constituído pela história natural". Cf. FOUCAULT, Michel. Les Mots et les Choses, op.cit. p. 139 (grifo do autor).

(21) FOUCAULT, Michel. O Nascimento da Clínica, op. cit. p.103

toma autoriza a distinção entre a doença e a saúde, se ele permite distinguir um fenômeno patológico de um outro que não é, então ele é também signo da doença. "Por essa simples oposição às formas da saúde, o sintoma abandona sua passividade de fenômeno natural e se torna significante da doença, isto é, dele mesmo tomado em sua totalidade, visto que a doença nada mais é do que a coleção dos sintomas" (22). Entretanto, tudo isso não seria possível sem a presença e a intervenção de um outro elemento, um elemento exterior à doença, aos signos e aos sintomas e que por uma complexa operação que compara organismos, lembra o funcionamento normal, registra a simultaneidade ou a sucessão dos estados e reconhece a sua frequência, é capaz de analisar a tudo isso: trata-se do olho clínico de uma consciência que pode dar visibilidade a todo o campo da experiência. Mais ainda: esse campo da experiência seria inútil se não fosse enunciável, se dele não se pudesse falar. Logo, a uma analítica do olhar que vê e distingue signos e sintomas, deve corresponder uma analítica da linguagem que pronuncia as descrições e exprime as distinções.

"A presença exaustiva da doença em seus sintomas corresponde a transparência sem obstáculos do ser patológico à sintaxe de uma linguagem descritiva: isomorfismo fundamental da doença à forma verbal que a circunscreve. (...) Na medicina das espécies, a natureza da doença e sua descrição não podiam corresponder sem um momento intermediário que era, com suas duas dimensões, o 'quadro': na clí

(22) idem, ibidem.

nica, ser visto e ser falado se comunicam de imediato na verdade manifesta da doença, de que é precisamente todo o ser. Só existe doença no elemento visível e, consequentemente, enunciável" (23).

Tão logo a anatomia patológica se reorganiza, deslocando sua atenção do órgão para o tecido, pode-se estabelecer o conluio com a medicina clínica que caracterizará a medicina moderna: a anátomo-clínica. Finalmente a doença deixará de ser essência patológica aninhada no espaço do quadro nosológico, para mergulhar no volume do corpo, do corpo doente. Esse conluio metodológico, verificar-se-á, é extremamente rendoso. Ao olhar de superfície da clínica, dotado de especial agilidade na leitura de sintomas, soma-se o olhar de superfície da anatomo - patologia, agora apto e habilidoso o bastante para dar conta das alterações tissulares (24). O resultado é a possibilidade de relacionar, na profundidade do corpo, sintomas e tecidos.

"É preciso, portanto, que o olhar médico percorra um caminho que até então não lhe tinha sido aberto: via vertical, que vai da superfície sintomática à superfície tissular, via em profundidade que, do manifesto penetra em direção ao oculto, via que é preciso percorrer em ambos os sentidos e continuamente, para definir a rede das necessidades essenciais entre os dois termos. O olhar médico que, como vimos, atingia regiões de duas dimensões dos tecidos e dos sintomas, deverá, para ajustá-los, se deslocar ao

(23) idem, p. 107-108, grifado no original.

(24) "Durante 20 anos", afirma Bichat, "noite e dia, se tomam notas, ao leito dos doentes, sobre as afecções do coração, dos pulmões e da víscera gástrica e o resultado será apenas com fusão dos sintomas, que, a nada se vinculando, oferecerão uma série de fenômenos incoerentes. Abram alguns cadáveres: logo verão desaparecer a obscuridade que apenas a observação não poderá dissipar". Citado por FOUCAULT, Michel, op. cit., p. 168

longo de uma terceira dimensão. Assim será definido o olhar anátomo-clínico"(25).

O corpo do doente, outrora prê-texto para uma leitura apressada ou pouco interessada, afinal encontra seu lugar entre os lençóis. De agora em diante, um corpo, o seu corpo, é que está doente e é isto que será objeto da atenção médica.

Um corpo sólido, volume da vida, recheado de órgãos consistentes. De órgãos interdependentes, ligados não só pelas veias, mas também por secretas cumplicidades de origem, de estrutura e de funções. Um corpo tornado organismo é a novidade que a biologia e a medicina que nela encontra seu modelo instauram. Abandone-se os seres vivos; que eles simplesmente vivam. Que a Natureza abra espaço para a chegada da Vida (26). Diante da materialidade indócil dos corpos e da presença indiscreta da vida, o que será a doença? Certamente algo de muito diferente de uma espécie mórbida ideal, parceira

(25) idem, p. 155

(26) "De Sydenham a Pinel, a doença se originava e se configurava em uma estrutura geral de racionalidade em que se tratava da natureza e da ordem das coisas. A partir de Bichat o fenômeno patológico é percebido tendo a vida como pano de fundo, ligando-se, assim, às formas concretas e obrigatórias que ela toma em uma individualidade orgânica. A vida, com suas margens finitas e definidas de variação, vai desempenhar na anatomia patológica o papel que a ampla noção de natureza exercia na nosologia: o fundamento inesgotável mas limitado em que a doença encontra os recursos ordenados de suas desordens (...). Durante séculos, a medicina procurou o modo de articulação que poderia definir as relações da doença com a vida. Só a intervenção de um terceiro termo pôde dar a seu encontro, sua coexistência e suas interferências uma forma que fosse fundada, ao mesmo tempo, em possibilidade conceitual e na plenitude percebida: este terceiro termo é a morte". Idem, pp. 175 e 181. (grifado no original).

do ser vivo no jogo da ordem natural. Se a vida assume o lugar antes ocupado pela natureza, a doença é a perene ameaça que ela sofre a partir de sua intimidade: é o desvio interno da vida. Um organismo doente é um organismo que foi desorganizado em um ponto determinado, que foi afrontado por suas próprias entranhas, e à atenção médica cabe penetrar nele como lanceta, submergir em sua profundidade e com um olhar penetrante e vertical — seu olho clínico — encontrar a origem da afronta, ou seja, determinar a lesão que a tudo justifica. Aquilo que é manifesto, o sintoma, deve ser restituído a um lugar de menor importância, deve esgueirar-se do lugar de destaque, tornando-se coadjuvante: não será mais que auxiliar do diagnóstico. A bem dizer, ele é determinado "de dentro", razão pela qual o olho clínico, em seu percurso descendente saberá encontrar no sólido do corpo doente o que é primordial, isto é, a lesão. Na densidade corpórea, em algum recesso, em algum recanto, poderá topar com ela. Lá está a sede do mal. Como compreender uma doença sem localizar a lesão que a legitima? Mais: existindo uma lesão, ela não terá que estar fixada em algum local — a sua morada? Não será mais possível conceber uma doença sem lesão e, esta, sem localização. Tudo isso é o que até então se ocultava no subterrâneo dos corpos, no âmago dos órgãos, na penumbra dos tecidos. O olhar ortogonal do médico e agora capaz de enxergá-la, percebê-la e tirá-la de sua invisibilidade, trazendo-a à luz do conhecimento.

"A ruptura que inaugura a medicina moderna é o deslocamento de um espaço ideal para um espaço real, corporal, e a conseqüente trans formação da linguagem a que a percepção des se espaço está intrinsecamente ligada; em outros termos, é a oposição entre um olhar de superfície que se limita deliberadamen te à visibilidade dos sintomas e um olhar de profundidade que transforma o invisível pela investigação do organismo doente. Em suma, a característica básica da ruptura é a mudança das próprias formas de visibilida de" (27).

Ainda um reordenamento antes que a medicina anátomo clínica encontre a "forma de seu equilíbrio". Ocorre que a clí nica das lesões deixará em aberto algumas questões que, somen te ao custo de nervosa polêmica e de cerca de um terço do sécu lo XIX, foram equacionadas: nem sempre se pode encontrar a lesão que justifica a doença (como é o caso das neuroses e das febres), e mesmo quando a injúria tissular é determinada, per manecem difíceis e flutuantes as relações entre a lesão e o "ser da doença". "É a lesão a forma originária e tridimensio nal da doença cujo ser seria assim de natureza espacial — ou deve-se situá-la imediatamente além, na região das causas pró ximas, ou imediatamente aquém, como a primeira manifestação vi sível de um processo que permanece oculto?" Por outro lado, "todas as doenças têm como correlato uma lesão? A possibili dade de determinar-lhe uma sede é um princípio geral da patolo gia, ou só diz respeito a um grupo particular de fenômenos mór bidos?" (28). Ora, é o próprio ancoramento da doença, conquis

(27) MACHADO, Roberto. Ciência e Saber, Rio de Janeiro. Graal, 1982, p. 115.

(28) FOUCAULT, Michel. O Nascimento da Clínica, op. cit., p. 200 e 201.

ta maior da nova medicina, que se vê sob suspeita, desequilibrado pelas coisas que engendrou e como que ameaçado pela sua própria intimidade. Nem sempre existe um foco evidente, substrato orgânico indispensável para uma concepção médica que quer o mal bem gravado no tecido. O que a obriga a ceder terreno precioso: a volta às classificações (doença orgânica/doença não orgânica) ⁽²⁹⁾ — e mesmo quando ele existe, não há uma coincidência perfeita entre ele e a verdade essencial da doença — a lesão não faz muito mais que marcar um lugar na topografia do corpo.

Cullen foi quem nos deu a denominação desses estados mórbidos que, como se afirma no século XIX, se produzem sem que seja possível constatar a existência de qualquer afronta no tecido orgânico, mas que, apesar disso, são ligados a uma perturbação do sistema nervoso e, por conseguinte, determinam modificações da inteligência, da motilidade ou da sensibilidade, mais ou menos graves, mais ou menos duráveis: as neuroses ⁽³⁰⁾. Le são inexistente, perturbação incerta, sintomatologia nebulosa, eis um dos flagelos da medicina anátomo-clínica. Uma elevação mais ou menos duradoura da temperatura do corpo constitui o ou

(29) "Desde o princípio, Laënc admite a divisão das doenças 'em duas grandes classes: as que são acompanhadas de uma lesão evidente em um ou vários órgãos — são as que se designam, há muitos anos, com o nome de doenças orgânicas — e as que não deixam em parte alguma do corpo uma alteração constante e a que não deixam em parte alguma do corpo uma alteração constante e a que se poderia atribuir sua origem — são as que chamamos comumente doenças nervosas". Cf. FOUCAULT, *idem*, p. 201.

(30) A esse respeito, veja-se um notável deslizamento na conceituação captado, no conceituado Littré e Robin nas edições da segunda metade do século XIX, por ANDERSSON, *Ola. Studies in the Prehistory of Psychoanalysis*, Stockholm, Norstedts, 1962, pp. 30-32 (nota de rodapé).

tro. De aferição fácil — basta, para isso, um termômetro — sua patogenia permanece, contudo, obscura. Pode ser ocasionada por um simples distúrbio nervoso (uma emoção, por exemplo) ou ser devida a uma inflamação local (como uma flegmasia). O nome "febres" (às vezes ditas "essenciais") acolhe doenças agudas, esporádicas ou epidêmicas, contínuas ou intermitentes, caracterizadas pelo aumento da temperatura orgânica — o estado febril —, podem às vezes, ser consideradas benignas, mas constituem achaques muito singulares, pois são independentes de lesões que possam ser observadas no curso de sua evolução. Lá como cá, moléstias recalcitrantes, caçoando da atenção médica.

Compreende-se então, a necessidade desse derradeiro reordenamento. Será necessário estudar as febres em sua relação com as diversas inflamações e nas formas peculiares dessas últimas; será preciso identificar as noções de febre e de inflamação, distinguindo essa última "segundo os diferentes tecidos, os lugares de nascimento e as vias de propagação", fundando, dessa maneira, "a diversidade sintomática das febres" (31). Quanto à inflamação, trata-se

"de um fenômeno que comporta duas camadas patológicas de nível e cronologia diferentes: primeiramente, um ataque funcional; em seguida, um ataque da textura. A inflamação tem uma realidade fisiológica que se pode antecipar à desorganização anatômica, que a torna sensível aos olhos. Daí a necessidade de uma medicina fisiológica, 'observando a vida, não a vida abstrata, mas a vida dos órgãos e nos órgãos em relação com todos os agentes que podem exercer alguma influência

(31) CANGUILHEM, Georges. Études ..., op. cit., p. 137

sobre eles'; a anatomia patológica concebida como simples exame dos corpos sem vida é, para si mesma, seu próprio limite, tanto que 'a função e as simpatias de todos os órgãos estão longe de ser perfeitamente conhecidas'"(32).

Rotação acentuada no conjunto das cogitações médicas: o desarranjo funcional precede à ofensa tissular. Em razão disso, a sede da enfermidade, seu foco, é, na geografia do corpo humano, apenas seu lugar de enraizamento, não impedindo que ela lance seus tentáculos para mais longe. Mas isso "dissocia os pares, sintoma particular-lesão local, sintoma geral-alteração de conjunto, cruza seus elementos e mostra a alteração de conjunto sob o sintoma particular e a lesão geográfica sob o sintoma geral"(33). Com essa torção no entendimento e na tecnologia médicas,

"desaparece o ser da doença." Reação orgânica a um agente irritante, o fenômeno patológico não pode mais pertencer a um mundo em que a doença, em sua estrutura particular, existiria de acordo com um tipo imperioso, que lhe seria prévio, e em que ela se recolheria, uma vez afastadas as variações individuais e todos os acidentes sem essência; se insere em uma trama orgânica em que as estruturas são espaciais, as determinações causais, os fenômenos anatômicos e fisiológicos. A doença nada mais é do que um movimento complexo dos tecidos em relação a uma causa irritante: aí está toda a essência do patológico, pois não mais existe nem doenças essenciais nem essências das doenças"(34).

(32) FOUCAULT, Michel. O Nascimento da Clínica, op. cit., p. 215. As citações são de Broussais.

(33) idem, p. 214.

(34) idem, p. 218

As neuroses, entretanto, permaneceriam ainda zombeteiras por algum tempo. Não admira que Charcot, esse digno representante da nova medicina anátomo-clínica, costumasse dizer que, "falando de um modo geral, o trabalho da anatomia estava encerrado e que a teoria das doenças orgânicas do sistema nervoso podia ser dada como completa: aquilo que a seguir precisava ser abordado, eram as neuroses" (I, 42). Sua atenção se voltara, portanto, "quase que exclusivamente para a histeria" (III, 29). Debochada, ela se manifestava conforme uma diversidade sem lei, transgredindo o que era mais fundamental para o conhecimento médico: embora se ordenasse segundo as geodésicas do corpo, parecia escapular sempre, não sendo nunca encontrada onde procurada. Seu curso não observava constância ou regularidade; tudo nela era desordem. Por isso ela era irritante: seus sintomas eram capazes de simular tanto os sintomas dos transtornos orgânicos (contraturas, anestésias, paresias), quanto outros sintomas histéricos. Provocadora, criava uma diagramação do corpo inteiramente desobediente das boas normas da anatomia, interpe-lando o médico dentro de seu próprio domínio, questionando sua competência, pondo em risco a eficácia de seu conhecimento e de suas técnicas. Daí ser-lhe recusada a dignidade de doença séria; histeria é simulação sem maior interesse para a atenção médica⁽³⁵⁾. Charcot aceitará esse desafio.

(35) Já suficientemente afastado desse momento, Freud, requintado, voltaria a esses tempos de dificuldade. Do médico, ele diria: "Em face, porém, das particularidades dos fenômenos histéricos, todo o seu saber e todo o seu preparo em anatomia, fisiologia e patologia deixam-no desamparado. Não pode compreender a histeria, diante da qual se sente como um leigo, posição nada agradável a quem tenha em alta estima o próprio saber. Os histéricos ficam, assim, privados de sua simpatia. Ele os considera como transgressores das leis de sua ciência, tal como os crentes consideram os hereges: julga-os capazes de todo mal, acusa-os de exagero e de simulação, e pune-os com lhes retirar seu interesse". (XI, 15).

Charcot seduz, fascina, enfeitiça. Freqüentador das artes e da literatura, convive com antiguidades indianas e chinesas, gobelins, quadros, livros; lê em quatro ou cinco línguas e aprecia especialmente Shakespeare e Dante: promove recepções às quais comparece o grand monde de seu tempo, nas quais tudo se discute; ele é homem que atrai, encanta, envolve. Mas, isso tudo ainda não seria suficiente para o bolsista em busca de aprimoramento:

"Charcot, que é um dos maiores médicos e homem cujo bom senso raia pelo gênio, está simplesmente virando pelos ares meus ideais e minhas opiniões. Às vezes saio de suas aulas como de Notre-Dame, com uma idéia inteiramente nova da perfeição. Mas ele me exaure; quando venho de um contato com ele não tenho mais nenhum desejo de trabalhar nas minhas coisas idiotas; há três dias não faço nenhum trabalho e não tenho sentimentos de culpa. Meu cérebro está saturado como depois de uma noite no teatro. Se a semente algum dia dará algum fruto não sei, mas o que sei é que nenhum outro ser humano já mais me afetou dessa maneira" (carta à Marta Bernays de 24/11/1885).

Trinta anos depois, Freud ainda o chamará de "meu mestre" e, mais uma vez, dez anos mais tarde, de "o grande homem" (36).

(36) Ver XIV, 33 e XX, 23-25. A propósito da relação de Freud com Charcot, chegou-se a falar que "tomou uma configuração edípica", PONTALIS, J. B. Le Séjour de Freud a Paris, Nouvelle Revue de Psychanalyse, nº 8, automne 1973, pp. 235-240. Também já se disse que há indícios de que, na relação com Charcot, Freud teria se identificado com um histérico. Ver MANNONI, Octave. Freud, Paris, Seuil, 1968, p. 39. Todavia, caso se queira colocar apenas Charcot em foco, poder-se-á aprender como eram as carruagens construídas pelo pai dele, ou sobre seus jogos de bilhar com Pedro II, ou sobre as circunstâncias de sua primeira viagem à Itália, ou, ainda, sobre suas qualidades como ator na intimidade dos amigos. Pode-se, além do mais, ficar sabendo das mudanças que se operaram em Blanche Wittmann, que levaram-na de Blanche I para Blanche II e, daí, a se tornar um "mártir da ciência". Cf. ELLENBERGER, H.F. Charcot and the Salpêtrière School, American Journal of Psychotherapy, vol. XIX, nº 2, april 1965 e ELLENBERGER, H.F. The Discovery of the Unconscious, op. cit., pp. 89-101

Freud vai à Salpêtrière para continuar os "estudos de neuropatologia", lá onde existe reunido "um grande acervo de material clínico"; mas, o atrevimento de Charcot, permitia que ali se pudesse ver algo de "essencialmente novo" (I, 35). De fato, o taumaturgo da histeria não se contentava de enxergar somente o que lhe tinha sido ensinado ver: era preciso olhar para coisas provavelmente tão velhas quanto o homem, e perceber novidades (III, 22-23). Lá estava ele, centrado na histeria, "a mais enigmática das enfermidades nervosas, para cuja avaliação a medicina ainda não achara adequado ângulo de enfoque". Ele não se importunava com o descrédito em que ela estava imersa e tomara para si o encargo de "restaurar a dignidade desse tópicico" (III,29). Já era hora de resgatá-la ao caos das doenças nervosas, para as quais faltava tanto o substrato orgânico quanto a lógica clínica:

"Do que foi dito se depreenderá a grande importância que devemos atribuir em nossos estudos ao método anátomo-patológico de pesquisa. Mas os senhores sabem que ainda existe atualmente um grande número de estados mórbidos, tendo evidentemente sua sede no sistema nervoso, os quais não deixam no corpo morto nenhum vestígio material que possa ser descoberto. (...) Há mesmo alguns que vêm em muitas dessas afecções somente um aglomerado de fenômenos estranhos e incoerentes, inacessíveis à análise, e que talvez fosse melhor banir para a categoria das incógnitas. A histeria é, em especial, a que se enquadra nesse tipo de proscricção" (37).

(37) CHARCOT, Clinical Lectures on Diseases of the Nervous System, citado por LEVIN, Kenneth, op. cit., p. 48

Logo, a primeira trincheira é a da histeria: a enunciação da sua lógica e a caracterização dela como entidade clínica separada. "Em seu estudo da histeria, Charcot partiu dos casos mais completamente desenvolvidos que ele considerava como modelos acabados da doença" (I, 43), chamados de "casos típicos" e que exibem uma série de signos que tornam possível o diagnóstico correto. As indicações positivas envolvem: 1. ataques que ocorrem segundo quatro estádios diferenciados; 2. distúrbios do sistema sensório, com frequência na forma de hemianestésias; 3. distúrbios visuais, como, por exemplo, o estreitamento do campo visual; 4. distúrbios motores de toda sorte; 5. as regiões histerogênicas, capazes de iniciar um ataque ou eliminar um já começado, quando estimuladas mecanicamente. "Começou por reduzir a conexão entre a neurose e o sistema genital a suas proporções corretas, demonstrando a insuspeitada frequência de casos de histeria masculina e especialmente da histeria traumática". (ibidem) A histeria não é, portanto, "doença de mulher", não está articulada ao útero. A assiduidade do aparecimento da histeria em homens, sem mostrar diferenças sintomáticas significativas entre doentes de um e do outro sexo, põe fim à chamada "contradição etimológica". "Estudando cientificamente o hipnotismo — área de neuropatologia que viria a ser atormentada de um lado pelo ceticismo e, de outro, pelo embuste — ele, Charcot, chegou a uma espécie de teoria da sintomatologia histérica" (ibidem). As relações entre a histeria e o hipnotismo tornam-se extraordinariamente claras quando se observa o fato de que é possível criar paralisias, em tudo semelhantes às paralisias histéricas, em pacientes sugestionáveis, através da

hipnose. Essa reprodução experimental tem consequências surpreendentes e fundamentais: ela é eficaz tanto em homens quanto em mulheres; os sintomas gerados pela sugestão copiam com exatidão os das paralisias histéricas e ambos se distinguem com nitidez das paralisias orgânicas; mostram que as paralisias podem resultar de traumas físicos, também copiados experimentalmente sob hipnose; finalmente, indicam que histeria não é simulação (por trás de uma sintomatologia variada e multiforme, uma ordem e uma regularidade podem ser encontradas). A esse respeito, Babinski, o "discípulo preferido", diz, ao resumir os princípios diretores da clínica da Salpêtrière:

"1. Os caracteres somáticos que se observa em certos sujeitos sob hipnose têm uma importância fundamental, pois eles permitem, sozinhos, afirmar legitimamente a ausência de simulação. 2. os fenômenos hipnóticos podem afetar um grupo especial em três estados distintos. Eis a forma mais perfeita de hipnotismo, esta que se deve tomar como típica e à qual se propõe dar o nome de grande hipnotismo. 3. Às duas proposições precedentes se liga uma terceira que consiste em que as propriedades somáticas do hipnotismo e do grande hipnotismo podem se desenvolver independentemente de toda sugestão. 4. O hipnotismo deve ser considerado, nas suas formas mais perfeitas, como um estado patológico"(38).

Certamente a caracterização da histeria era problema dos mais espinhosos. Através da noção de lesão, das condições de seu aparecimento, de sua localização e do acompanhamento de seus efeitos, a medicina tinha desfeito um nó górdio: o do

(38) BABINSKI, Joseph. La suggestion dans l'hipnotisme, citado por DE MIJOLLA, Alain. Aux Origines de la pratique psychanalytique, in, JACCARD, Roland (org.) Histoire de la Psychanalyse, Paris, Hachette, 1982, p. 31.

diagnóstico diferencial. Para as neuroses em geral e a histeria em particular, a questão mudava um pouco. Nesse caso, não era o diagnóstico diferencial o problema mais delicado e mais fundamental, mas o diagnóstico absoluto. Não que o diferencial não importasse, porém, diante dos percalços da caracterização, e le recuava do primeiro plano. Apesar de algumas vitórias importantes na batalha contra os sintomas, restavam sempre os estigmas para confundir o médico (anestesia; estreitamento do campo visual, etc.) e sobrava, ainda inexplicada, a renitente diãtese (predisposição constitucional que repousa na hereditariedade), para serem elucidados. Charcot recorre, então, à lesão dinâmica funcional, que, fundada na hereditariedade, forneceria o "analogon" da lesão orgânica. Parecia ter sido driblada a ausência de uma correspondência anatômica, pela idéia de um substrato funcional. Em vista disso, foi possível afirmar que

"a histeria é uma neurose no mais estrito sentido da palavra — quer dizer, não só não foram achadas alterações perceptíveis no sistema nervoso, nessa doença, como também não se espera que qualquer refinamento das técnicas de anatomia venha a revelar algumas dessas alterações. A histeria baseia-se totale e inteiramente em modificações fisiológicas do sistema nervoso; sua essência deve ser expressa numa fórmula que leve em consideração as condições de excitabilidade nas diferentes partes do sistema nervoso" (I, 79).

Certamente a luta não se travará no terreno da anatomia, até mesmo porque entre as "neuroses" e as "doenças orgânicas" se abre um fosso: "a histeria", por exemplo, "se comporta como se a anatomia não existisse, ou como se não tivesse conhecimento desta" (I, 234; grifado no original). Não se deve, portanto, sonhar com uma oportuna sofisticação do conhecimento

anatômico. Porém, se a histeria repele a anatomia, isso não é igual a dizer que ela desconhece a "genética". O pensamento etiológico de Charcot atravessa a superfície enigmática dos sintomas para buscar na hereditariedade a origem segura da enfermidade; o olho de lince do clínico encontra na diátese um lugar para o ancoramento firme. Se outros fatores podem intervir, o fazem como coadjuvantes: intervêm como "agentes provoadores"; desempenham um papel secundário, subordinado.

"A etiologia do status hystericus deve ser buscada inteiramente na hereditariedade: os histéricos sempre têm uma disposição hereditária para perturbações da atividade nervosa; entre seus parentes são encontrados epiléticos, doentes mentais, tabéticos, etc. A transmissão hereditária direta da histeria também é constatada; e é a origem, por exemplo do surgimento da histeria em crianças (originária da mãe). Comparados com o fator da hereditariedade, todos os outros fatores situam-se em lugar secundário e assumem o papel de causas incidentais, cuja importância quase sempre é superestimada na prática" (I, 90-91).

Na undécima hora, entra em cena a família: a mãe, a parentela, constituem o correlato indispensável da etiologia hereditária. Pensar-se-ia que a palavra família era palavra proibida para uma medicina ainda muito próxima do modelo classificatório da história natural; que somente a ousadia e o arrebtamento de Charcot seriam responsáveis por uma exumação desse tipo; que os riscos de um retorno a um passado ainda muito recente aconselhavam maior cautela, sendo preferível uma escolha mais prudente. No entanto, ele brinca com a palavra. A bemdizer, ele tira vantagens dessa polissemia, isto é, família não é apenas um conjunto de pessoas atadas por laços de consagüni-

dade, é também um conjunto de moléstias do sistema nervoso. Há bil, ele poderá servir-se dos sentidos com generosidade:

"Muito frequentemente, tenho vos falado da quilo que propus chamar a família neuropatológica. Sob esse nome tenho o hábito de designar todas as afecções do sistema nervoso central e do sistema neuromuscular, orgânicas ou, sem lesões anatômicas apreciáveis, que estão ligadas entre si pela hereditariedade e não ignorais que se deve distinguir aqui, ao lado da hereditariedade homóloga, a hereditariedade dissimilar ou de transformação, que se observa mesmo mais frequentemente que a primeira" (39).

Por curioso que pareça ser, é justamente onde Charcot supunha ter encontrado o lugar estável para fundear a etiologia da moléstia histérica que Freud verá uma fraqueza: hereditariedade e família neuropatológica requererão, "brevemente, sem dúvida, um minucioso exame, assim como correções" (III, 34). Não se deve ler essa conclusão como índice de extraordinária previdência, algo como uma premonição; tampouco isso é sinal de que Freud já estava com bastante caminho andado na direção de uma concepção etiológica mais consistente. Essas considerações só podem ser feitas a posteriori, e nem ele nem qualquer dos leitores do Wiener medizinische Wochenschrift poderiam saber o que estava por vir. Trata-se, é evidente, de uma crítica bem educada, embora severa, que poderia, talvez, ser signo de uma falta, de um desconhecimento, de um não saber, condições necessárias — mas decerto não suficientes — para a formulação de idéias etiológicas mais competentes. É preciso preservar al

(39) CHARCOT. Leçons du Mardi, citado por MASSIF, Jacques. Freud l'Inconscient, Paris, Galilée, p. 82.

guns parâmetros históricos⁽⁴⁰⁾.

Não tão palpitantes quanto essas são as dúvidas que Freud tem em relação à concepção teórica de Charcot acerca dos fenômenos da hipnose. Que se acompanhe o prefácio ao livro de Bernheim e a controvérsia Nancy/Salpêtrière, que ele acolhe como sua. Para Charcot e seus seguidores — e o texto de Babinski é de extrema clareza — o fenômeno hipnótico é da ordem do patológico, ao passo que, para Bernheim e seus colaboradores, "as manifestações do hipnotismo" estão correlacionadas "com fenômenos da vida normal e do sono" (I, 117). Hipnose e histeria, garantem os primeiros, possuem estreitas relações que impedem que se as veja isoladamente; existem inúmeras similitudes entre o mecanismo de formação de sintomas histéricos e o comportamento de pessoas hipnotizadas; lá e cá, ver-se-á estados de excitação neromuscular análogos; num caso como no outro, a lembrança posterior dos eventos ocorridos durante as manifestações estará igualmente ausente; os "núcleos patológicos" de um fenômeno e do outro parecem ser uma só e mesma coisa. Trata-se, é bom que se diga, de "mudanças fisiológicas — ou seja, em deslocamentos da excitabilidade do sistema nervoso que ocorrem sem a participação daquelas partes do mesmo que ope

(40) Procedimento que Freud amiúde ensina a seguir. É interessante vê-lo dando o bom exemplo. Ao falar (em 1910), da impotência médica diante da histeria ele remeterá a uma nota de rodapé onde se lê: "Sei que essa afirmação não é justa hoje em dia, mas na conferência nos reportávamos, eu e meus ouvintes à época anterior de 1880. Se de então para cá as coisas mudaram, deve-se em grande parte aos esforços cuja história procuro esboçar" (XI, 15). Como seria produtivo que certos historiadores da psicanálise meditasse sobre essa singela nota de rodapé !

ram com a consciência; os adeptos dessa última corrente, portanto, falam dos fenômenos físicos ou fisiológicos da hipnose", vale dizer, da histeria também, (I, 120). Em Nancy, pensa-se diferentemente: o cerne do problema do hipnotismo é a sugestão; se um sujeito é hipnotizável não é porque possua uma disposição patológica que favoreça, mas porque é mais sugestionável, porque possui maior sugestionabilidade. A relação com a histeria é, do mesmo modo, diversa. Ocorre que o doente hístico é dotado de alto grau de sugestionabilidade. Daí decorrem duas conseqüências importantes: em primeiro lugar, se ele é tão vulnerável à sugestão, com facilidade copiará os sintomas das doenças orgânicas, produzindo toda a exuberante coleção sintomatológica característica da histeria; em segundo lugar, ele é, por excelência, o sujeito da hipnose. Dir-se-á, nessas condições, "que todos os fenômenos do hipnotismo têm a mesma origem: isto é, surgem de uma sugestão de uma idéia consciente, que foi introduzida, mediante uma influência externa, no cérebro da pessoa hipnotizada e por esta foi aceita como se tivesse surgido espontaneamente" (I, 119-120). Tudo se passa como se o conflito se desse entre os ardorosos defensores da Histeria/Hipnose como conjunto de fenômenos essencialmente fisiológicos, para os quais os componentes psicológicos recuam para um segundo plano e os fervorosos adeptos de concepção de que esse é um entendimento ruim do problema, de que a sugestão é fenômeno fundamentalmente psíquico e, por conseguinte, é a estrutura de entendimento fisiológica que deve recuar para o segundo plano. No texto de Freud, o conflito parece permanecer, embora isso não seja nem satisfatório nem rentável do ponto de vista

teórico e de explicação:

"Não temos critério algum que nos possibilite estabelecer uma distinção exata entre um processo psíquico e um processo fisiológico, entre um ato que ocorre no córtex cerebral e um ato que ocorre na substância subcortical; isso porque 'a 'consciência', o que quer que isto seja, não está ligada a toda atividade do córtex cerebral, e não está sempre ligada em igual grau a alguma de suas atividades em particular; não é algo que esteja em conexão com alguma região do sistema nervoso. Portanto, parece-me que não pode ser aceita, nessa formulação assim genérica, a questão de saber se a hipnose exhibe fenômenos psíquicos ou fisiológicos; e parece-me que a decisão no caso de cada fenômeno em particular deve ser tomada com base numa investigação especial" (I, 129).

Novamente a constatação de uma carência, de um fracasso, de uma ignorância. Porém, pouco importa que a hipnose tenha fundamento em algum núcleo patológico herdado ou que se apoie num gradiente pessoal de sugestionabilidade. Essa é uma controvérsia "em família": em ambos os casos essa tal de "consciência, o que quer que isto seja", está ausente dos fenômenos em apreço. Com Charcot, afirmar-se-á que "as modificações psíquicas, que devem ser assinaladas como o fundamento do estado histérico, ocorrem inteiramente na esfera da atividade cerebral inconsciente, automática" (I, 90). Com Bernheim, por outro lado, "a sugestão não pode produzir algo que não esteja contido na consciência ou nela introduzido. Nossa consciência apenas toma conhecimento do resultado final de um movimento; ela nada sabe da ação e da distribuição anatômica dos músculos individualmente e nada sabe da distribuição anatômica dos nervos em relação aos músculos" (I, 123). Nessas condições, qualquer que

seja o partido escolhido o resultado é o mesmo, de vez que e les estão mergulhados numa mesma concepção — e Freud com e les — de psíquico, que, aliás, vigorará até o final do século, segundo a qual, o psíquico é o que está associado à consciência, nas orlas da qual se espalham os fenômenos que ela desconhece: os não conscientes, pertencentes à esfera da fisiologia. Os fenômenos inconscientes — se é que hoje ainda se deve usar essa palavra nessa situação — não são mais que aqueles que, tendo ficado fora das margens da consciência e, portanto, ocultos dela, não podem pertencer a outra instância que não seja àquela da estrutura, da função e dos movimentos que ocorrem nos músculos e nos nervos e nos lugares onde eles se entrecruzam. Toda essa concepção poderia, talvez, ser chamada de "uma fenomenologia da consciência", para brincar com palavras que o pensamento alemão pôs em jogo; o mais, fica por conta de uma "Bewusstseinslähmung", isto é, para ser literal, uma paralisia da consciência, ou para ser liberal, uma paralisação da consciência; o lugar ou o instante em que a atividade psíquica normal se torna inoperante e, sob o efeito dessa vertigem, cai no campo do automático, do reflexo, do muscular e do neural.

Há que escapar da sedução fácil de ver aí "o inconsciente freudiano" em embrião, em gêrmem ou em estado larvar. A psicanálise não tem nada a ver com isso. A demarcação por relação a Charcot e seu entendimento dos fatores etiológicos da histeria, a diferenciação por relação à sugestão, seja ela hipnótica ou não, de modo algum são homólogos da idéia de que o que é psíquico é verdadeiramente inconsciente. A importância

de Charcot, Bernheim, a hipnose e a histeria é de outra natureza. Não se deve supervalorizar o fato de que já está presente a idéia segundo a qual um pensamento separado da consciência e colocado além de seus confins — logo, desconhecido dela — tem um efeito sobre o corpo; que o "ego" fica fora disso e acaba fazendo o papel do marido traído. Somente quando a preocupação com o sentido dos sintomas e o sentido da enfermidade tiver ocupado seu lugar junto ao inconsciente é que se dará a torção da medicina para a psicanálise que hoje conhecemos. Aí, a diferença entre o que o médico e o psicanalista entendem por sintoma e doença tornar-se-á radical. Terá nascido o psicanalista (41).

(41) Caminharemos por algum tempo ao lado dos médicos, mas deles nos apartaremos, para seguir, com o Dr. Breuer, uma rota absolutamente original", (XI, 14).

5 - FENÔMENOS HISTÉRICOS, FENÔMENOS HISTÓRICOS

Mas, nada de precipitação: estamos na alvorada dos anos 90 e, nesse momento, é com Breuer que estamos em companhia. Os acontecimentos são sobejamente conhecidos: ele era um clínico conceituado com um passado de alguma investigação em fisiologia; encontrou-se com Freud nos fins da década de 1870 iniciando uma convivência profissional e pessoal que começaria a se deteriorar na segunda metade dos anos 90; em 1880 é chamado a examinar a filha de um paciente seu que, seriamente doente, viria a falecer no ano seguinte: trata da moça até meados de 1882 e, no fim do ano, relata o caso a Freud; esse caso formará o núcleo de um efêmero trabalho conjunto, publicado sob o nome de Estudos sobre a Histeria. Não é essa, contudo, a primeira vez que os nomes dos dois aparecem associados: num material de enciclopédia datado de 1888 (Histeria: I, 79-100), Breuer faria uma aparição mais do que fugaz, a propósito de um novo método de tratamento da moléstia (p. 99). É claro, por outro lado, que a importância da convivência não pode ser medida pela objetividade desses dados.

Em que consiste o novo método terapêutico? O que constitui a inovação? Acaso é se referindo a ela que Freud, mais de uma vez, o colocará nas raízes da psicanálise? Nos "Estudos" (II, 63-90), fica-se sabendo que Anna O., no período em que Breuer começa a tratá-la, vivia "dois estados de consciência inteiramente distintos que se alternavam com muita frequência e abruptamente, e que se tornaram cada vez mais dife

renciados no curso da doença". A intervenção de Breuer se dá exatamente aí: entre os estados psíquicos normais e os de absence. Estes envolvem elementos que estavam barrados ao conteúdo associativo dos estados normais e pareciam se desenvolver com boa independência por relação aos autóctones. Manifestavam-se no mumúrio de palavras que pareciam estar em consonância com o calvário dela e que, quando mandadas de volta, mostravam a estranha capacidade de induzi-la a falar de suas produções durante as absences. Após esse pequeno discurso, sentia-se "aliviada e reconduzida à vida normal" por algumas horas, para recomeçar, no dia seguinte, a sua monótoma rotina. O que há de extraordinário nesse singular diálogo é que as palavras sobre as palavras possuem algum poder curativo, isto é, Breuer trabalha com palavras postas em cima das palavras dela ("talking cure") e, com isso, consegue a façanha de trazer de volta algumas horas do antigo bem-estar; ele escuta, reconhece e dá valor ao que é dito, aceita-o como "realidade", e através desse estratagema pode reconduzi-la à consciência normal. A essas curiosas conversas, Anna O. chamará de "talking cure" ou de "chimney-sweeping", conforme se refira a elas com seriedade ou de brincadeira. Freud, por seu lado, dirá que "verificou-se logo, como por acaso, que, limpando-se a mente por esse modo, era possível conseguir alguma coisa mais que o afastamento passageiro das repetidas perturbações psíquicas. Pôde-se também fazer desaparecer sintomas quando, na hipnose, a doença recordava, com exteriorização afetiva, a ocasião e o motivo do aparecimento desses sintomas pela primeira vez" (XI, 16). Lembrança afetiva, tradução em palavras, remissão dos

sintomas: eis a rota do método catártico. Era preciso roubar ao esquecimento o incidente que provocou o sintoma e acordar o afeto a ele ligado, para, juntos, serem trazidos à luz. Se a sofredora vítima pudesse descrevê-lo, pô-lo em palavras, adicionando à sua narrativa a necessária dose de emoção, então, o sintoma desapareceria sem deixar vestígios, cedendo lugar à alegre sensação de conforto. Catarse e abreação.

Tudo isso se deve à regra de formação dos sintomas. Eles se formam como "precipitados", ou seja, como resíduos insolúveis de experiências emocionais, constituindo aquilo que pôde ser chamado, metaforicamente, de "traumas": os "traumas psíquicos". "Qualquer experiência que possa evocar emoções alitivas — tais como as de susto, ansiedade, vergonha ou dor física — pode atuar como um trauma dessa natureza" (II,46). Na terminologia médica, onde Freud e Breuer vão buscar a noção de trauma, sob o efeito de alguma agressão vinda do exterior, um órgão, região ou simples tecido, é lesado; o conjunto das perturbações causadas pelo ataque é o trauma. Charcot já havia usado a noção, articulando-a aos casos de histeria nos quais o sujeito começa a sofrer os achaques da enfermidade após ter sofrido algum acidente ("railway spine"). Freud e Breuer ampliam o espectro de significação da palavra, relacionando-a a uma experiência carregada afetivamente e colocando-a no interior do espaço psíquico: para um indivíduo particular, um evento que se passa na vigência de certas condições afetivas, se transforma num trauma. A natureza traumática do incidente não deve ser procurada somente nas características próprias do incidente, mas também em uma "susceptibilidade do in

divíduo" ou no estado psíquico em que ele vive o incidente, isto é, para uma particular pessoa, uma cena particular, pode, num instante determinado de sua vida, assumir o papel de trauma. Uma vez instalado, o "trauma psíquico — ou mais precisamente a lembrança do trauma — atua como um corpo estranho que muito depois de sua entrada deve continuar a ser considerado como um agente que ainda se acha em ação" (II, 46). Os sintomas devem, portanto, ser considerados como determinados por traumas, ou seja, por lembranças, restos ou resíduos de memória que representem cenas, e que, como enclaves incrustados no psíquico, daí atuam, retirando aos sintomas o caráter peculiar, nebuloso ou confuso de manifestações arbitrárias da moléstia. Não raro, haverá uma coleção de traumas "parciais" atuantes. Nesse registro, no registro das lembranças e dos traços de memória, bastará retroagir na cadeia associativa, com o auxílio inestimável da hipnose, para recuperar a cena original, aquela que teria dado início a todo o processo: o terapeuta deve caminhar do presente para o passado, deve ir buscar o primeiro acontecimento da série associativa. A partir do resgate desse trauma originário, o sujeito estaria liberado de seus sofrimentos; refazendo, por esse método, a história dele, a terapia o teria aliviado das suas "reminiscências", daquilo que causava o seu tormento.

Na experiência habitual e não patológica, as pessoas atualizam a afetividade ligada às situações que enfrentam, exteriorizando essa carga afetiva e permitindo que as representações antes presas a ela possam transitar livremente, como que sem atrito, no coletivo das outras representações que

formam o repertório psíquico delas. Na experiência traumática, é negada às pessoas a possibilidade dessa descarga, da descarga emocional adequada, e isso por razões de duas ordens: pode ocorrer que a situação em que se dá o evento traumático impeça a reação adequada e conveniente, "como é o caso da perda irreparável de um ente querido, ou porque se tratavam de coisas que o paciente desejava esquecer, e portanto intencionalmente reprimiu (sic.)⁽⁴²⁾, inibiu e suprimiu do seu pensamento consciente" (II, 50-51); pode ocorrer ainda, que não seja a situação, mas o estado psíquico o responsável pela ausência de reação conveniente, ou seja, a situação é enfrentada "durante a prevalência de emoções gravemente paralisantes, tais como o susto, ou durante estados psíquicos positivamente anormais, como o estado crepuscular semi-hipnótico dos devaneios, a auto-hipnose, etc." (II, 51). É evidente que as duas ordens de razões podem se associar, como "é o caso em que um

(42) Nesse lugar, Strachey chama para o rodapé onde ele afirma: "Esta é a primeira vez que surge o termo 'reprimido' (... ('verdrängt') (sic.) naquilo que iria ser o seu sentido, psicanalítico" (o que é, no mínimo, discutível); mas, alguns parágrafos antes (p. 49), encontra-se escrito: "Se a reação for reprimida (sic)" enquanto o original é "Wird die Reaktion unterdrückt", isto é, reprimir serve para traduzir verdrängen, tanto quanto para traduzir unterdrücken. Descuido? Existem 3 fragmentos que são rascunhos para o texto em questão, um dos quais é chamado "Sobre a teoria dos ataques histéricos". Esse rascunho é dividido em itens e no de número 4, Freud cuida exatamente das razões de ausência patológica de reação. Segundo Strachey, ele afirma: "Se uma pessoa histérica intencionalmente procura esquecer uma experiência, ou rechaça-a decididamente, inibe e suprime uma intenção ou idéia, (...)" (I, 215). (If an hysterical patient intentionally seeks to forget an experience, or forcibly repudiates, inhibits and suppresses an intention or idea, ...). Cabe perguntar: verdrängen pode ser traduzido alternativamente por reprimir e rechaçar? Traduttore traditore?

trauma, que é atuante em si mesmo, ocorre enquanto predomina u
ma emoção gravemente paralisante, ou durante um estado de al
teração da consciência" (II, 52). Esse "estado de alteração
da consciência" ou, como será denominado três parágrafos adian
te, esse "estado anormal de consciência" é o estado hipnóide, o
fenômeno básico (Grundphänomen) da histeria. Eis o cerne
da Comunicação Preliminar. A esse respeito, diz o texto:

"Quanto mais nos ocupamos dessas manifesta
ções (histéricas), mais nos tornamos conven
cidos de que a divisão da consciência, que
é tão marcante nos casos conhecidos sob a
forma de 'double conscience', se acha pre
sente num grau rudimentar em toda histeria,
e que a tendência para tal dissociação, e
com ela o surgimento de estados anormais de
consciência (que reuniremos sob a designa
ção de 'hipnóides'), constitui a manifesta
ção básica desta neurose". (II, 52-53; gri
fado no original).

Divisão da consciência, "double conscience", consciência nor
mal, estado hipnótico, é preciso ver como funciona toda essa
parafernália. Estados hipnóides podem ou não estar presentes
nas pessoas, caracterizando a histeria disposicional e a his
teria psiquicamente adquirida, que não são mais que extremos
de uma série e entre os "quais a tendência à dissociação no su
jeito e a magnitude emocional do trauma variam inversamente"
(II, 54). Essa magnitude é, portanto, capaz de gerar estados
hipnóides não disposicionais (como ocorre nas neuroses traumá
ticas ou na supressão penosa de uma emoção sexual). Qualquer
que seja a origem da divisão, o fato é que um grupo maior ou
menor, mais ou menos organizado de idéias passa a estar conti
do na segunda consciência. Essa última pode, em certas oca

siões tomar para si o controle de certas inervações que estiveram antes controladas pela consciência normal: é quando so brevem a conversão. Os dois estados de consciência podem, no entanto, coexistir, como acontecia com Anna O.:

"mesmo durante seu comportamento normal verificou-se uma persistência de manifestações somáticas e psíquicas (contraturas, hemanestesia e alterações da linguagem) das quais nesse caso sabemos, como um fato, que se baseavam em idéias que pertenciam ao estado hipnóide. Isto prova que, mesmo durante seu comportamento normal, o complexo ideacional pertencente ao estado hipnóide, o 'subconsciente' ("Unterbewusstsein"), estava em existência e que a divisão de sua mente persistia" (II, 291).

Coexistir é pouco, eles podem mesmo competir: "Não obstante, embora seus dois estados fossem assim acentuadamente separados, não somente o estado secundário (no original alemão "zweite Zustand", ou seja, "estado segundo") invadia o primeiro, como — e isto era verdade, com frequência, em todos os acontecimentos, mesmo quando ela se encontrava numa condição muito ruim — um observador esclarecido e calmo ficava sentado, conforme ela dizia, num canto do seu cérebro e contemplava toda aquela loucura ao seu redor (II, 89). Logo, um ataque histérico é corolário de uma consciência hipnóide já suficientemente organizada capaz de assumir o controle da pessoa, apesar da consciência normal e contra ela. "Durante o ataque, o controle sobre toda a inervação somática passa para a consciência hipnóide. A consciência normal, como o demonstram observações bem conhecidas, nem sempre é inteiramente reprimida (verdrängt). Ela pode até mesmo perceber as manifestações mo

toras do ataque enquanto os fatos psíquicos acompanhantes fi
cam fora de seu conhecimento" (II, 57). Desse modo, estando
já minimamente organizada a consciência hipnóide, ela estará
em condições de ameaçar a consciência normal, mantendo-se, a
partir de então, um equilíbrio não raro precário entre elas;
é suficiente, por exemplo, uma exaustão da personalidade para
que a segunda consciência ultrapasse a primeira.

Por outro lado, catarse, abreação, terapia; como tu
do isso funciona? O método psicoterapêutico "elimina a efi
cácia (patogênciã) da idéia que não fora abreagida por ocasião
da experiência traumática, permitindo que sua emoção estrangu
lada encontre uma saída através da fala; e submete essa idéia
à correção associativa, introduzindo-a na consciência normal
(sob hipnose leve) ou eliminando-a por sugestão do médico, co
mo se faz no sonambulismo acompanhado de amnésia" (II, 58; gri
fado no original).

Não deixa de ser curioso que freqüentemente algum co
mentarista abalizado encontre nesses textos o início, ainda in
certo, tateante e inseguro, daquilo que hoje se dá a nós como
objeto de estudo e de pesquisa; que, aqui ou acolá se esbar
re com uma chamada para o rodapé que nos ensine que "essa é a
primeira vez que surge tal termo naquilo que iria ser o seu
sentido psicanalítico" ou "isto parece ser a primeira ocorrên
cia publicada da expressão tal ..."; que não poucas vezes te
nha sido a "transferência" que embaraçou Breuer em seu conta
to terapêutico com Anna O. e que obrigou-o a bater em retira
da — justamente a transferência, rebento da produção dessa

época; parece que, seja no plano da prática, seja no da elaboração teórica, esse é um tempo privilegiado onde devem ser buscadas as satisfações para todas as curiosidades do tipo: de onde veio isso? Certamente esse é apenas um exemplo de uma vontade demasiado comum a ponto de já não causar mais espécie, envolvente o bastante para que se continue a seguir suas ordens sem sequer se perguntar a que servem. Talvez seja porque o objeto das "descobertas" seja uma espécie de objeto perdido que se tenta recuperar pelas palavras. Afinal, o que é uma "descoberta" como a do recalçamento, a do inconsciente ou a da significação da sexualidade na etiologia das neuroses? Será que é algo como a descoberta da América por Colombo? Ou será que guarda maiores semelhanças com a situação, indiscutivelmente agradável, de descobrir algum dinheiro no bolso de um casaco que já não se usa há algum tempo? Ora, o saber que o nome psicanalítico recobre não pode ser descoberto por alguém que vá lá e retire o véu — ou qualquer outro pano — que o recobre. Da mesma maneira, "recalçamento" ou "inconsciente" não são coisas que estiveram lá todo o tempo e nós, em nosso descuido secular ou na nossa desatenção milenar, não os vimos, mas bastou que Freud batesse os olhos neles e pronto! Claro, Breuer deu-lhe um tapinha nas costas — ou terá sido Charcot? — para chamar a atenção. Fala-se do "embaraço" de Anna O., de como Breuer não pôde assumi-lo, de sua fuga com Mathilde para uma segunda lua-de-mel, como se a transferência estivesse ali, na ponta de seu nariz, e ele, por uma inexplicável negligência, teria deixado de usá-la a seu favor. Pobre Breuer. Será mesmo tão necessário alcançar o que está além

dos textos? Remexer no espaço imaginário para além deles, anterior a eles, para aí desenterrar seus tesouros? Como se existissem objetos prévios a eles — pré-textos? — que constituíssem a verdade última daquilo que os textos dizem e dos quais fosse necessário, também, fazer um inventário e uma história: a história dos enigmáticos objetos mudos. Podemos bem deixá-la para a satisfação desses responsáveis por seções de achados e perdidos e voltar, modestamente, aos textos.

O texto de Breuer nos "Estudos" é bastante informativo a respeito do que ele compreende possa ser uma teoria que funda o método que ele usa: um texto escrito na "linguagem da psicologia". Só que na da psicologia em uso, a psicologia à qual Freud fará tantas vezes referência, chamando-a de "psicologia da consciência". O texto de Breuer tem mais a ver com a psicologia do seu tempo que com a psicanálise; por isso, a afirmação inicial dele a propósito do que escreverá deve ser tomada a sério. Talvez seja essa a principal razão para desanimar de procurar nele uma definição, ou mesmo uma "antevisão", do conceito de inconsciente, por exemplo; mais do que todo o discurso sobre a divisão da consciência, as consciências normal e hipnóide, a primeira e a segunda consciências, etc. Efetivamente é sua harmonia com a psicologia que está em uso, com os problemas que ela coloca, que impede a ele de aceder ao inconsciente: não se coloca questões para as quais não se têm condições de responder. A psicologia de Breuer está por demais comprometida com a fisiologia — Freud será o primeiro a dizê-lo — para inventar um inconsciente que não seja redutível a uma segunda consciência, a uma condition

seconde. É preciso ver isso de perto. O primeiro problema que ele tenta solucionar é ligado ao caráter dos fenômenos histéricos; se são ideogênicos ou não. Num certo instante diz ele (p. 240): "Estou de acordo com aquela (opinião) de que as 'idéias', imagens mnêmicas puras e simples, sem qualquer excitação do aparelho perceptivo, jamais, mesmo no ápice de sua vividez e intensidade, atingem o caráter da existência objetiva que é a marca das alucinações". Certamente se reconhecerão desde logo as palavras que grifamos em relação à sua pertença, mas isto ainda seria muito pouco. No item 2, quando ele cuida dos Afetos, as excitações tônicas intracerebrais, começa com uma longa discussão sobre as diferenças entre o sono e a vigília. No sono, por exemplo, "os estímulos sensoriais talvez sejam percebidos, (...) mas não são apercebidos, isto é não se tornam percepções conscientes". Por outro lado, na vigília, "as impressões dos sentidos se tornam percepções conscientes e as idéias se associam com todo o conteúdo presente na consciência potencial" (p. 245 ; grifo nosso). Quem não se lembrará do que era considerado ser o objeto de pesquisa do psicólogo: a ele deve interessar a série total de excitações que vão desde a estimulação dos órgãos dos sentidos aos centros nervosos, para, posteriormente, sair através dos músculos; paralelamente com as atividades fisiológicas ocorrem os fatos da vida mental, que são conhecidos por introspecção ? Sobre as emoções, ler-se-á: "Todas as emoções poderosas restringem a associação — a concatenação de idéias (...) Somente o grupo de idéias que provocou a emoção persiste na consciência e o faz com extrema intensidade. Assim, a atividade as

sociativa não pode fazer voltar a excitação ao seu nível normal" (p. 255). Idéias, atividade associativa, consciência, excitação, emoção, intensidades, eis o arsenal conceitual do texto. Sobre a conversão histérica, dirá:

"a excitação intracerebral, e o processo excitatório nas vias periféricas, são de magnitudes recíprocas: a primeira aumenta se, e enquanto, nenhum reflexo fôr liberado, diminui e desaparece quando tiver sido transformada em excitação nervosa periférica. Assim parece compreensível que nenhuma emoção observável possa ser gerada se a idéia que devia ter-lhe dado origem, libere imediatamente um reflexo anormal, no qual a excitação flui tão logo é gerada. A conversão histérica é então completa" (p. 261).

Veja-se como o texto termina por "mergulhar nas dificuldades insolúveis do paralelismo psicofísico" (XIV, 193), ao abordar a questão das emoções: "A excitação constitui a base psicofísica dos efeitos, que serão examinados mais adiante" (p. 252), ou: "Uma tal perturbação do equilíbrio dinâmico do sistema nervoso — uma distribuição não uniforme da excitação aumentada — é o que constitui a faceta psíquica das emoções (der Affekte)" (p. 254). Mas certamente a opinião de Freud, emitida no ano da graça de 1915, não impediu que o paralelismo fosse usado sem economia pela psicologia de Leipzig. Quanto à noção de inconsciente, todo o ítem 5 é dedicado às "idéias inconscientes e idéias inadmissíveis à consciência". Vê-se logo que inconsciente e subconsciente são sinônimos (p. 277), que tais idéias estão abaixo do "limiar da consciência" (p. 278) e que: "Toda a atividade intuitiva é dirigida por idéias que em grande medida são subconscientes, pois apenas as idéias mais claras

e mais intensas são percebidas pela autoconsciência, enquanto a grande massa de idéias correntes, porém, mais fracas, permanece inconsciente" (idem). Mas, se alguém ainda acha que ele andava rondando o inconsciente, basta ver a metáfora espacial criada logo adiante: a de uma árvore. Nela, o tronco firme e a copa frondosa constituem a "consciência" (Bewusstsein), enquanto que as raízes profundas e subterrâneas, o "subconsciente" (Unterbewusstsein). "Se, contudo, tivermos sempre em mente que todas essas relações espaciais são metafóricas, e não nos deixarmos acreditar que essas relações se acham literalmente presentes no cérebro, podemos, não obstante, falar de uma consciência e de uma subconsciência" (p. 283). De todo modo, estaremos ao abrigo dos equívocos, "se sempre nos lembrarmos de que, afinal de contas, é no mesmo cérebro, e muito provavelmente no mesmo córtex cerebral, que as idéias conscientes e inconscientes (die bewussten wie die unbewussten Vorstellungen) têm a sua origem (ibidem)".

Seria, talvez, necessário renunciar à metáfora atramente segundo a qual o bloco de mármore de onde o escultor tirará a psicanálise já tinha começado a ser cinzelado e que o homo hystericus desse momento só necessita de alguns retoques; ou que são justamente os pedaços que doravante serão arrancados à pedra os responsáveis pelas diferenças por relação à psicanálise. A metáfora pode engabelar: as diferenças são de outra ordem;

1. A teoria dos estados hipnóides, que "tornou-se, aliás embaraçante e supérflua", estava baseada numa semelhança nem sem

pre garantida entre o estado dos doentes e o estado de sujei
tos que haviam sido levados a hipnose; tudo se passava como
se eles tivessem se auto-hipnotizado, já que o médico não ti
nha tomado essa iniciativa. Semelhança superficial e engano
sa, portanto. A prática da época mostrará que, muito ao con
trário, alguns pacientes serão avessos à hipnose, apresentando
a mesma plêiade de comportamentos patológicos. Mas, a teoria
era, além disso, incompleta: "em particular, quase não tínha
mos tocado no problema da etiologia, na questão do terreno on
de o processo patológico lança raízes" (XX, 36).

2. O método catártico exigia, sabemos, uma hipnose profunda;
somente nesse estado era possível ao doente estabelecer os la
ços que, de outro modo lhe faltavam: as ligações patogênicas.
Sem sonambulismo não há lembrança de acontecimentos traumáti
cos e sem isso não há efeito terapêutico. "Tornou-se-me logo
enfadonho o hipnotismo, como recurso incerto e algo místico;
e quando verifiquei que apesar de todos os esforços não conse
guia hipnotizar senão parte de meus doentes, decidi abandoná-
lo" (XI, 24); "por conseguinte, a história da psicanálise pro
priamente dita só começa com a nova técnica que dispensa a hip
nose" (XIV, 26).

3. A teoria das reminiscências, segundo a qual certas lembran
ças se intrometem no espaço psíquico, aí se instalam, e come
çam a operar, comportando-se como um corpo estranho e obstina
do que não respeita a passagem do tempo, também será demolida.
A lembrança de um evento tão marcante que tem até data certa
como fundamento da histeria precisará desfazer-se para ceder

lugar à vida fantasmática, à sexualidade infantil, ao conflito e à etiologia sexual. Na histeria — mas não só nela —, é fundamental revalorizar o "fato real", se, o mais importante é a fantasia "impregnada de desejo"; a realidade psíquica importa mais, afinal, que a realidade material. "A teoria da catarse não tinha muito a dizer sobre o tema da sexualidade"; a bem dizer, "teria sido difícil adivinhar pelos Estudos sobre a Histeria a importância que tem a sexualidade na etiologia das neuroses" (XX, 34-35).

As diferenças, portanto, entre esse aparo teórico e o da psicanálise são da ordem do essencial. O inconsciente e o recalçamento, a importância das experiências sexuais infantis e o significado etiológico da sexualidade são ainda coisas do futuro e nada aqui permite vê-las; sequer antevê-las. É importante ter claro que a aparelhagem teórica desses textos não só não acolhe esses conceitos, como, pior, proíbe-os. Não que num súbito acesso de clarividência, Freud tivesse enxergado o que ainda não tinha visto, apesar de continuar olhando na mesma direção. Ou que, aliviado do peso adicional de um Breuer reacionário e incapaz de pensar o óbvio proibido, tivesse corrido célebre na direção de sua criação magistral. A proibição vem de outro lugar. O método catártico, importa pouco se com ou sem sugestão, se com hipnose mais ou menos profunda, é uma prática que visa o tratamento dos sintomas histéricos. Articulada a essa prática, seus autores escolhem uma opção teórica que inclui certas questões e exclui certas outras. Para fazer frente às questões que lhe são pertinentes, certos e

lementos são imprescindíveis, ou seja, certos conceitos e enunciados que dão contorno, definem e lançam luz sobre o objeto de sua prática. Evidentemente, outros conceitos, mesmo gozando de autonomia por relação aos operadores fundamentais podem ser compatíveis com o corpo teórico de base; outros, ainda, serão a tal ponto incompatíveis que criarão verdadeiras monstruosidades, inaceitáveis, por suposto, mesmo para uma opção teórica que ainda engatinha. Logo, mesmo quando se trata de justificações, certas forças de atração e de repulsão — se se quiser, para abrandar um pouco as relações, de aceitação e de recusa — aparecerão, desde que a opção teórica se ponha a funcionar como forma de explicação da prática. Ora, os traumas e as situações traumáticas, a elaboração associativa e a abreação, os estados hipnóides e a catarse, dentro dos enunciados que lhes dão funcionalidade, não são absolutamente incompatíveis com uma etiologia hereditária nos moldes de Charcot, nem, tampouco, com hipóteses fisiológicas sobre excitações corticais nos moldes de Breuer, mas certamente são incompatíveis com um recalçamento ou com um inconsciente — implicados, é bom que se diga, "de corpo e alma", como os que a psicanálise de finirá, ou com os significados que um sintoma pode ter, indissolúveis de uma teoria do conflito e de hipóteses sobre a sexualidade, ainda ausentes. Exemplo:

"A teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise. É a parte mais essencial dela e todavia nada mais é senão a formulação teórica de um fenômeno observado quantas vezes se desejar se se emprende a análise de um neurótico sem recorrer a hipnose. Em tais casos encontra-se uma resistência que

se opõe ao trabalho de análise e, afim de frustrá-lo, alega falta de memória (...). A consideração teórica, decorrente da coincidência dessa resistência com uma amnésia, conduz inevitavelmente ao princípio da atividade de mental inconsciente, peculiar à psicanálise (...). Assim talvez se possa dizer que a teoria da psicanálise é uma tentativa de explicar dois fatos surpreendentes e inesperados que se observam sempre que se tenta remontar os sintomas de um neurótico a suas fontes no passado; a transferência e a resistência. Qualquer linha de investigação que reconheça esses dois fatos e os tome como ponto de partida de seu trabalho tem o direito de chamar-se psicanálise (...)"(XIV, 26, grifo nosso).

É mais não precisa ser dito.

O problema não é de "estreitamento do campo visual" ; tampouco é solucionável pelo uso de lentes corretivas adequadas. O que está em jogo no método catártico, qualquer que seja a acepção dessa expressão, é a histeria, em geral, e os fenômenos histéricos, em particular, em relação à consciência que se têm deles próprios e de suas causas. Tem-se uma consciência normal, que permanece normal e una pelo tempo que permanecemos normais e que é obrigada a largar o timão, cedendo-o à segunda consciência — ou qualquer de seus equivalentes — quando nos tornamos histéricos. A consciência "anormal", o estado anormal de consciência, se se quer, leva a melhor sobre a consciência normal — a primeira, a "oficial" — que a tudo observa, sem nada poder fazer. Astuta, leviana e insensata, a segunda consciência é o correlato psicológico da patologia: eis porque ela troça da bem comportada consciência normal. É evidente que a linha de demarcação entre o normal e o patológico é um traço grosso e firme que vai de menos infinito a

mais infinito e que separa, de modo indiscutível, as duas possibilidades: ou temos uma só, normal, ou temos mais de uma, aí incluída a "anormal"; trata-se da divisão da consciência. Tomando como objeto a histeria e seus fenômenos — o patológico —, dentro do quadro de referência de uma psicologia da consciência, o resultado não podia ser diferente; e a inclusão de um inconsciente a isso tudo — seria mesmo possível? — não seria senão uma contradição a mais, acrescentada às já existentes.

Tem-se um excelente exemplo disso tudo, exatamente onde Strachey acusa "a primeira ocorrência publicada da expressão 'das Unbewusste' ('o inconsciente') no que iria ser seu sentido psicanalítico". Nos comentários finais ao caso Anna O., Breuer dizia que

"durante toda a doença seus dois estados de consciência persistiam lado a lado: o primário, em que ela era bem normal (ganz normal war, a tradução é, portanto, precisa) e o secundário (em alemão: und der 'zweite' Zustand, ou seja, e o 'segundo' estado, precisamente) que pode muito bem ser assemelhado a um sonho em vista de sua riqueza de produtos imaginativos e alucinações, suas grandes lacunas de memória e a falta de iniciativa e controle em suas associações. Nesse estado secundário (In diesem zweiten Zustande, em alemão) a paciente estava numa condição de alienação" (p. 88)

(os adendos entre parênteses são nossos, evidentemente). Breuer acrescentava que a intromissão desse inconveniente segundo estado de consciência nos domínios da consciência normal tinha poder de determinação sobre essa última e que parecia "lançar considerável luz sobre, pelo menos, um tipo de psicose histé

rica". As costumeiras hipnoses noturnas demonstravam que Anna O. estava "inteiramente lúcida e ordenada", que estava normal quanto a seu sentir e seu querer, "enquanto nenhum dos produtos de seu estado secundário (sic.) atuava como estímulo 'no inconsciente'". E concluía: "É difícil expressar a situação afirmando que a paciente estava dividida em duas personalidades, das quais uma era mentalmente normal e a outra insana" (die andere geisteskrank war, literalmente, a outra era insana, no sentido de alienada, demente, louca) (pp. 88-89). Entretanto, a acentuada separação entre os dois estados não impedia que o segundo invadisse o primeiro, além do que — "e isto era verdade, com frequência, em todos os acontecimentos, e mesmo quando ela se encontrava numa condição muito ruim — um observador esclarecido e calmo ficava sentado, conforme ela dizia, num canto de seu cérebro e contemplava toda aquela loucura ao seu redor" (p. 89). Vê-se bem que a consciência, a primeira, a "oficial" (como dirá Freud, se apropriando de uma expressão de Charcot), e ao mesmo tempo vulnerável e superpotente: vulnerável porque não é capaz de resistir aos ataques insidiosos da arteira segunda consciência e superpotente porque tem conhecimento de tudo, isto é, de si própria e de sua complementar patológica, muito embora essa complementar seja "o inconsciente", como querem alguns.

Quanto a Freud, pode-se dizer que "ainda caminha ao lado dos médicos" e com o Dr. Breuer; se renova algumas coisas aqui ou ali, ainda não se pode dizer que inova no sentido em que fará um pouco mais adiante, quando começar a "seguir uma rota absolutamente original". É inegável que o capítulo

que prepara para os "Estudos" contém já uma preocupação com algo maior que a histeria e que a inclui, ou seja, as neuroses em geral. É incontestável que a hereditariedade já não mais satisfaz como justificação etiológica, e que ele está cada vez mais atarefado com a sexualidade e o papel que ela desempenha na etiologia das "neuroses maiores". É indiscutível que a demarcação por relação a Charcot começa a alcançar áreas cada vez maiores e mais importantes (o que de resto acontece também com Breuer). Mas, nada disso anuncia a psicanálise; nada disso quer dizer que ele já a possui — a bem da verdade factual, nem mesmo o nome foi impresso — e a prática; nada disso autoriza a afirmar que esse é o "ponto de partida da psicanálise". Vejamos.

A cronologia dos textos exige atenção embora "A psicoterapia da Histeria" faça parte do mesmo volume que a "Comunicação preliminar", existem, no ponto médio da distância que separa os dois textos, as "Neuropsicoses de Defesa". No entanto, essa equidistância também pode ser enganosa, pois as "Neuropsicoses" são, do ponto de vista do conteúdo, dos conceitos fundamentais, da opção teórica e das ambições técnicas, muito mais chegadas à "Psicoterapia da Histeria" que à "Comunicação Preliminar"; efetivamente e para as análises que serão feitas, esse último texto não é contemporâneo dos dois outros. Em relação à "Comunicação Preliminar", Freud dirá que, de lá para cá, "novos pontos de vista se introduziram à força em minha mente. Estes conduziram-me ao que é, em parte, pelo menos, um agrupamento e interpretação diferentes do material real conhe

cido por mim naquela época" (II, 312).

Em 1894, Freud parece dispor de uma potente grande angular através da qual pretende enxergar a "histeria adquirida, muitas fobias e obsessões e certas psicoses alucinatórias", iluminadas por uma "teoria psicológica". Para tanto, introduz uma modificação importante na mecânica da divisão da consciêncicia, na formação de "grupos psíquicos separados". Não se tratará mais de "uma fraqueza inata da capacidade de sínteses psíquicas" ou de alguma "estreiteza do 'campo da consciência'", traço, afinal, primário "da modificação mental na histeria" (III, 58). Tampouco tratar-se-ã de estados particulares de consciêncicia que, à semelhança de um estado de sonho, apresentam reduzida capacidade associativa com o conteúdo da consciêncicia, aos quais se chamou de "estados hipnóides". Ainda que esses estados sejam adquiridos e que em sua vigência as idéias que sobrevêm estejam isoladas do restante da consciêncicia, logo seja-lhes vedada a convivência associativa com suas semelhantes, ainda não é desse mecanismo que Freud cuidará. Doravante, "a divisão do conteúdo da consciêncicia resulta de um ato voluntário do paciente; ou seja, é iniciado por um esforço de vontade cujo motivo pode ser especificado" (III, 58-59; grifado no original). E o motivo é "uma ocorrência de incompatibilidade na sua vida ideativa — isto é, seu ego foi confrontado com uma experiência, uma idéia ou um sentimento que suscitavam um afeto tão aflitivo que o sujeito decidia esquecê-lo, porque não confiava em sua possibilidade de resolver a contradição entre a idéia incompatível e seu ego por meio da atividade de pensamento" (III, 59-60; grifado no original). Eis, portanto,

a novidade: diante de uma situação conflitiva entre o ego consciente e uma representação que não é conciliável com o coletivo das outras, e, na iminência de sucumbir ante a "representação incompatível", o ego opta por uma tarefa defensiva.

"A tarefa que o ego se coloca, em sua atitude defensiva de tratar a representação incompatível simplesmente como 'non arrivé' (43) não pode ser cumprida. Tanto os traços de memória como o afeto referente à idéia lá estão de uma vez por todas e não podem ser erradicados. Mas é possível chegar a um cumprimento aproximado da tarefa, se o ego logra tornar fraca essa poderosa idéia, privando-a do afeto — a soma de excitação — do qual está carregada. A idéia fraca não terá então virtualmente nenhuma exigência a fazer quanto ao trabalho da associação. Mas a soma de excitação que tenha sido retirada dela tem que ser utilizada de outra forma" (III, 60-61; grifado no original).

Esse mecanismo de defesa é o mesmo quer se trate da histeria, das obsessões ou das fobias; as vicissitudes do afeto que foi separado é que criarão as especificidades dos diferentes quadros neuróticos.

Na histeria o afeto sai da esfera do psíquico e se aloja no corpo: "a idéia incompatível é tornada inócua pelas transformações da soma de excitação em alguma coisa somática" (idem). É a conversão. Contudo, não se passa da histeria a

(43) A propósito, a tradução francesa de Laplanche, sempre mais confiável, não concorda com Strachey, que teria comido algo de importante. Diz ela: "(...) le moi qui se défend se propose de trahir comme 'non arrivé' la représentation inconciliable, mais cette tâche est insoluble de façon directe; (...)". Cf. FREUD, Sigmund. Névrose, Psychose et Perversion, Paris, PUF, 1981, p. 4.

um mar de rosas. Se o ego consegue se desvencilhar da contradição acachapante, em contrapartida "sobrecarrega-se com um símbolo mnêmico" persistente, espécie de átomo da histeria que "forma o núcleo de um segundo grupo psíquico". Um tal núcleo não cessará de receber auxílio de outras situações traumáticas semelhantes podendo, por isso, ser reforçado e atravessar a "barreira erigida pela vontade", entrando — sem convite ou aviso prévio — na consciência normal. Isso obrigará o ego a confrontar-se novamente com a incompatibilidade e recorrer, mais uma vez, à conversão. Desse modo, a economia da excitação é precária, o balanço afetivo instável e o ego vê-se compelido a uma elaboração associativa superexigente ou ao recurso a ataques intermitentes, como é o caso dos grandes ataques e dos sintomas crônicos. Opera-se, assim, um deslocamento: o que é próprio da histeria não é a divisão do conteúdo da consciência, mas a "aptidão psicofísica de transpor grandes somas de excitação para a inervação somática" (III, 63), de natureza ainda obscura. Por outro lado, conforme essa nova visão da questão da histeria, a hipnose também teria seu lugar ao sol: ela "alarga regularmente a restrita consciência de um histérico" e torna acessível o grupo psíquico que havia sido clivado do restante da consciência.

Todavia, nem todos possuem disposição para a conversão da excitação. Quando essa aptidão estiver presente, o afeto separado pela tarefa defensiva, não tendo como escapar para o calor do corpo, "fica obrigado a permanecer na esfera psiquica" (III, 64; grifado no original). De um lado, a idéia enfraquecida se estabelece no segundo grupo psíquico, na cons

ciência, porém isolada da associação com o conjunto das outras idéias; por outro, seu afeto, agora em condições de liberdade de associação, pode ligar-se a outras idéias em si mesmas não incompatíveis com ele, mas que "graças a essa 'falsa conexão', desenvolvem-se como obsessivas" (idem). Se, falando da histeria, Freud era bastante comedido no que diz respeito à matéria de que são feitas as idéias incompatíveis, fazendo uma afirmação restritiva sobre elas nas mulheres: "idéias incompatíveis dessa espécie assomam principalmente no campo da experiência e da sensação sexuais" (III, 60; grifo nosso), agora a coisa é bem diferente. Com relação às obsessões e às representações obsedantes, ele poderá afirmar: "Em todos os casos que analisei, era a vida sexual do sujeito que havia despertado um afeto aflitivo, precisamente da mesma qualidade do ligado à sua obsessão" (III, 65; grifado no original). Prudência na histeria e audácia nas obsessões? Não é possível saber. O que se sabe é que a contestação dos pacientes à origem da incompatibilidade reforça a tese da "falsa conexão": "Essa freqüente objeção fornece-nos a evidência de que a obsessão representa um sub-rogado da idéia sexual incompatível, tomando seu lugar na consciência" (idem). A teoria da "falsa conexão", entretanto, está preparada para responder ao fato de que a aceitável idéia obsessiva seja, apesar disso, tão problemática: "A separação da idéia sexual de seu afeto e a ligação deste último a uma outra idéia — adequada mas não incompatível — são processos que operam fora da

consciência⁽⁴⁴⁾ (...) Talvez fosse mais correto dizer que tais processos não são absolutamente de natureza psíquica, mas processos físicos, cujas conseqüências psíquicas, que se apresentam expressas pelos termos 'separação da idéia de seu afeto' e 'falsa conexão' deste último, tenham de fato ocorrido" (III, 65-66).

Comparativamente, a conversão do afeto, é muito mais vantajosa que a transposição do afeto como processo defensivo, e a razão é simples: no deslocamento do afeto não há diminuição quantitativa; ele "permanece como antes, inalterado e não diminuído". Mas as idéias refugadas, num e no outro caso "formam o núcleo de um segundo grupo psíquico", um grupo psíquico

(44) Até aqui, Strachey não passava de um tradutor que às vezes trai porque claudica, mas aqui é mais que um simples escorregão. Aqui o que está em jogo é uma tradução definitivamente errada, envolvendo palavras muito corriqueiras e que o prosseguimento do texto se encarrega de explicar. Senão vejamos. O texto alemão diz: "die sind Vorgänge, die ohne Bewusstsein geschehen", (que, na falta do texto original, retiramos de ANDERSSON, Ola, op. cit., p. 132). Ora, de onde foi que Strachey tirou que ohne pode ser equivalente a fora, quando qualquer dicionário de banca de jornal diz que é a sem? Não é preciso recorrer ao Duden para entender o que está em questão: "esses são processos que se produzem sem consciência". Nesse sentido, inconscientes. Eis porque os pacientes desconhecem as "falsas conexões". A continuação do texto explica que tais processos ocorrem sem consciência porque ocorrem fora do psíquico, entre os nervos e fibras, na intimidade dos neurônios e das "barreiras de contato". No entanto, no fim desse parágrafo, Strachey chama, mais uma vez, para o recitativo monótono da ladeira do inconsciente-que-já-estava-lá. Mas ele foi pago apenas para traduzir — bem, se possível — e não para criar confusão através de uma interpretação capenga, que quer, seja lá por que meios fôr, deitar a psicanálise no leito de Procusto dos Estudos sobre a Histeria ou das "Publicações Pré-psicanalíticas". De um tradutor espera-se ao menos um pouco mais de escrúpulo.

independente "que é acessível mesmo sem a ajuda da hipnose" (III, 67; grifo nosso). Aí está uma novidade técnica: a hipnose não é o único método terapêutico, mas um deles. Na "Psicoterapia da Histeria", não faltarão reparos ao "método de Breuer", ao "tratamento catártico", em favor de um método alternativo que prescinde da enjoada hipnose. Além do método de Breuer ser muito específico para a histeria, ele é um tratamento sintomático "que não pode afetar as causas subjacentes". Ninguém poderia dizer que ele é inútil, mas apenas que é pouco potente, mesmo ali onde teria melhor indicação; basta ver os casos em que a histeria segue um curso crônico. (ver II, 317-321). Em razão disso, Freud usará cada vez menos a hipnose e o método catártico e cada vez mais o novo método, baseado na "técnica de concentração" (ou de "pressão", se se quiser). Freud nos conta como isso se passou: quando percebeu que não poderia insistir no uso do método catártico, lembrou-se de Bernheim; "Bernheim nos havia mostrado que as pessoas por ele submetidas ao sonambulismo hipnótico e que nesse estado tinham executado atos diversos, só aparentemente perdiam a lembrança dos fatos ocorridos, sendo possível despertar nelas tal lembrança, mesmo no estado normal" (XI, 24; grifado no original). Se a lembrança parecia lhes faltar, bastava não ceder a essa primeira resistência, interrogar ainda uma vez, pois a pertinácia daria seus frutos: a lembrança terminava por vir à consciência. "Procedi do mesmo modo com os meus doentes. Quando chegávamos a um ponto em que nos afirmavam nada mais saber, assegurava-lhes que sabiam, que só precisavam dizer, e ia mesmo até afirmar que a recordação exata seria a que lhes

apontasse no momento em que lhes pusesse a mão sobre a fronte" (idem). No início, o médico hipnotiza e ouve em silêncio as palavras do doente sobre suas mazelas: as palavras curam, mas o poder de cura é muito reduzido. Depois o médico hipnotiza e fala, à espera que, do silêncio do paciente, surjam as palavras prisioneiras de maior poder de cura. Agora ele fala sem hipnotizar, na tentativa de despertar palavras ricas que cochilam na mudez do desconhecimento de um paciente acordado. Diz-se que ele não sabe que sabe, há que insistir com ele.

A insistência do método alternativo — "a pressão como método auxiliar" (II, 334) — deve ser capaz de vencer "obstáculos psíquicos", as resistências que o paciente oferece: "O método de pressão nada mais é que um truque para apanhar temporariamente desprevenido, um ego ansioso de defesa" (II, 335). Diversos outros truques serão utilizados para pescar essas reminiscências: o de "adivinhar o segredo e dizê-lo ao paciente", o de contar-lhe "sobre o mundo maravilhoso dos processos psíquicos", induzindo-o a se transformar num "colaborador" até outros que escapam dos "motivos intelectuais", como é o caso do uso avisado da "influência do médico", "um fator afetivo que raramente podemos dispensar" e que, "em grande número de casos", basta para "remover a resistência". Por exemplo: se a "assistência da técnica de pressão" se mostra insuficiente é necessário fazer uma adivinhação de algo secreto e contar ao paciente; depois disso, ele não pode mais rejeitá-lo (II, 338). Ou, então — "e essa permanece a alavanca mais poderosa" — , é preciso oferecer opções à altura dos motivos da resistência

e, nessa empresa, trabalhar "com o melhor da própria capacidade, como elucidador (onde a ignorância deu margem ao medo), como professor, como representante de uma visão mais livre ou superior do mundo, como pai ou confessor que ministra a absolvição, por assim dizer, através de uma continuidade de sua simpatia ou respeito depois de feita a confissão" (II, 339). A importância da vitória sobre as resistências é convenientemente avaliada quando se observa o progresso do tratamento. Pois bem,

"somente uma lembrança de cada vez pode entrar na consciência de ego. Um paciente que esteja ocupado em elaborar tal lembrança, nada vê do que a está empurrando e se esquece do que já passou à força. Se houver dificuldades em dominar esta única lembrança patogênica — como, por exemplo, se o paciente não relaxar sua resistência contra ela, se tentar reprimí-la ou mutilá-la — então o desfile (Freud se refere a uma expressão usada um pouco antes: o 'desfile' da consciência) fica, por assim dizer, bloqueado. O trabalho fica paralisado, nada mais pode surgir, e a lembrança única que está em vias de irromper, permanece em frente do paciente até que ele a tenha absorvido na vastidão do seu ego" (II, 348).

Mas, se o terapeuta souber dosar obstinação e esperteza, compreensão e inteligência, conseguirá a reprodução de cada lembrança patogênica e, por conseguinte, a cessação de cada sintoma particular, transformando o "sofrimento histérico em infelicidade comum".

A hipótese da histeria como defesa decreta a aposentadoria precoce de duas figuras centrais do trabalho conjunto com Breuer: a teoria dos estados hipnóides é o método catártico. Embora a histeria hipnóide seja sempre aceita como pos

sibilidade por um Freud cortês e bem educado, essa aceitação é uma boa maneira de colocá-la de lado; ela já entrou para o arquivo morto. O método catártico terá o mesmo destino, pois exige o "enfadonho hipnotismo" que, além do mais, escamoteia a resistência; embora não se conheça o momento exato do abandono, é evidente que as novas considerações teóricas não fazem mais que apressar a aposentadoria. Em compensação, a resistência cresce de importância. Na "Psicoterapia da Histeria", ela atravessa o texto de um lado a outro: nenhum trabalho eficiente poderá se realizar sem levá-la em conta e colocá-la no lugar que merece. Freud dirá mais tarde que foi nela que aligerçou sua concepção "acerca dos processos psíquicos da histeria" (XI, 25).

Com efeito, as reminiscências e o acesso a elas estão articulados à resistência. A estratificação do material patogênico consiste num núcleo em função do qual se ordenam as reminiscências e, quanto mais se caminha da periferia para esse núcleo, mais aumenta a resistência. Inicialmente não se pode esperar penetrar senão na periferia da organização, sendo, portanto, quimérico chegar abruptamente ao núcleo; no seu devido tempo, travadas as necessárias escaramuças com a resistência, um avanço permitirá o acesso a ele.

"As idéias que se originam da maior profundidade e que formam o núcleo da organização patogênica, são também aquelas que são reconhecidas como lembranças pelo paciente com maior dificuldade. Mesmo quando tudo acabou e os pacientes foram dominados pela força da lógica e convencidos pelo efeito terapêutico que acompanha o surgimento dessas idéias — quando, digo eu, os próprios pacientes aceitam o fato de que pensaram is

to ou aquilo, muitas vezes acrescentam: 'Mas eu não posso me lembrar de ter pensado isso'. É fácil chegar a um acordo com elês dizendo-lhes que os pensamentos foram inconscientes (II, 357-358; grifado no original).

Deve-se, no entanto, rejeitar essa "negação de reconhecimento" quando, terminado o tratamento já não há mais razão para ela? Ou, acolhendo-a, aceitar que se trabalhou com pensamentos que nunca existiram de fato? Perguntas capitais que o conhecimento atual proíbe de responder: só poderão ser solucionadas quando uma elucidação completa dos seus "pontos de vista psicológicos" forem alcançados, "mormente sobre a natureza da consciência".

"Permanece, julgo eu, um fato merecedor da mais sêria consideração; de que em nossas análises podemos seguir uma cadeia de pensamentos a partir do consciente até o inconsciente (isto é, até algo que absolutamente não é reconhecido como lembrança), de que podemos acompanhá-la por uma certa distância através da consciência mais uma vez, e que podemos vê-la terminar no inconsciente novamente, sem que essa alternância de 'iluminação psíquica' cause qualquer modificação na cadeia de pensamentos, em sua coerência lógica e na interligação de suas várias partes. A não ser quando essa cadeia de pensamentos estiver diante de mim como um todo, eu não seria capaz de adivinhar qual não é. Apenas, por assim dizer, vejo os pontos mais altos da cadeia, cimos de pensamentos, mergulhando no inconsciente — o inverso do que foi afirmado quanto aos nossos processos psíquicos normais". (II, 358; grifos nossos).

Um balanço conceitual desses textos mostra coisas curiosas. Inicialmente, ao lado de noções indiscutivelmente novas como as de defesa, de resistência e da própria noção de etiologia sexual, permanecem as velhas conhecidas: associação

de idéias, reminiscências, estados de consciência. Dir-se-á que certas noções fazem parte do acervo do pensamento ocidental e que sendo tão básicas e verdadeiras se impõem a qualquer pensamento, ficando como que subjacentes a ele independentemente de seu autor. Este seria o caso do associacionismo. O raciocínio se reforça no caso de Freud por causa de Brentano e suas lições; Freud teria sido frequentador assíduo e interessado dos cursos de Brentano sobre Aristóteles e sobre história da filosofia, brecha para a entrada dos fundamentos da associação; por conta desse contato, teria estabelecido um outro igualmente importante, através das traduções de Stuart Mill. Ter-se-ia descortinado então, definitivamente, o mundo vastíssimo da psicologia associacionista ao qual ninguém pode ficar completamente imune. Finalmente, a jovem psicologia científica, tem o corpo crivado de associacionismo e, ainda por cima, fala alemão. Nada disso é falso; só é inessencial, além de irrelevante como colaboração para a leitura dos textos freudianos. O que efetivamente se lê são afirmações que garantem que os pacientes histéricos não tem a liberdade de lançar "por terra as leis psicológicas comuns que regem a ligação de idéias", nem são pessoas "nas quais uma única idéia fortuita pode tornar-se exageradamente intensa por nenhum motivo e outra indestrutível por nenhuma razão psicológica" (II, 351), o que notará suas hipóteses acerca da histeria, podendo, então, formulá-las "em termos das abstrações psicológicas correntes" (III, 60). Logo, a idéia de que os fenômenos psíquicos podem se conectar uns aos outros no campo da consciência em virtude de algumas relações — algumas leis que regem essas ligações — e que podem ser verificadas seja nos histéricos seja nas pes

soas que gozam de boa saúde psíquica, não é algum tipo de presença subjacente não muito refletida, mas ferramenta de trabalho, operador teórico que é preciso saber transformar em instrumento de intervenção técnica no tratamento das neuroses. "A tarefa do terapeuta, portanto, está em superar através de seu trabalho psíquico esta resistência à associação. Ele o faz em primeiro lugar 'insistindo' usando a compulsão psíquica para dirigir a atenção dos pacientes para os resíduos ideacionais que busca" (II, 326). Procedimentos especiais são utilizados para a consecução da tarefa de eliminar a "resistência à associação". Inicialmente o estrategema de colocar a mão na testa do paciente e, enquanto exerce leve pressão, garantir a ele que nesse mesmo momento recuperará o fio da meada, encontrando a idéia perdida e resgatando-a para o costumeiro estado de consciência; ao paciente bastará comunicar o que lhe veio ao pensamento sem as perdas que uma possível crítica certamente causariam. Outros artifícios como os da adivinhação de segredos, logo revelados aos pacientes, o do acumpliciamento intelectual com o paciente que visa informá-lo a respeito das belezas do mundo psíquico, tudo isso banhado "por algum substituto do amor", isto é, pela "preocupação do médico e sua amizade", tornam o paciente um colaborador interessado e reforçam as capacidades da técnica. Os resultados não tardam e a "mais poderosa impressão provocada durante tal análise é certamente a de que o material psíquico patogênico que ostensivamente foi esquecido, que não se acha à disposição do ego e que não desempenha nenhum papel na associação e na memória, não obstante de algum modo está à mão, e em ordem correta e adequada"

(II, 343-344). Justifica-se, nessas condições, todo o empengo numa luta vitoriosa contra a resistência, contra esse entrave às associações, contra esse obstáculo que atravança o caminho do material. "Em outros sentidos esse material é conhecido, da mesma forma como somos capazes de conhecer qualquer coisa; as ligações corretas entre as idéias separadas e entre elas e as não patogênicas, que são lembradas com freqüência, existem, foram completadas em certa época e estão armazenadas na memória" (II, 344). Mas, se esse material permanece deslembrado, escapando à iluminação consciente, o problema terapêutico é de auxiliar o paciente a lembrá-lo, pois, como "o material psíquico patogênico parece constituir o patrimônio de uma inteligência não necessariamente inferior à de um ego normal", ao fim do tratamento, o paciente terá o conteúdo de seu ego enriquecido (II, 344) ⁽⁴⁵⁾.

Datada e localizada ou, ao menos, datável e localizável, uma reminiscência é um traço, um resíduo ou uma lembrança de um acontecimento na vida de um paciente que a laboriosa técnica de concentração ambiciosa exumar. Trata-se de uma parcela ou da totalidade de algo que de fato ocorreu, isto é, de um acontecimento que possui a autenticidade de coisa real, cuja recordação pode restituir para a relação com o terapeuta toda a vitalidade da experiência: em sentido estrito, recordar é viver. Uma "senhora idosa", vítima de "acessos de ansiedade", por exemplo, pôde lembrar-se de "um fim de tarde na casa

(45) Cf. II, 325.

de seus pais, quando todos ficaram sentados em torno da mesa com o jovem e se haviam divertido imensamente numa conversação interessante. À noite, ela foi despertada pelo seu primeiro acesso de ansiedade que, posso afirmar, tinha mais a ver com o repúdio de um impulso sensual do que com quaisquer doses contemporâneas de iodo" (II, 330). Como se pode depreender da narrativa desse caso, isso teria acontecido "nos primeiros anos da juventude". Apenas ocasionalmente surgirá uma dúvida sobre a evidente realidade concreta e material da experiência. Quando isto ocorrer, será motivado por uma obstinada contestação dos pacientes quanto às relações desses fatos incontestáveis e a doença manifesta, ou quanto a eventuais "adivinhações" feitas acerca de suas vidas a partir de fenômenos patológicos: "É possível que eu pensasse nisso, mas não posso lembrar-me de ter feito isso". Via de regra, no entanto, o que está em jogo passou-se num determinado lugar, em determinada ocasião, em circunstâncias tais e tais: é um verdadeiro acontecimento, no melhor sentido da história tradicional; possui a objetividade que qualquer fato almeja. Não se deve, ainda, questionar a interferência de uma subjetividade, invocar as determinações deformadoras cuja origem está em outro canto, nem a possível inexistência da narrativa como fato concreto ocorrido; ainda é tempo de uma reminiscência que provém de uma inquestionável realidade material. "Uma mulher jovem e bem casada" que foi submetida ao método da pressão em vista da dificuldade de ser hipnotizada profundamente, "viu mais uma vez a casa em que passara os primeiros anos da juventude, seu próprio quarto, a posição de sua cama, a sua avó, que vivia com

eles naquela época, e uma das suas governantas, de quem gostava muito". Essas lembranças foram acompanhadas de outras sem qualquer importância, envolvendo essas pessoas nesses lugares e "terminavam com a partida da governanta, que ia embora a fim de casar-se". Embora tivesse bons indícios de que essas reminiscências estavam relacionadas com o começo dos padecimentos de sua paciente, Freud confessa não saber quais eram essas relações. Em compensação consegue uma informação fundamental de "um colega" que havia sido médico da família da moça: ela teria sido especial afeição pela governanta, "que tinha o hábito de visitar a menina na cama à noite", — isso tinha sido verificado pela vigilante avó. Desmascarada a relação corruptora, a governanta teria sido discretamente afastada, fazendo crer a todos que ela partira para se casar. "Minha terapia", diz Freud, que imediatamente teve sucesso, consistiu em transmitir à jovem as informações que eu recebera" (II, 331-332). Logo, o resgate desse fragmento da realidade material e a restituição dele ao restante da consciência, "a ampliação da memória", seja lá por que meio fôr, tem bom poder curativo. Estamos ainda afastados demais dos cuidados para não confundir a realidade psíquica com a realidade material; objetiva e eficaz, é esta que detém os segredos da doença. Aliás, a doença histérica, não é muito mais que uma "doença" histórica: os histéricos permanecem sofrendores de reminiscências. Se a teoria da reminiscência não interdita a trama etiológica sexual (a "etiologia sexual"), também não é facilitador dela; poder-se-ia afirmar, jogando um pouco com as palavras, que a reminiscência é a resistência da etiologia sexual. A propôsi

to, é isso que Freud dirá mais tarde, quando voltar a esses tempos de incerteza:

"A análise nos tinha levado até esses traumas sexuais infantis pelo caminho certo, e no entanto, eles não eram verdadeiros. Deixamos de pisar em terra firme. Nessa época estive a ponto de desistir por completo do trabalho, exatamente como meu estimado antecessor, Joseph Breuer, quando fez sua descoberta indesejável. Talvez tenha perseverado apenas porque já não tinha outra escolha e não podia começar uma outra coisa. Por fim veio a reflexão de que, afinal de contas, não se tem o direito de desesperrar por não ver confirmadas as próprias expectativas; deve-se fazer uma revisão dessas expectativas. Se os pacientes histéricos remontam seus sintomas a traumas que são fictícios, então o fato novo que surge é precisamente que eles criam tais cenas na fantasia, e essa realidade psíquica precisa ser levada em conta ao lado da realidade prática. Essa reflexão foi logo seguida pela descoberta de que essas fantasias destinavam-se a encobrir a atividade autoerótica dos primeiros anos de infância, embelezá-la e elevá-la a um plano mais alto. E agora, de detrás das fantasias, toda a gama da vida sexual da criança vinha à luz" (XIV, 27-28; grifado no original).

O neurótico, afinal, tem razão ...

Alheio a tudo isso, ainda adormecido na sombra de palavras por hora mal informadas e enganadoras, o inconsciente espera para ser despertado pelo significado que será seu. Se ele pode ser visto por diversas vezes adjetivando outros substantivos ou produzindo sábias modificações de um verbo, de um adjetivo, para falar de circunstâncias temporais, de lugar ou de modo, ele não pode, por enquanto, assumir o artigo definido e singular que o caracterizará algum dia. Até então ele não se amasiou com a psicologia, que insiste em igualar o que é

psíquico ao que é consciente. É necessário, portanto, investigar o que se demora a acontecer, apesar da pressa de alguns comentadores e contra suas análises. O tempo, tanto quanto os conceitos, costuma fazer pouco caso dessas análises.

Mas, não é possível ir adiante sem fazer uma incisão — demasiado superficial, talvez — na palavra consciência, com o objetivo de ver de perto algumas de suas tûnicas e observar certas membranas. Operação delicada e cheia de surpresas, para a qual todo cuidado é pouco: se não se possui as necessárias imunidades, melhor é começar calçando luvas. É que a pleura de sentidos pode confundir, estendendo seus poderes de contaminação a quem quer que se envolva nessa empresa. São as intrigas criadas por um significante que gosta, talvez, ainda mais que os outros, de produzir armadilhas; dir-se-ia que empilha diferentes significados, multiplicando as ocasiões de mal-entendido, deixando sempre um resíduo de complicação. Desse modo, intrometer-se com a consciência é estar exposto às ciladas de um significante que parece projetar uma sombra enorme sob a qual diferentes significados se escondem: a pobreza escamoteia a riqueza. Não menores são as dificuldades postas pelos cognato consciente: dizer consciente é dizer ser consciente ou estar consciente? Aparentemente, poder-se-ia deslizar da passividade à atividade: "consciente de", tanto quanto "qualidade do que é objeto de consciência"⁽⁴⁶⁾. Se a língua alemã é comparativamente mais generosa que o francês ou que o

(46) Cf. LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, J. - B. Vocabulário da Psicanálise, Lisboa, Moraes Ed., 1976, verbete "Consciência", pp. 135-140, A passagem citada se acha na p. 140.

português, deve-se aceitar a prudência do "Vocabulário":

"A língua alemã dispõe de vários substantivos formados a partir de bewusst. Bewusstheit = a qualidade de ser objeto de consciência, que propomos que se traduza por 'o fato de ser consciente'. Bewusstsein = a consciência como realidade psicológica e designando mais a atividade, a função (a consciência moral é designada por um termo inteiramente diferente: das Gewissen). Das Bewusste = o consciente designando mais um tipo de conteúdos, opostos aos conteúdos pré-conscientes e inconscientes. Das Bewusstwerden = o 'tornar-se consciente' de determinada representação, que traduzimos por 'acesso à consciência'. Das Bewusstmachen = o fato de tornar consciente determinado conteúdo".

Ora, o que é que a técnica de concentração visa? Visa "superar uma força psíquica nos pacientes que se opunham a que as idéias patogênicas se tornassem conscientes (Bewusst werden) (fossem lembradas)" (II, 325, grifado no original). Tornar-se consciente é, pois, lembrar-se. Mas, então onde se achavam essas idéias patogênicas que tinham sido afastadas na tarefa defensiva? "Essa defesa, de fato foi bem sucedida. A idéia em questão foi forçada para fora da consciência e da memória (aus dem Bewusstsein und aus der Erinnerung)" (idem). Ou seja: a histeria surge como resultado da repressão de uma i déia incompatível com fins defensivos. A aversão do ego à i déia aflitiva termina por lançá-la fora da corrente associativa criando os chamados "estados dissociados de consciência", que estão, é óbvio, "excluídos do ego" (II, 342). Foram criados "grupos psíquicos separados" com a "divisão do conteúdo da consciência" (III, 58). Pode-se confrontar a utilização dos termos tal como está aí com uma outra muito diversa; isso pode ser especialmente ilustrativo. Logo no começo de "O incons

ciente", na pequena introdução ao texto, indagando sobre o modo de aceder ao conhecimento do inconsciente, Freud afirma: "A fim de que isso aconteça, a pessoa sob análise deve superar certas resistências — resistências como aquelas que, anteriormente, transformaram o material em questão em algo reprimido, rejeitando-o do consciente (Bewussten)". Freud entra, então, no texto propriamente dito e, no segundo parágrafo, afirma: "Ela é necessária (se referindo à hipótese do inconsciente) porque os dados da consciência (des Bewusstseins) apresentam um número muito grande de lacunas" (XIV, 191-192; grifado no original). Embora o conteúdo desse texto faça um excelente contraste com os anteriores, não é essa a preocupação central; veja-se, portanto, que a utilização terminológica é completamente diferente quando se tem que opor consciente a inconsciente: aí será forçoso extrair tudo o que é possível das nuances Bewusste/Bewusstsein, para distingui-las. Preocupação desnecessária, logo, ausente quando tudo não passa de Bewusstsein. Para uma "psicologia da consciência", tais distinções são perfeitamente negligenciáveis, mas se se evita de reduzir psíquico a consciente, então a oposição fundamental passa a ser Bewusste/Unbewusste e as fontes de confusão precisam ser eliminadas.

Essas complicações eram desnecessárias na época em que a análise psíquica estava às voltas com "estados de consciência normais" e dissociados, "zonas de modificação da consciência" e ego normal, "grupos psíquicos separados" e ego consciente. E, evidentemente, a abordagem terapêutica que é usada nessa ocasião, está muito de acordo com a concepção teóri

ca: pressão, concentração, introspecção. Trazida de volta à consciência, a lembrança outrora patogênica só poderá produzir um enriquecimento do ego. O mesmo se dá com as "falsas ligações"; uma vez elucidadas e associadas ao restante da consciência, nada mais fazem que acelerar o ritmo do tratamento. Enfim, para uma compreensão da neurose ainda muito comprometida com a psicologia acadêmica e suas categorias, toda estratégia de ampliação da consciência pode ser operativa para o restabelecimento do doente.

É canônico tomar o ano de 1896 como balizamento para periodizações e a razão é bastante conhecida: no começo desse ano aparece pela primeira vez — e em dois textos diferentes, escritos em línguas diferentes — a palavra psicanálise. Isso seria suficiente para separar o que vem antes — desde 1886 —, o período pré-psicanalítico, do que vem depois e que, por obediência às boas normas da lógica, é chamado de período psicanalítico. Aparentemente, nada mais simples e mais razoável; negá-lo seria, na melhor das hipóteses, um desconhecimento dos fatos. No entanto, a evidência, por mais axiomática que seja, não veta que se leia ainda uma vez os dois textos, pois, diria Nietzsche, "uma coisa que convence, nem por isso é mais verdadeira: é apenas convincente". Os "Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa" começam fazendo um gancho com o escrito de dois anos antes, ou seja, a histeria, as obsessões e certos casos de confusão alucinatória se apóiam numa base comum; o mecanismo de defesa contra idéias intoleráveis com que o ego se confronta e com as quais não pode se haver senão fazendo recurso à estratégia defensiva já conhecida.

Os sintomas neuróticos podem, assim, receber uma explicação sa tisfatória e devem ser remetidos à emergência de experiências traumáticas devidas à atribuições da vida sexual. O que há de novo nesses comentários é um aprofundamento dessa última questão, através da teoria da sedução traumatizante. Desde logo, a natureza dos traumas e o momento em que ocorrem podem ser explicitados: "tais traumas sexuais devem ocorrer na tenra infância, antes da puberdade, e seu conteúdo deve consistir na irritação real dos genitais (por processos semelhantes à copulação)" (III, 188: grifado no original). Que se pense na histeria. Ela inicia alguns anos depois da experiência patogênica, sendo ativada por uma lembrança — uma reminiscência — de situações vividas aos três ou quatro anos de idade, quando o "pequeno culpado" foi vítima de uma sedução sexual. A neurose é, portanto, um pós-efeito, uma reativação do trauma propriamente dito, quando se manifestam as transformações da puberdade. Aí está o "determinante específico da histeria": uma sedução real vivida com "passividade sexual durante o período pré-sexual"; a recordação da ocorrência na época da puberdade é elemento patogênico capaz de fazer eclodir os sintomas histéricos. Golpe de morte desferido contra a diátese histérica e seus sucedâneos, e proposta clara de estabelecimento de uma equação etiológica que privilegia os fatores acidentais. Quanto à neurose obsessiva, o valor das experiências sexuais precoces é igualmente fundamental, mas há uma diferença essencial: aqui as situações envolvem uma atitude ativa por parte do futuro neurótico: "Não se trata mais de passividade se xual, mas de atos de agressão executados com prazer ou de pra

zerosa participação nos atos sexuais — o que vale dizer, tra
ta-se de atividade sexual" (III, 194: grifado no original). Não
raro, então, o ainda pequenino obsessivo do futuro e sua pequ
nina parceira, a futura histérica, andaram metidos em abusadas
e muito reais experiências sexuais, introduzidos nessas perigo
sas práticas por impudicas preceptoras: as babás e as gover
nantas. Outra dura estocada na concepção charcotiana da mo
léstia: a dúbia e enigmática "família neuropática" pode ser
deixada para trás; não é mais necessário envolver-se nesse
imbroglio. Por outro lado, não se podia estar mais distante
do bom e ascético Breuer, citado mais de uma vez no texto; ele
que já havia sido ultrapassado dois anos antes, ficou tão a
trasado que quase não é mais visível. Freud caminha solitá
rio. Ou quase.

No "Conto de fadas para o Natal" Freud dirá que a
"hereditariedade é uma precondição a mais", mas que não crê
que ela "determine a escolha de uma neurose defensiva espe
cial" (I, 300). Coisa semelhante ele diria em seguida ao co
locar sob escrutínio, com toda a cautela a que tinha direito,
a "Hereditariedade e a etiologia das neuroses". Aqui, mais
à vontade, falará abertamente dos quatro tipos de neuroses
defensivas: histeria, neurose obsessiva, paranóia e psicose
alucinatória. Elas "são aberrações patológicas de estados afe
tivos psíquicos normais: de conflito (histeria), de autocen
sura (neurose obsessiva), de mortificação (paranóia), de luto
(confusão mental alucinatória aguda)" (idem). Para quem co
nhece o conteúdo do "Projeto", tudo aqui funciona como se es
tivesse bem lubrificado: um ego capacitado a diferenciar um

"mundo externo" das percepções de um "mundo interno" de representações, idéias e memórias; competente para procurar satisfação e escapar da dor; um ego, afinal, que pode funcionar conforme as regras do processo secundário, é afrontado e como que danificado por essa afronta. Nessas condições,

"o rumo tomado pela doença nas neuroses de repressão é, em geral, sempre o mesmo: (1) a experiência sexual (ou a série de experiências) que é traumática e prematura deve ser reprimida. (2) Sua repressão, em alguma ocasião subsequente, que desperta a lembrança correspondente; ao mesmo tempo, a formação de um sintoma primário. (3) Um estágio de defesa bem sucedida, que é equivalente à saúde, exceto quanto à existência do sintoma primário. (4) O estágio em que as idéias reprimidas retornam e em que, durante a luta entre elas e o ego, se formam novos sintomas, que são os da doença propriamente dita: isto é, uma fase de ajustamento, de estar dominado, ou de recuperação com uma malformação".

Certamente a maneira como as idéias reprimidas voltam, o modo de formação dos sintomas e o itinerário da doença são definidores, "mas o caráter específico de uma determinada neurose está no modo como se realiza a repressão" (I, 302-304).

Ora, não é difícil notar que a "repressão" começa a ocupar espaço demias, um espaço que, de direito, caberia à "defesa", conceito central das preocupações do momento. A defesa que já tinha recebido uma codificação suficientemente precisa desde as "Neuropsicoses" e que é uma espécie de direito adquirido nos "Novos comentários", só se torna operativa "no estágio em que as idéias reprimidas retornam", ao passo que a repressão é exigida antes, no estágio 2, quando lembranças da experiência sexual são despertadas. Por um discreto desliza

mento, a repressão assume o primeiro plano e desloca a defesa para o segundo: o que especifica a moléstia é o modo como a repressão se dá; se antes, se devia às rugas entre o ego e idéias intoleráveis a justificativa da missão defensiva que gerava a doença, agora, com o recuo da experiência traumática mais para trás na vida dos doentes, é a repressão que tomará para si o encargo de caracterizar o destino da doença. Assim teria sido resolvido um problema que vinha há tempos infernizando os envolvidos com a explicação da histeria: trata-se da nebulosa questão da disposição histérica. Se um universo de pessoas estava exposto a determinadas experiências e esse grupo se dividia claramente em dois, o dos futuros histéricos e o dos que permaneceriam saudáveis a despeito das experiências, era preciso descartar a hipótese de que o patogênico se escondia dentro da experiência e era-se compelido a postular uma determinada disposição histérica. Doravante, as coisas seriam diferentes: "O lugar dessa indefinida disposição histérica pode agora ser assumido, inteiramente ou em parte, pela operação póstuma de uma trauma sexual na infância. A 'repressão' da lembrança de uma experiência sexual aflitiva, que ocorre em idade mais madura, só é possível para aqueles que podem ativar o traço de memória de um trauma de infância" (III, 192). Há, no entanto, uma dificuldade: é que as idéias de natureza sexual despertadas na lembrança têm efeitos excitatórios iguais, senão maiores, sobre os genitais, que tiveram os eventos reais. Isto estaria em desacordo com o conhecido fato de que uma recordação não pode ter normalmente a mesma intensidade sensorial que o acontecimento vivido. A explicação não se

faz esperar (é idêntica na "Hereditariedade" e nos "Novos comentários"): "Pelo que sabemos, esse despertar da lembrança sexual após a puberdade, quando o próprio evento ocorreu há muito tempo, constitui o único exemplo psicológico de que o efeito imediato de uma lembrança ultrapassa o efeito de um evento atual" (III, 176-177; grifado no original). Logo, a sexualidade é dona das mais inesperadas surpresas e põe em jogo mecanismos singularíssimos:

"se a experiência sexual ocorre durante um período de imaturidade sexual e a lembrança dela é despertada durante ou depois da maturidade, então a lembrança terá um efeito excitatório muito mais forte que a experiência ocorrida na época; e isto porque, nesse ínterim, a puberdade aumenta imensamente a capacidade de reação do aparelho sexual. Uma relação invertida como essa, entre a experiência real e a lembrança, parece conter a precondição psicológica para a ocorrência de uma repressão" (III, 192n).

Na patologia, as vicissitudes e atribulações da vida sexual e a ocorrência de repressões se exigem umas às outras.

Essas indagações já tinham surgido no "Projeto", às vezes atravessadas pela linguagem característica dele, às vezes numa linguagem muito parecida com a dos textos de 1896. Examinando a questão da proton pseudos, Freud tomará em conta todas essas delicadezas do processo repressivo afunilando-as numa possível ofensa ao ego por investidas em tudo semelhantes à liberação de afetos que ocorre no processo primário: a liberação da excitação gerada pela experiência sexual prematura e a liberação ainda maior dela a posteriori, com o advento da puberdade, seriam semelhantes a uma perturbação do processo normal de pensamento por uma corrente excessivamente in

tensa da "quantidade" (Q).

"O ego procura não permitir nenhuma liberação de afeto, porque com isso admitiria também um processo primário. Seu melhor instrumento para esse fim é o mecanismo da atenção. Se uma catexia liberadora de desprazer conseguisse escapar à atenção, o ego chegaria tarde demais para neutralizá-la. Ora, é isso que justamente acontece no caso da próton pseudos histérica. A atenção está concentrada nas percepções, onde geralmente se originam as liberações de desprazer. Aqui, não é uma percepção, mas um traço mnêmico que inesperadamente libera desprazer, e o ego só descobre isso tarde demais. Ele permitiu que se efetuasse um processo primário porque não esperava que tal acontecesse" (I, 471).

O texto tenta compreender as situações em que isso tudo poderia ter acontecido conforme o descrito: a participação do ego nas catexias colaterais, as liberações de desprazer, as repetições e as inibições do ego; termina afirmando: "Com tudo isso ficaria confirmada a importância de uma das já citadas précondições que nos oferece a experiência clínica: o retardamento da puberdade possibilita a ocorrência de processos primários póstumos" (I, 472, grifado no original).

Aparentemente, a presença ou a ausência de "Q" na linguagem utilizada não altera em nada a importância da repressão para o quadro de entendimento atual; seja ela conceituada através da liberação de um afeto penoso que assoma de uma experiência que é traumática, seja, por outro lado, vista como o correlato de uma "compulsão" exercida por idéias excessivamente intensas" (I, 457), onde a "expressão 'excessivamente intensa' indica características quantitativas" (I, 460), ela é

instrumento fundamental para a compreensão das neuroses. Ela é uma dessas aquisições definitivas, uma dessas idéias que veio para ficar e que encontrará sempre um lugar onde se colocar, de onde poderá agir. Mas, nem tudo são flores nessa proposta teórica. Aqui e ali ela não satisfaz. É o que se conclui do abandono da tentativa de escrever um "terceiro caderno" a ser acrescentado aos dois do "Projeto" e que versaria sobre "a psicopatologia da repressão": "o material ainda não se coaduna e talvez nunca venha a se coadunar. O que não consigo enquadrar não é o mecanismo do assunto — para isso não me faltaria paciência —, mas a explicação da repressão, embora, por outra parte, tenha feito grandes progressos no que tange a seu conhecimento clínico" (I, 383) ⁽⁴⁷⁾. Um mês depois e depois de alguns vai-vêns, premido pelos prazos para a entrega de um livro sobre as Paralisias Infantis, confessa ter deixado de lado a psicologia, que ficaria bem guardada dentro de um pacote de manuscritos "dentro de uma gaveta" onde os manuscritos deveriam aguardar, dormindo, "até 1896" ⁽⁴⁸⁾. Entre a falta de entusiasmo para o "terceiro caderno" e o arquivamento provisório dos manuscritos, no momento dos altos e baixos, a constatação, ainda uma vez, da relevância da repressão: "Felizmente, todas essas teorias convergem necessariamente para o campo clínico da repressão onde tenho, todos os dias, ocasião de corrigir meus erros e de me esclarecer" ⁽⁴⁹⁾. Esclare

(47) Carta 29; La Naissance de la Psychanalyse, Paris, P.U.F., 1979, p. 112.

(48) Carta 35; idem, p. 118.

(49) Carta 33; idem, p. 116.

cimento, no entanto, que não está presente nos "Novos comentários" onde, ao falar da "teoria psicológica da repressão", di
rá que deve "adiar para outro momento a penetração em qual
 quer discussão psicológica muito abrangente. Deixem-me dizer,
 entretanto, que o período de 'maturidade sexual', em questão
 aqui, não coincide com puberdade, mas situa-se mais cedo (dos
 oito aos dez anos)" (II, 192n). Números cabalísticos de uma
 enigmática "maturidade sexual" prematura? Tampouco se deve
 procurar resposta na "Hereditariedade": lá também ela não es
tá. A preciosa repressão parece arisca com bicho selvagem que
 não se deixa aprisionar.

Essa repressão que avançou para o primeiro plano nas
 concepções teóricas do momento não tem funcionalidade quando
 separada da teoria da sedução. A sedução, por seu lado, na
 medida em que se encorpa e avança, rebate para trás a situa
 ção na qual teria se dado o ataque sexual, vale dizer, a si
tuação (ou as situações, pouco importa) realmente traumática.
 Por certo o efeito não deve ser buscado só aí, pois a teoria
 pensa a sedução traumatizante como um processo de dois tem
pos um dos quais é essa experiência real e o outro, a lembran
ça dela. Entre esses dois tempos está a puberdade. Dessa
 forma, a teoria da sedução é ainda tributária da teoria das re
miniscências e, enquanto tal, representa uma ponderável resis
tência, quase se poderia dizer uma "censura" para o aparecimen
 to da sexualidade infantil e da etiologia sexual das neuroses
 tal como as conhecemos hoje. A sexualidade infantil tal como
 é tematizada aqui não é senão uma falta, uma ausência que, a
liás não teria sido notada não fosse pelo advento da maturi

dade sexual. Essa sexualidade é, portanto, o negativo da se xualidade propriamente dita, a madura; nada há aqui que per mita pensar em "manifestações da sexualidade infantil" ou em "objetivos dela", muito menos em um "desenvolvimento da organi zação sexual" que pudesse passar por diferentes atribuições e que conduzisse a diferentes desfechos. Numa palavra: a "teori a da sexualidade" aqui exposta é completamente heterogênea com a teoria da sexualidade dos "Três Ensaios". Da mesma mane ira, falar em etiologia sexual das neuroses, somente tomando o cuidado de pô-la entre aspas e abusando da generosidade das palavras. Se se quiser ser rigoroso do ponto de vista con ceitual, não se deve falar em etiologia sexual nesses textos. A criança que sofre as investidas sexuais de uma outra previ amente seduzida ou de um adulto inescrupuloso é um ser inocen te e ingênuo em sua assexualidade, e que só é acordado para al guma forma de sexualidade pela chegada da puberdade; aí ela poderia ser pervertida pelas manifestações sexuais. Do ponto de vista sexual, portanto, a infância é uma época branca e va zia que mesmo quando é preenchida por manifestações sexuais tem que esperar que se cumpra o ciclo da inexistência; depen dendo de alguns fatores, nem essas manifestações intempesti vas se pronunciarão. Nesse momento, a sexualidade nas crian ças será como "os demônios nos porcos" do Evangelho. Como, então falar de um desenvolvimento por etapas, cuja perturbação leva à neurose? Estamos ainda muito distantes disso.

Na "Hereditariedade", Freud fala das "influências se xuais" como "causas específicas" das neuroses maiores, é indis cutível. Traça, como ele diz, "um paralelismo regular, uma

prova da relação etiológica especial entre a natureza da influência sexual e a espécie patológica da neurose" (III, 172). Nesse contexto, articula a "influência sexual" com "perturbações do sistema nervoso" que ele próprio considera uma expressão caracterizada pela vagueza e se propõe a corrigir essas incertezas num futuro próximo. Espera, por essa constelação de razões, uma "tempestade de contestações por parte dos médicos contemporâneos". Somente essa última expectativa se cumpre; em todas as suas outras previsões ele fracassa. Não era para menos: a inesperada fantasia alterará inteiramente um quadro em que excitações sexuais realmente acontecidas, abstinências forçadas ou coitos interrompidos, excitações genitais não consumadas ou esforços sexuais que ultrapassam as capacidades dos indivíduos, estão na raiz das perturbações neurôticas. Por enquanto, "de vez que não existe nenhuma teoria correta do processo sexual, permanece sem resposta a questão da origem do desprazer que atua na repressão" (I, 302). O "Conto de Natal" é, então para todos os efeitos, uma espécie de documento que atesta que o processo sexual e o desprazer estão imbricados com a repressão, que tudo isso está por demais embaralhado com a etiologia das neuroses, mas algo ainda não vai bem; há algo que falta: será preciso construir a "teoria correta do processo sexual".

Na "Hereditariedade e a etiologia das neuroses" a palavra inconsciente é utilizada por seis vezes. A primeira a propósito do método de psicanálise; este "é um pouco intrincado (subtil no original), mas insubstituível, tão fértil se tem

mostrado ao lançar luz sobre os obscuros caminhos da ideação inconsciente" (III, 174) ⁽⁵⁰⁾. A segunda, um pouco mais abaixo, diz respeito à natureza da lembrança patogênica: "O evento do qual o sujeito reteve uma lembrança inconsciente é uma experiência precoce de relações sexuais com uma real excitação dos genitais, resultante de abuso sexual cometido por uma ou pessoa" (III, 174; grifado no original). A terceira, quando se trata da chegada da puberdade, ocasião na qual "as reações (la réactivité, no original) dos órgãos sexuais se desenvolvem em nível imensurável em relação à sua condição infantil, fica claro, de um modo ou de outro, que esse traço psíquico inconsciente é despertado" (III, 176; grifo nosso) ⁽⁵¹⁾. A quarta aparece no bojo da discussão sobre a eficácia da lembrança do acontecimento por relação ao acontecimento propriamente dito: "Creio que posso constatar que essa relação inversa entre o efeito psíquico da lembrança e do evento constitui a razão de que a lembrança permaneça inconsciente" (III, 177; grifado no original) ⁽⁵²⁾. As duas últimas ocorrem quase juntas. Falando dos "agentes acessórios", Freud dirá:

"a análise demonstra de modo irrefutável que eles desfrutam de uma influência patogênica sobre a histeria devida apenas à sua faculdade de despertar o traço psíquico inconsciente do evento infantil. É também graças à sua conexão com a impressão patogênica primária, e inspiradas por ela, que as lembranças se tornarão por sua vez inconscientes e poderão tomar parte no desenvolvimento de uma atividade psíquica retirada ao poder das funções conscientes" (III, 177; grifo nosso) ⁽⁵³⁾.

(50) Cf. Névrose, Psychose et Perversion, Paris, PUF, 1981, p.55

(51) idem, p. 57

(52) idem, p. 57

(53) idem, p. 58

Ora, em todas as ocorrências da palavra, ela se encontra adje-
tivando idéias ou lembranças ou traços psíquicos que estariam
além do "poder das funções conscientes". E nem podia ser di-
ferente, uma vez que, desse texto, o inconsciente está ausente.

Logo no primeiro parágrafo dos "Novos comentários so-
bre as neuropsicoses de defesa" surge a palavra inconsciente.
Aparição inesperada e misteriosa. Um pouco mais a frente, ao
falar da ocorrência em dois tempo do traumatismo da sedução,
Freud dirá: "Todas as experiências e excitações que, no pe-
ríodo posterior à puberdade, preparam o caminho ou precipitam
a eclosão da histeria, operam, como se pode demonstrar, apenas
porque despertaram os traços de memória desses traumas da in-
fância, os quais não se tornam conscientes de imediato, mas
levam à uma liberação do afeto e à repressão" (III, 191; grifa-
do no original). Com efeito, não se pode mesmo pensar que
alguém pode tornar-se consciente de alguma coisa sem a conve-
niente incorporação dela ao restante da consciência. Uma ex-
periência original, nessas condições, inaugura o acesso da
consciência a esse particular campo da experiência, mas se se
está inteiramente despreparado para receber essa novidade no
seio da consciência, ela não será mais que uma impressão des-
conexa que não pode ser compreendida, muito menos absorvida, va-
le dizer, iluminada pela luz meridiana da consciência. Ela
foi, entretanto, vivida e percebida, donde não poderá mais ser
considerada simplesmente como não acontecida; tal como se pas-
sa com uma criança, desvalida pela ausência de poderes cons-
cientes no que concerne à sexualidade, num período lacunar de
sua vida sexual, no vácuo angelical de sua infância, que não

pode ter uma compreensão verdadeiramente consciente do que lhe aconteceu. Pode, porém, reter e manter intocada a lembrança do ocorrido. É evidente que uma explicação como essa não pode deixar de ser considerada insatisfatória e Freud indica isso diversas vezes; será preciso esperar por explicações melhores que aliás, estão por vir.

Por agora, é necessário ter um pouco de paciência, pois, "a fim de descrever claramente, e com provável precisão, os processos de repressão, o retorno do reprimido e a formação de idéias de conciliação patológicas, será necessário preparar asserções bastante definitivas sobre o substrato dos eventos psíquicos e da consciência". Na medida em que se procura evitar isso, devemos contentar-nos com os comentários que se seguem, presumidos de maneira mais ou menos figurativa" (III, 195-196): grifo nosso). Sim, sem dúvida o que se tem é insuficiente, mas uma descrição melhor de todos esses fenômenos não virá enquanto não se preparar asserções bastante definitivas sobre o substrato dos eventos psíquicos e do inconsciente. Enquanto isso, ficaremos, é forçoso constatar, enredados em explicações problemáticas que não podem deixar de produzir um travo de insatisfação. Por hora estamos envolvidos pelas dificuldades que decorrem de uma consciência inconsciente de certos fenômenos. Paciência.

No "Projeto" encontra-se uma frase — diga-se de passagem, mais antiga que ele — que também se transformou numa aquisição definitiva: "Toda teoria psicológica digna de consideração terá que fornecer uma explicação para a 'memória'" (I,

399). No "Conto de Natal", escrito pouco mais de dois meses depois não é possível topar com nenhuma preocupação maior com o inconsciente, contudo, as preocupações com a 'memória' são evidentes. Falando da neurose obsessiva, que, para Freud, "estava mais clara", ele afirmará que embora a experiência original tenha sido acompanhada de prazer, "quando essa experiência é relembrada posteriormente, ela dá origem ao surgimento de desprazer; e, em especial, emerge primeiro uma autocensura, que é consciente. Na verdade, aparentemente é como se todo o complexo psíquico — lembrança e autocensura — no início, fosse consciente. Depois, sem que nada de novo sobrevenha, ambas são reprimidas, e na consciência se forma, em lugar delar, um sintoma antitético, certa conotação de escrupulosidade" (I, 304; grifado no original). Afirmação muito adequada aos "pequenos culpados". Nessas condições, "a repressão pode processar-se devido ao fato de que a lembrança do prazer, como tal, produz desprazer, quando anos depois é recordada", e conclui o raciocínio: "isto deveria ser explicado por uma teoria da sexualidade" (idem); o que não pode ser exigido nesse instante. A bem dizer, nem tampouco uma teoria do inconsciente; o que se tem, por hora, é uma tentativa de explicação teórica das relações entre consciência e memória que, provisoriamente, se atém aos fenômenos neuróticos e suas causas. Aparentemente, existe uma memória disponível, que, de certa maneira semelhante à dos computadores, fica guardada à parte, não podendo ser utilizada a todo instante na sua totalidade; isto é, disponível, mas não acoplada todo o tempo ao equipamento central de operação. "Ainda permanece aberta a questão de saber se as i

déias reprimidas retornam espontaneamente, sem a ajuda de qual quer força psíquica contemporânea, ou se elas necessitam desse tipo de ajuda a cada novo movimento de seu retorno. Minhas experiências indicam essa última alternativa. Parece que estados de libido insatisfeita contemporânea são o elemento que empresta a força de seu desprazer para reavivar a autocensura reprimida" (I, 306-307). Certamente, não obstante, as relações entre consciência e memória não são nada simples; muito ao contrário: "adquirimos uma convicção muito nítida de que, para o ego, é impossível dirigir para o material reprimido a parte da energia psíquica à qual o pensamento consciente está vinculado" (I, 307). Como o material reprimido mantém uma complexa via associativa com o material da consciência, esse é o viés por onde a ação terapêutica pode entrar para viabilizar a cura da neurose obsessiva. Mas, diante desse quadro, os perigos ainda são demais.

Quase quatro anos separam esses textos da Interpretação. O acompanhamento das publicações nesse intervalo conta muito pouco sobre algo que ocorre "em outra cena", como se poderia dizer. Trata-se da correspondência com Fliess, onde as coisas têm uma outra velocidade; lá elas se precipitam de uma tal maneira que o leitor realmente se convence que "os progressos estão se consolidando". É desnecessário repetir: sem acompanhá-los, sem ver como Freud estava "adiantado", é difícil evitar a impressão de que a Interpretação é extemporânea.

Eis alguns "fragmentos lançados à praia nas últimas marés". Na carta 46 de 20/5/96 (I, 311ss), da "consciência, ou,

antes, do tornar-se consciente", será dito que "não está ligada exclusivamente, ou inseparavelmente, nem com o chamado inconsciente nem com o chamado reino consciente", o que justificaria "rejeitar esses termos"; mas ela pode receber uma influência proveniente de um compromisso entre forças psíquicas em conflito "quando as repressões acontecem" (p. 314-315). Na conhecida carta 52, de 6/12/96 (I, 317ss), encontra-se "uma estratificação" do "mecanismo psíquico", ainda envolto de neurônios, e dividido em: "percepções", ligadas à consciência, mas não à memória; "indicações da percepção", uma espécie de registro delas; "inconsciência", um segundo registro; e, finalmente, a "pré-consciência", correspondente ao ego. Esses registros sucessivos possibilitariam traduções ou transcrições do material psíquico; "se eu conseguisse dar uma descrição completa das características psicológicas da percepção e dos três registros, eu teria descrito uma nova psicologia. Disponho de algum material para isso, mas não é esta a minha intenção, por agora". (I, 318-319). Na carta 59, de 6/4/97 (I, 331), surge "um novo elemento da produção inconsciente": são "as fantasias histéricas", provenientes de coisas ouvidas precocemente e mais tarde compreendidas. Menos de um mês depois, em 2/5/97 (carta 61 e manuscrito L), lá estão as fantasias, ainda demasiado ligadas à realidade material, embora possuindo um papel significativo na produção da neurose; lá estão, igualmente, impulsos, imaginações protetoras e sintomas como formações conciliatórias que assomam à consciência (I, 355; grifado no original). Em 21/9/97 (carta 69), um desabafo: algo não vai bem com essas hipóteses sobre a neurose, "não acredito mais em mi

nha neurótica" (I, 350; grifado no original). Na primeira quinzena de outubro de 1897, "muito pouca coisa está acontecendo" com Freud "externamente; contudo, internamente, ocorre algo muitíssimo interessante" (p. 353). A carta prossegue com comentários sobre os sonhos mais recentes que o teriam obrigado a fazer certas constatações sobre papai e mamãe: "no meu caso", o pai não desempenhou papel importante, em compensação, "mais tarde (entre dois anos e dois anos e meio de idade), minha libido foi despertada para matrem"; história bastante conhecida que aconteceu na vinda para Viena, com a mãe e sem o pai: aí ele a teria visto nua, uma noite no trem. Lembra-se, em seguida dos sentimentos hostis, "verdadeiro ciúme infantil", despertado pelo nascimento de um irmão mais novo que, afinal, viria a falecer, criando os piores sentimentos de autocensura. Sim, de fato, internamente, coisas muito interessantes estavam acontecendo (I, 353-354). Se, nesse instante, tudo parece esconder-se por trás de uma névoa, em 15/10/97, a névoa se dissipe e a visão se torna clara.

"Verifiquei, também no meu caso, o apaixonamento pela mãe e ciúmes do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância, mesmo não tão precoce como nas crianças que se tornaram histéricas (...). Sendo assim, podemos entender a força avassaladora de Oedipus Rex, apesar de todas as objeções levantadas pela razão contra a pressuposição do destino; (...) Mas a lenda grega aprende uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da plateia foi um dia, em ponto menor ou em fantasia, exatamente um Édipo e cada pessoa retrocede horrorizada diante da realização de um sonho, aqui transposta para a realidade, com toda carga de repressão que separa seu estado infantil de seu estado atual".

E Freud pensa em Hamlet em seu criador: certamente, "não estu pensando na intenção consciente de Shakespeare, mas acredito, antes, que aí algum evento real instigou o poeta à sua representação, no sentido de que o inconsciente de Shakespeare compreendeu o inconsciente de seu herói" (I, 358-359).

"É preciso ter um caos dentro de si para poder dar à luz uma estrela dançante". Assim falou Zaratustra.

6 - CONCLUSÃO: O SENTIDO CONSENTIDO

É preciso fugir de, pelo menos, uma tentação. Trata-se de evitar pensar o inconsciente como alguma coisa que estivesse e estado desde sempre, como uma espécie de invariante, nos corações e nas mentes das pessoas, seja lá quando fosse, onde quer que estivessem. Como se desde que o homem se reconhece como tal, desde que deixou para trás os uivos e os urros, logo depois de ter-se tornado capaz de se equilibrar sobre as duas pernas e de manter a postura ereta, essa enigmática entidade tivesse tomado lugar dentro dele, no mais íntimo de seu ser. Certamente essa tese não goza de aceitação unânime, e autores mais moderados e cerimoniosos tem afirmado, contudo, que o aparecimento não seria tão arcaico, que seria gêmeo das sociedades mais desenvolvidas, como a egípcia ou mesmo a hindu. Aos poucos ele teria abandonado o silêncio do vivido e das práticas da vida cotidiana para se aninhar junto ao pensável - no mínimo, ao cogitável - e, mais tarde ainda, junto ao dizível. Finalmente, sob a luz meridiana do pensamento moderno, teria começado a cintilar entre as palavras, fixando residência, de uma vez por todas, nas caridosas e acolhedoras páginas dos livros. Assim, através de um longa e demorada preparação, os três últimos séculos teriam assistido a manifestações cada vez mais indiscretas de um conceito cujo brilho teria, entretanto, permanecido difuso não fosse pela providencial sabedoria de Freud; ele teria sabido subtraí-lo ao emaranhado confuso das palavras ainda mal pronunciadas e ainda mal grafadas; a ele teria cabido o mérito de dar definição, clareza e acabamento a um conceito de gestação secular. A biografia dele é, aliás, testemunha insuspeita do avanço preguiçoso do conceito: ele te-

ria tido que esperar mais de quarenta anos para se aperceber do que estava em jogo, apesar da presença evidente e da utilização abundante - sobretudo em língua alemã -, apesar de, aparentemente, o conceito já ter sido requentado em demasia. Do inconsciente, dir-se-ia, de bom grado: é intemporal; isto é, poder-se-ia dizer que "não é ordenado temporalmente, não se altera com a passagem do tempo; não tem absolutamente qualquer relação com o tempo".

A utilização pode, no entanto, constituir-se numa armadilha. Dirá ela respeito a uma empiricidade? A um mesmo e único modo de ser das coisas, alheio a qualquer forma de transitoriedade e, por outro lado, sócio da perenidade? Neste caso, seria impossível esconder a vontade de trair o impeditivo kantiano: pode-se mesmo encontrar as essências, após o que, prestadas as devidas reverências e ao cabo de algum tempo de convívio, começa-se a participar da intimidade delas. Não, quem diz empiricidade já tomou em conta a arquetônica do conhecimento e, nem de longe, pensa em confundí-la com coisas como essência. Hoje, a bem dizer, a tecnologia de extração do conhecimento sobre as coisas já incorporou a seu arsenal os demônios da crítica kantiana e não perde mais a paciência: diante da resistência e da teimosia delas em se mostrar ao estudioso, enfrenta-as com altivez, extorque delas o que é necessário e as contorna, com sucesso a obstinação. Trata-se, então, de um compromisso assumido entre a palavra e a emergência súbita do fenômeno? Mas, ainda assim, tem sido sempre o mesmo fenômeno, aquele que desde muito tempo nos atormenta e nos fustiga? Não, talvez o conteúdo da noção, aquilo a que ela se refere, tenha sido retorcido, até mesmo refundido, ao longo do tempo. Bastaria acompanhar a liberdade provocadora dos poetas e dos filósofos.

fos. Dever-se-ia, então, avaliá-lo em conexão com os fenômenos adjacentes, associados ou colaterais, os que fazem parte, com ele, de um determinado campo do pensamento e da experiência. Seria, portanto, temerário isolá-lo dos espaços onde opera; cada um desses espaços seria, de alguma maneira definido por ele, ao mesmo tempo que o definiria, tornando perigosa essa aceitação benevolente da prodigalidade semântica. No limite, retirar o conceito do campo semântico onde floresce equivale a assassiná-lo. Riscos à parte e conclui-se que, se o conceito de inconsciente é tão idoso como se diz, ele não seria um, mas vários: da manhã do pensamento até hoje teriam existido inúmeros "inconscientes".

Um conceito, não se pode negar, ainda não recebeu algum acabamento antes de se agasalhar no seio de uma palavra. No entanto, que ninguém tire conclusões apressadas: ele não se reduz a uma palavra. Não só por uma questão de nascimento, uma vez que ele pode muito bem existir antes dela e esperar pelo nome já em operação, mas também por algo que lhe é essencial. Um conceito já é uma norma, um juízo e uma interpretação; um precipitado - o químico diria - de pensamento e experiência que ordena o particular campo do saber engendrado por ele. Rigorosamente falando, ele recorta, demarca, separa, examina, analisa e gradua o espaço onde opera. Daí retira sua potência e também os limites de seu poder: "um conceito, na medida em que ele contém uma norma operatória ou judicatória, não pode variar na sua extensão sem retificação da sua compreensão". Exatamente por ser exigência é que não pode ser objeto de um escambo - sempre simplista - com o que está dicionarizado. As ciências da linguagem tem nos mostrado o quanto os elementos do léxico podem ser dóceis e resistentes, escravos e soberanos, na pro-

dução dos "efeitos de sentido" que abrem esse espaço volátil da metáfora e da metonímia, da rima e do ritmo. O conceito, ao contrário, deve ter seus graus de liberdade vigiados para cuidar das inchações e das desidratações abruptas e impertinentes. Mais que um sentido ele é um contido, isto é, uma definição ou, ao menos, uma tentativa de definição que é anexada a uma palavra. Não obstante, é igualmente inegável que ele é vetor: possui um sentido. Ele orienta e dirige a reflexão e o experimento, esboça o traçado dos problemas, aponta os rumos das soluções. Que não se tropece na crença ingênua de que ele provém do sentido, pois, mais que isso, ele é produto do pensado. Conseqüência de escanções e de refusões, é padrão e medida irredutíveis a um empirismo ingênuo ou a um inefável vivido. Um conceito, mesmo quando cativo de uma palavra, mesmo quando sua dinâmica parece estar prisioneira de um imponderável conjunto de sons, é uma denominação e uma definição, um resultado e um processo, porque, "o que garante a eficácia teórica ou o valor cognitivo de um conceito é sua função de operador. É, por conseguinte, a possibilidade que oferece de desenvolvimento e progresso do saber".

É comum ver-se o conceito freudiano de inconsciente na ponta de uma cadeia cujo início é indeterminado, podendo deslizar retroativamente de Breuer a Platão - a rigor, até a Índia antiga - passando por Nietzsche, Leibniz e Agostinho. Cada pensador teria acrescentado sua "contribuição", um elo a mais na cadeia, de modo que, de elo em elo ter-se-ia chegado a Freud e sua formulação: a contribuição que dá acabamento. Cabe perguntar em que se fundamenta esse raciocínio. Numa análise cuidadosa dos objetos definidos nos textos desses autores ou numa semelhança superficial e en

ganosa que nublou as diferenças? Tem-se a impressão de que uma única palavra recobriu durante mais de dois milênios um só e mesmo objeto, um só e mesmo significado. Terá sido assim que tudo se passou? Serão que todos esses "inconscientes" são superponíveis, sem sobras nem faltas? Da Índia antiga à Áustria do século XX, um projeto comum pode ligar tantos pensamentos diferentes? Nietzsche e Agostinho, Platão e Breuer, Leibniz e Freud? E quanto ao sistema de conceitos, a malha onde um particular conceito é tramado, haverá também aí identidade entre os autores? Mas, e as práticas norteadas pelos conceitos, aproximarão Agostinho, por exemplo, de Leibniz e Freud? No que diz respeito às ambições que essas práticas diversas possuem, como se poderá justificar a reunião de Platão, Agostinho e Freud? É preciso deixar de lado esse zumzum sem sentido para mapear o conceito freudiano de inconsciente e diferenciá-lo de possíveis outros ajuntados à matroca.

O inconsciente freudiano não é o negativo ou o avesso de uma consciência, cujo ser próprio inclui, aliás - ao menos como possibilidade teórica -, o momento de sua ausência. Não é um duplo desobediente e traiçoeiro que dá as costas a ela e, esgueirando-se maliciosamente, põe-se a criar toda a sorte de falhas de discurso, aberrações dos gestos, interdições dos movimentos, exageros da sensibilidade, estorvos da vontade, achaques diversos, de resto conhecidos de suas infelizes vítimas. Ele não é uma coconsciência, duplicada paralela e insubordinada, dissociada da "consciência normal", possuidora de uma inusitada capacidade. A capacidade de controlar o que esta não controla. Não é, do mesmo modo, numeral ordinal da consciência, qualquer que seja a sua magnitude: segunda, terceira, enésima. Se é obrigatório vê-lo como nu

meral, que seja como número primo.

Mas, o inconsciente não é também aquilo que ficou dentro do pregueado da sensibilidade consciente, no plissado da percepção ou sob as dobras da atenção, como que encoberto e mudo, não obstante, operante. Não é o lugar do insucesso ou, melhor, do fracasso dela; passo em falso que assinala as ocasiões de sua impotência, os limites de seu poder. Ele não é sub coisa nenhuma, prefixo depreciativo e degradante que tem a ver com gradações, limites e limiares. Nada de umbrais ou de gradientes - o texto freudiano é mais que explícito -, de fenômenos subliminares ou, pior, subconscientes. Até porque o sub é a brecha do super. Acaso a teoria psicanalítica se interroga sobre a superconsciência ou sobre o supraconsciente?

Tampouco é produto de alguma atenuação da sensibilidade ou dos sentidos, achatamento da percepção ou aniquilamento da atenção. Como a gênese da sombra está na luz lançada pela fonte, pensa-se freqüentemente o inconsciente como o que teria ficado invisível sob as trevas deixadas pela percepção ou na penumbra originada pela atenção. Esse resíduo de desconhecimento teria sido o embrião dele. Nada de enganos: a percepção pode ser seletiva, os sentidos podem ser trapaceados e a atenção pode ser caprichosa; contudo não são essas as causas ou origens do inconsciente. Melhor: são seus efeitos. Leia-se Freud, mesmo com pouca atenção, pois seu texto não se cansa de apontar - incontáveis vezes - os truques do inconsciente.

Que ele não seja pensado como uma espécie de contingên -
cia, de fatalidade exterior que arruina a consciência, que é capaz

de silenciá-la por algum tempo, de torná-la inatuante por um período. Certamente a anestesia e as drogas podem calá-la, o entorpecimento e o sono podem forçá-la a descansar, os estados de exaustão/abatimento e de hipnose podem aquietá-la, interditando-a em suas capacidades, proibindo-a de reagir ou responder diferenciadamente a estímulos diferentes, mas não é nessas margens da consciência que se encontra o inconsciente. Emboscá-lo aí é pura perda de tempo. Não basta alisar o franzido para que tudo se aclare e, doravante, cintile. Ele não se identifica com os defeitos da consciência ou com seus impeditivos, bem como não pode ser confundido com a sua erosão: não é consciência hipnóide. É, de fato e de direito, muito mais que a ausência esporádica ou intermitente dela porque possui sua própria positividade; causa, no real, efeitos próprios ao seu modo de ser, originais em relação aos dela.

Não se trata, finalmente de alguma coisa que, localizada nos confins do psíquico, nas fronteiras longínquas do mental, acabou escorrendo pelas orlas da vontade consciente, caindo num domínio sujeito apenas às determinações do neurológico ou às leis do fisiológico, justamente ali onde a vontade é mais vulnerável, mais incapaz de dar conta de si mesma. O inconsciente não é o inventário de todo o repertório automático, reflexo e instintivo, ancorado numa neurofisiologia, que escapole pelas frestas da intenção. De certo que esses produtos da ação involuntária repudiam as normas da consciência; que os mais nobres propósitos dela cedem a inexorabilidade de atos cujas regras são estranhas às da vontade consciente, alheios aos designios dela; que eles só obedecem às suas leis internas. Porém, uma vez mais, isto não é igual ao inconsciente. Ele não é o que se esparrama à volta da circunferência do

círculo que circunscribe o que é psíquico. Para além do que é consciente, "tudo o mais que é psíquico é o inconsciente".

Os enigmas que recheiam os sonhos e que esperam por decifração; a mordada desajeitada e incompetente dos atos falhos e dos lapsos que acozzam o bom ouvido; a piada bem contada que deve ser pilhada como coisa séria; a aparente balbúrdia dos sintomas, encravada no corpo, nos comportamentos e nas palavras; enfim, essa exuberante produção que caçoa da consciência, tem uma lógica própria: a lógica do inconsciente. O que ela tem de insólito, o que a distancia e diferencia da gramática da consciência não deve assustar. Isto não é razão para uma busca apressada dela no rugoso da consciência. Se ela oculta, não é porque escapou pelas franjas da percepção ou da atenção, tampouco porque na extremidade da vontade, no reduto do involuntário. O inconsciente tem seu próprio modo de existência, produção e eficácia; é irreduzível à consciência ou a seu reverso. O inconsciente não é o não consciente.

Vê-se bem, portanto, que colocar uma abordagem conceitual como essa em continuidade com uma precedente, buscando justificação na antecendência cronológica, na identidade de quem as animou e em algumas semelhanças superficiais entre formulações, não é mais que uma operação deliberada à qual falta muito em escrúpulo. Elas são heterogêneas, logo, irreduzíveis uma à outra; obedecem a diferentes leis de dispersão. Poder-se-ia chamar de "período hipnose/histeria" ao conjunto de textos mais antigos envolvidos com o tema da histeria, cuja compreensão se baseia no binômio hereditariedade-agentes provocadores: a histeria vista como lesão funcional do sistema nervoso que pode ser atualizada por um trau-

ma recente, mas que tem raízes muito bem enterradas na herança. Trata-se de um período inicial marcado por vacilações e incertezas muito singulares. Se, tempos depois, o arcabouço conceitual e técnico dessa época será criticado e essa crítica aparecerá em textos que já começam a urdir novas opções teóricas e novos procedimentos práticos, isso não deve apagar as peculiaridades desse período. Se a "histeria adquirida" começa a tomar para si um espaço que antes era ocupado em sua totalidade pela que se funda na diátese; se, no período que costuma ser chamado de "período catarse/abreação", se está às voltas com os estados hipnóides e os traumas psíquicos das Berthas Pappenheims que aparecem, isto é signo de transformações de alguma monta ocorrida ao nível dos critérios segundo os quais se compreende a formação dos fenômenos histéricos, o que condiciona a maneira como eles serão abordados nas tentativas de cura, vale dizer, como método terapêutico. De maneira semelhante, no período que denominaríamos de "período 'resistência'/'transferência'", os textos já mostram alguma distância com relação aos do trabalho conjunto com Breuer: houve uma mudança com relação ao objeto de que pretendem dar conta, renovou-se o arsenal conceitual, as operações técnicas já não são somente aquelas do tratamento catártico (muito embora o método se ja volta e meia chamado de "método catártico" ou de "método de Breuer"), transformou-se, afinal, o mecanismo hipnóide num mecanismo defensivo de amplo espectro. Os textos são as testemunhas de todas essas metamorfoses. As antigas reminiscências permanecem, as defesas aparecem. Mas, também nesse momento, os obstáculos se avolumam, certos caminhos dão em nada e o trabalho tem que ser revisado. Se, do lado do método, a hipnose está prestes a ser abandonada em definitivo, a técnica de pressão se mostrará a

inda útil por algum tempo. Do lado do entendimento teórico, a repressão ensaia tomar o lugar de destaque antes ocupado pela defesa, e uma etiologia sexual, por hora pouco competente, sepulta de uma vez por todas a incompetente etiologia hereditária. É o "período 'recalcamento/'etiologia sexual'". Ora, quem pesquisar essa caixa de ferramentas que foi sendo constituída ao longo do tempo não pode deixar de perceber que ela congrega uma boa dispersão. É que os objetos se retraem e se distendem, os conceitos deslizam em função dessas contrações e expansões, as proposições são obrigadas a introduzir correções em seu alcance e em seu poder, os enunciados, sensíveis que são, acompanham essas transformações muito de perto. Os textos, enfim, mostram uma dispersão que parece sem regra. Talvez seja essa a razão de tanta discordância entre os que vão buscar nesse intervalo os começos da psicanálise: uns dizem que se deve consultar os "Estudos", outros consideram que é com a noção de defesa que está embutida no mecanismo das psiconeuroses que tudo tem início, alguns dirão que o "Projeto" é que é a verdadeira origem. Entretanto, a dispersão está lá, intocada e renitente, a desmotivar a procura de critérios de demarcação que não a levem em consideração. Por mais que se tente encontrar uma lógica e um ordenamento que desconsiderem esse espalhamento, ele não cessa de resistir, criando sempre novas ocasiões de incerteza que só são contornadas através de estratégias de pernas curtas. No entanto, ela não é sem lei. Não só possui uma lei, como demonstra que a lei é diversa daquela segundo a qual se pode dar conta dos textos cuja série começa com a Interpretação. Trata-se da consciência. É segundo a regra que iguala o que é psíquico ao que é consciente e reduz a análise do

fenômeno psíquico a uma análise da consciência, com seus conteúdos, relações, modos próprios de funcionamento e efeitos na realidade. A lei é, portanto, aquela que Freud não se cansará de criticar, tão logo encontre seus limites e os ultrapasse.

O trabalho zeloso com os sonhos que começara na segunda metade da década de 90, lhe ensinará que "interpretar um sonho" é uma operação de decifração que tem em vista especificar seu "sentido", substituindo-o por alguma coisa que toma o seu lugar nas conexões da atividade psíquica, rejeitando, assim a possibilidade de uma descontinuidade. Não, os sonhos não são "espuma", quinquilharia inútil que se deve desprezar. Em sua aparente desordem, sugerem o absurdo, mas contêm elementos que conectados conforme as normas de interpretação que Freud cria são capazes de ganhar um sentido que lança luz tanto sobre si próprio, como sobre os outros recantos do psíquico, esclarecendo os conteúdos deles: ela está apta a fornecer as mais preciosas informações sobre a estrutura e o funcionamento do aparelho psíquico que vem substituir a enigmática consciência como cena única, pobre e indeterminada, de representação da atividade psíquica. Outrora onipotente, ela será, contudo, reduzida a coisa mais modesta; passará a ser descrita como qualidade fugaz característica de percepções externas e internas na coleção dos fenômenos psíquicos. Essa redução será coextensiva de seu confinamento em um dos espaços do aparelho psíquico: nem o único, nem o mais importante. Do ravante, além das informações que recolhe dos mundos externo e interno que tem capacidade de qualificar, terá acesso a uma parte do arquivo mnêmico podendo usá-lo com moderação. Através de uma utilização econômica dos investimentos, poderá dirigir a a-

tenção para um particular elemento ou conteúdo, colocando-o provisoriamente sob escrutínio. Por isso tudo, está habilitada a fazer distinções dentro da série prazer-desprazer, tomando parte ativa, como interessada e vigilante, nos conflitos defensivos. Mas, seja lá como fôr, não tem mais aquele magnífico poder de outrora. Por oposição a ela, tanto quanto por escapar a seu alcance, determinada coleção de conteúdos será descrita como inconsciente; essa denominação coincide com a que recobria os fenômenos que se esgueiravam dela antes do aparelho da Interpretação. Entretanto, a palavra inconsciente, já como substantivo (das Unbewusste), dirá respeito a um outro espaço no aparelho psíquico recém formulado: ele contém os conteúdos que tiveram seu acesso interditado ao outro espaço pela ação vigorosa do recalçamento. A própria maneira de ser desses conteúdos faz com que eles insistam em assomar à consciência, à procura de expressão, daí porque, através das mais criativas e insuspeitas artimanhas não cessarão de produzir seus efeitos sobre ela. Efeitos difusos e misteriosos dos quais o sonho é apenas um deles; os outros: os incômodos sintomas, os tropeços cotidianos dos atos falhos e as divertidas intrigas dos chistes. Eis as ariscas formações de compromisso, que dão voz ao que é recalçado, mas também ao mais nobre dos hóspedes desse espaço: o desejo inconsciente.

O sonho, mas também o sintoma, o chiste, o ato falho, toda essa produção terá que ser decifrada para que o sentido seja encontrado; com isso o sonho deverá ser tratado como um sintoma e inversamente, não só porque têm origem em mecanismos que se assemelham como porque povoam, tanto um como o outro, as conversas dos pacientes. A bem da verdade todas essas produções podem ser usa-

das para elucidar os mecanismos psíquicos do paciente com bom rendimento. Basta saber utilizá-las.

Embora Freud tenha tido uma formação médica calcada na medicina que se conhece, a anátomo-clínica, diz-se que ele foi sempre psicólogo. Nem sempre ele nos autoriza a concordar com essa afirmativa; certos textos garantem que ele permaneceu médico por muito tempo, o que parece apontar numa outra direção. O Freud médico aprendeu a chafurdar na enfermidade à procura de uma lesão, que se não é orgânica, é funcional. Disciplinado, permanecerá obediente a essa regra de ouro do conhecimento médico: se não houver nem uma lesão funcional, deve haver um trauma, espécie de equivalente psíquico da lesão. Somente quando a "realidade psíquica" ganhar alguma autonomia por relação à "realidade material" é que terá sido dissolvida a questão da lesão. Aí ele terá se tornado psicanalista. Mas, isso só acontecerá com a construção de seu aparelho psíquico, da colocação de um inconsciente dentro dele e da colocação de um desejo dentro dele. Não antes.

BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDER, Franz e SELESNICK, Sheldon. História da Psiquiatria, São Paulo, IBRASA, 1980.
- ALEXANDER, Franz et alii. A História da Psicanálise, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1981.
- ALTHUSSER, Louis. Posições 2, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1980.
- . Philosophie et Philosophie Spontanée des Savants, Paris, François Maspero, 1974.
- ALTHUSSER, Louis et alii. Ler O Capital, 2 vol., Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1979-1980.
- ANDERSON, Ola. Studies in the Prehistory of Psychoanalysis, Stockholm, Norstedts, 1962.
- ANZIEU, Didier. El Autoanálisis de Freud, 2 vol., México, Siglo Veintiuno Ed., 1978.
- ARDILA, Ruben. Los Pioneros de la Psicología, Buenos Aires, Ed. Paidós, 1971.
- ASSOUN, Paul-Laurent. Freud, a Filosofia e os Filósofos, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Ed., 1978.
- . Introduction à l'Épistemologie Freudienne, Paris, Payot, 1981.

- . Les grandes découvertes de la psychanalyse, in: JACCARD, Roland. (org.) Histoire de la Psychanalyse, Paris, Bachellette, 1982.
- BABINSKI, Joseph. Definición de la histeria, in: SAURI, Jorge J. (org.) Las Histerias, Buenos Aires, Ed. Nueva Visión, 1975.
- BACHELARD, Gaston. Le Rationalisme Appliqué, Paris P.U.F., 1970.
- . Le Materialisme Rationel, Paris, P.U.F., 1972.
- . l'Engagement Rationaliste, Paris, P.U.F., 1972.
- . La Actividad Racionalista de la Fisica Contemporanea, Buenos Aires, Ed. Siglo Veinte, 1975.
- BARROS, Carlos P. Contribuição à controvérsia sobre o "Ponto de vista econômico", in: BRAZIL, Horus V. (coord.) Psicanálise: problemas metodológicos, Petrópolis, Ed. Vozes, 1975.
- BERNAL, John D. La Ciencia en la Historia, México, Ed. Nueva Imagem, 1979.
- . La Ciencia en Nuestro Tiempo, México, Ed. Nueva Imagem, 1979.
- BERNFELD, Siegfried. Freud's earliest theories and the School of Helmholtz, in: LORAND, Sandor (ed.) Yearbook of Psychoanalysis, vol. 1, New York, International Universities Press, 1945.

- . Un unknown autobiographical fragment by Freud, in: LORAND, Sandor (ed.) Yearbook of Psychoanalysis, vol. 3, New York, I.U.P., 1947.
- BERNFELD, Siegfried. Freud's scientific beginnings, in: LORAND, Sandor (ed.) Yearbook of Psychoanalysis, vol. 6, New York, I.U.P., 1950.
- BERNFELD, Siegfried. e BERNFELD, Suzanne C. Freud's first year in practice, 1886-1887, in: LORAND, Sandor (ed.) Yearbook of Psychoanalysis, vol. 9, New York, I.U.P., 1953.
- BETTELHEIM, Bruno. Freud and Man's Soul, New York, Alfred A. Knopf, 1983.
- BORING, Edwin G. A History of Experimental Psychology, New York, Appelton-Century-Crofts Inc., 1950.
- BLOCH, Marc. Introdução à História, Lisboa, Publicações Europa-América, 1976.
- BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a História, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1978.
- BRETT, G.S. História de la Psicología, Buenos Aires, Ed. Paidós, 1972.
- BRILL, A. A. La Epoca Freudiana, Revista de Psicoanálisis, Buenos Aires, ano I, nº 4, 1944, pp. 509-530.

BURNS, Edward McN. História da Civilização Ocidental, 2 vol.,
Porto Alegre, Ed. Globo, 1970.

CANGUILHEM, Georges. Études d'Histoire et de Philosophie des
Sciences, Paris, J. Vrin, 1968.

———. La Connaissance de la Vie, Paris, J. Vrin, 1975.

———. La Formation du Concept de Réflexe aux XVII^e et
XVIII^e Siècles, Paris, J. Vrin, 1977.

———. Idéologie et Racionalité dans l'Histoire des Sciences
de la Vie, Paris, J. Vrin, 1981.

CARIOU, Marie. Freud e o Desejo, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1978.

CARR, E.H. Que é História?, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

CHARCOT, J.M. Gran histeria o histero-epilepsia, in: SAURI, Jorge J. (org.) op. cit.

CHARCOT, J.M. Histeria y neurastenia en el hombre, in: SAURI, Jorge J. (org.) op. cit.

CHARCOT, J.M. Acerca de la histero-epilepsia, in: SAURI, Jorge J. (org.) op. cit.

CHÂTELET, François. A História, in: CHÂTELET, François (org.)
A Filosofia das Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Zahar Ed.,
1974.

CHERTOK, Leon. Freud a Paris: étape décisive, l'Evolution Psychiatrique, tome XXXIV, n° 4, 1969, pp. 733-750.

———. Sur l'objectivité dans l'histoire de la psychanalyse: premiers ferments d'une découverte, l'Evolution Psychiatrique, tome XXXV, n° 3, 1970, pp. 537-561.

CHERTOK, Leon e DE SASSURE, Raymond. Nacimiento del Psicoanalista, Barcelona, GEDISA, 1980.

CUNHA, Antonio G. Dicionário Etimológico, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1982.

CUVIER, Georges, Le progrès des sciences, Cahiers pour l'Analyse, n° 9, été 1968, pp. 219-224.

DELEUZE, Gilles. Hume, in: CHÂTELET, François. (org.) O Iluminismo, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1974.

DE MIJOLLA, Alain. Aux origines de la pratique psychanalytique, in: JACCARD, Roland (org.) op. cit.

DRAY, William. Filosofia da História, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1977.

ELLENBERGER, Henri F. Fechner and Freud, Bulletion of the Menninger Clinic, vol. 20, 1956, pp. 201-204.

———. The unconscious before Freud, Bulletin of the Menninger Clinic, vol. 21, n° 1, 1967, pp. 3-15.

- . Charcot and the Salpêtrière School, American Journal of Psychotherapy, vol. XIX, nº 2, 1965, pp. 253-267.
- . La conference de Freud sur l'hysterie masculine, l'Information Psychiatrique, vol. 44, nº 10, 1968, pp. 921-929.
- . The Discovery of the Unconscious, New York, Basic Books, 1970.
- . El Descubrimiento del Inconsciente, Madrid, Ed. Gredos, 1976.
- EY, Henri. (org.) O Inconsciente, Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1969.
- EY, Henri et alii. Sobre a Psicanálise, Lisboa, Ed. Vega, 1979.
- FEBVRE, Lucien. Combates pela História, 2 vol., Lisboa, Ed. Presença, 1977.
- FINE, Reuben. A História da Psicanálise, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos/EDUSP, 1981.
- FOUCAULT, Michel. Les Mots et les Choses, Paris, Ed. Gallimard, 1966.
- . l'Ordre du Discours, Paris, Ed. Gallimard, 1971.
- . Histoire de la Folie à l'Âge Classique, Paris, Ed. Gallimard, 1972.

- . A Arqueologia do Saber, Petrópolis, Ed. Vozes, 1972.
- . O Nascimento da Clínica, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1977.
- . Introduction, in: CANGUILHEM, Georges. On The Normal and the Pathological, D. Reidel Publishing Co., Dordrecht, 1978.
- FOULQUIÉ, Paul e DELEDALLE, Gérard. A Psicologia Contemporânea, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1965.
- FREUD, Ernst. (ed.) The Letters of Sigmund Freud and Arnold Zweig, New York, Harcourt, Brace & World, 1970.
- FREUD, Sigmund. La Naissance de la Psychanalyse, Paris P.U.F., 1979.
- . Correspondência de Amor e Outras Cartas, Rio de Janeiro, Ed., Nova Fronteira, 1982.
- . La Afasia, Buenos Aires, Ed. Nueva Visión, 1973.
- FREUD, Sigmund. Edição 'Standard' Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 24 vol., Rio de Janeiro, Imago Ed., 1970-1980.
- . Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos, Edição 'Standard' Brasileira, vol. 1.

- _____. Primeiras Publicações Psicanálicas, Edição 'Standard' Brasileira, vol. 3
- _____. A Interpretação dos Sonhos, Edição 'Standard' Brasileira, vol. 4 e 5.
- _____. A Psicopatologia da Vida Cotidiana, Edição 'Standard' Brasileira, vol. 6.
- _____. Um Caso de Histeria, Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade e outros trabalhos, Edição 'Standard' Brasileira, vol. 7.
- _____. Os Chistes e sua relação com o Inconsciente, Edição 'Standard' Brasileira, vol. 8.
- _____. Cinco lições de psicanálise, in: Edição 'Standard' Brasileira, vol. 11, pp. 13-51.
- _____. Artigos sobre técnica, in: Edição 'Standard' Brasileira, vol. 12, pp. 121-221.
- _____. Sobre a Psicanálise, in: Edição 'Standard' Brasileira, vol. 12, pp. 265-270.
- _____. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental, in: Edição 'Standard' Brasileira, vol. 12, pp. 277-286.

- _____. Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise, in: Edição 'Standard' Brasileira, vol.12, pp. 327-334.
- _____. O interesse científico da psicanálise, in: Edição 'Standard' Brasileira, vol. 13, pp. 199-226.
- _____. A história do movimento psicanalítico, in: Edição 'Standard' Brasileira, vol. 14, pp. 16-82.
- _____. Artigos sobre matapsicologia, in: Edição 'Standard' Brasileira, vol. 14, pp. 137-233.
- _____. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, Edição 'Standard' Brasileira, vol. 15 e 16.
- _____. Linhas de progresso na terapia psicanalítica, in: Edição 'Standard' Brasileira, vol. 17, pp. 201-211.
- _____. Dois verbetes de enciclopédia, in: Edição 'Standard' Brasileira, vol. 18, pp. 287-312.
- _____. Uma breve descrição da psicanálise, in: Edição 'Standard' Brasileira, vol. 19, pp. 239-259.
- _____. As resistências à psicanálise, in: Edição 'Standard' Brasileira, vol. 19, pp. 265-275.
- _____. Uma nota sobre o 'Bloco mágico', in: Edição 'Standard' Brasileira, vol.19, pp. 285-290.

—————. Josef Breuer, in: Edição 'Standard' Brasileira, vol. 19, pp. 349-350.

—————. Um estudo autobiográfico, in: Edição 'Standard' Brasileira, vol. 20, pp. 17-92.

—————. Psicanálise, in: Edição 'Standard' Brasileira, vol. 20, pp. 301-309.

—————. Esboço de psicanálise, in: Edição 'Standard' Brasileira, vol. 23, pp. 169-237.

FREUD, Sigmund e BREUER, Joseph. Estudos sobre a Histeria, Edição 'Standard' Brasileira, vol. 2.

FURST, Sidney S. El trauma psíquico: un estudio, in: FURST, Sidney S. et alii. El Trauma Psíquico, Buenos Aires, Ed. Troquel, 1971.

GARCIA-ROZA, Luiz A. Freud e o Inconsciente, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1984.

GLÉNISSON, Jean. Iniciação aos Estudos Históricos, São Paulo, DIFEL, 1969.

GREEN, André. De l'"Esquisse" a l'"Interpretation des Rêves": coupure et clôtura, Nouvelle Revue de Psychanalyse, nº5, printemps 1972, pp. 155-180.

HEGEL, G.W.F. La Phénoménologie de l'Esprit, Paris, Aubier-Montaigne, 1941.

- HEIDBREDER, Edna. Psicologias do Século XX, São Paulo, Ed. Mestre Jou, 1981.
- HEILBRONER, Robert L. O Futuro como História, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1963.
- HOOK, Sidney. O Herói na História, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1962.
- HUIZINGA, Johan. O Declínio da Idade Média, São Paulo, Ed. Verbo/EDUSP, 1978.
- JACOB, François. A Lógica da Vida, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1983.
- JACOB, François et alii. Lógica de lo Vivente e Historia de la Biología, Barcelona, Ed. Anagrama, 1975.
- JONES, Ernest. Vida y Obra de Sigmund Freud, 3 vol., Buenos Aires, Ed. Nova, 1959.
- KOYRÉ, Alexandre. Estudos de História do Pensamento Científico, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1982.
- KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1975.
- LALANDE, André. Vocabulaire de la Philosophie, Paris, Lib. Félix Alcan, 1926.
- LAPLANCHE, Jean: l'Inconsciente et le Ça, Paris, P.U.F., 1981.

LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, J.B. Vocabulário da Psicanálise, Lisboa, Moraes Ed., 1976.

LAPLANCHE, Jean e LECLAIRE, Serge. O inconsciente: um estudo psicanalítico, in: EY, Henri (org.) O Inconsciente, Ed. Tempo Brasileiro, 1980.

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs.) História: novos objetos, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Ed., 1976.

_____. (orgs.) História: novas abordagens, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1976.

_____. (orgs.) História: novos problemas, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Ed., 1979.

LE GOFF, Jacques et alii. A Nova História, Lisboa, Edições 70, 1983.

LEVIN, Kenneth. Freud: a primeira psicologia das neuroses, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1980.

MACHADO, Roberto. Ciência e Saber, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1982.

MANNONI, Octave. Freud, Ed. du Seuil, 1968.

MARGETTS, E. L. The concept of the unconscious in the history of medical psychology, The Psychiatric Quarterly, vol.27, nº 1, 1953, pp. 115-138.

MARROU, Henri-Irênée. Sobre o Conhecimento Histórico, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1978.

MARX, Melvin e HILLIX, William. Sistemas e Teorias em Psicologia, São Paulo, Ed., Cultrix, 1974.

MEZAN, Renato. Freud: a trama dos conceitos, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1982.

MILLER, James G. Unconsciousness, New York, John Wiley & Sons Inc., 1942.

MILLER, Julian A. et alii. Some aspects of Charcot's influence on Freud, Journal of the American Psychoanalytic Association, vol, 17, nº 2, 1969, pp. 608-623.

MORA, Jose F. Diccionario de la Filosofia, 4 vol., Barcelona, Alianza Ed., 1981.

MURPHY, Gardner. Introducción Histórica a la Psicología Contemporánea, Buenos Aires, Ed., Paidós, 1964.

NIETZSCHE, Friedrich. Considerações Intempestivas, Lisboa Ed. Presença, 1976.

———. Así Habló Zaratustra, Madrid, Alianza Ed., 1981.

NASSIF, Jacques. Freud. l'Inconscient, Paris, Ed. Galilée, 1977.

O'NEIL, W. M. The Beginnings of Modern Psychology, London, Penguin Books, 1969.

PÉCHEUX, Michel e FICHANT, Michel. Sobre a História das Ciências, Lisboa, Ed. Estampa, 1971.

PONTALIS, J. B. Le séjour de Freud a Paris, Nouvelle Revue de Psychanalyse, nº 8, automne 1973, pp. 235-240.

RAMZY, Ishak. De Aristóteles a Freud: notas sobre las raíces del psicoanálisis, in: SARANSON, Irwin G. (org.) Ciência y Teoría en Psicoanálisis, Buenos Aires, Amorrortu Ed., 1972.

RIESE, Walther. The pre-freudian origins of psychoanalysis, in: MASSERMAN, Jules H. (ed.) Science and Psychoanalysis, New York, Grune and Stratton, 1958, vol. 1, pp. 29-72.

ROAZEN, Paul. Freud e seus Discípulos, São Paulo, Ed. Cultrix, 1978.

ROBERT, Marthe. A Revolução Psicanalítica, Lisboa, Moraes Ed., 1968.

———. Evolución histórica del psicoanálisis, in: BELAVAL, Yvon (org.) La Filosofía en el Siglo XX, Madrid, Siglo Veintiuno Ed., 1981.

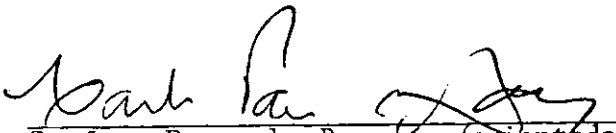
ROBINSON, Daniel N. Sistemas Psicológicos do Nosso Tempo, Rio de Janeiro, Zahar Ed. 1982.

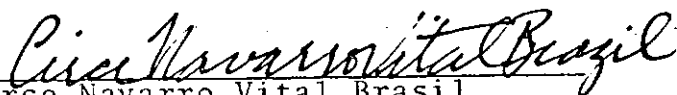
ROSEN, George. Da Polícia Médica à Medicina Social, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1980.

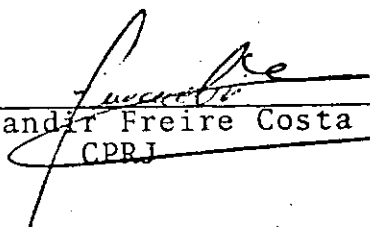
- ROSENFELD, Anatol. O Pensamento Psicológico, São Paulo, Ed. Prespectiva, 1984.
- RUDOLFER, Noemi da S. Introdução à Psicologia Educacional, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1965.
- SANDLER, Joseph. Psicanálise: perspectiva introdutória, - in: JOFFE, Walter G. (org.) O Que é a Psicanálise, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1972.
- SAURI, Jorge J. (org.) Las Histerias, Buenos Aires, Ed. Nueva Visión, 1975.
- SHAKOW, David e RAPAPORT, David. The Influence of Freud on American Psychology, New York, International Universities Press, 1964.
- SCHAFF, Adam. História e Verdade, São Paulo, Livraria Martins Fontes Ed., 1983.
- SCHULTZ, Duane, História da Psicologia Moderna, São Paulo, Ed. Cultrix, 1981.
- SCHUR, Max. Freud: vida e agonia, 3 vol., Rio de Janeiro, Imago Ed., 1981.
- SERRES, Michel. La Traduction, Paris, Les Éditions de Minuit, 1974.

- . As ciências, in: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs.) História: novas abordagens, Rio de Janeiro, Livraria Alves Ed., 1976.
- STAROBINSKI, Jean. História da Medicina, Lisboa, Livraria Moraes Ed., 1967.
- SULLOWAY, Frank, J. Freud, biologiste de l'esprit, Paris, Lib. Arthème Fayard, 1981.
- SYDENHAM, Thomas. La afección histérica, in: SAURI, Jorge J. (org.) op. cit.
- VEYNE, Paul. O Inventário das Diferenças, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983.
- . Como se escreve a História, Lisboa, Edições 70, 1983.
- WERTHEIMER, Michael. Pequena História da Psicologia, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1972.
- WOLHEIM, Richard. Freud, Glasgow, Fontana/Collins, 1977.
- WOLMAN, Benjamin B. Teorías y Sistemas Contemporáneos en Psicología, Barcelona, Ed. Grijalbo, 1965.
- WHYTE, Lancelot L. The Unconscious before Freud, London, Tavistock Publications, 1962.
- ZILBOORG, Gregory, Sigmund Freud, su exploración de la mente humana, Buenos Aires, Ed. Siglo Veinte, 1974.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ,
fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

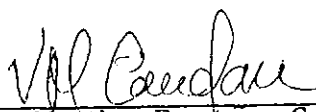

Carlos Paes de Barros (orientador)
PUC/RJ


Circe Navarro Vital Brasil
PUC/RJ


Jurandir Freire Costa
CPRJ

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1985.


Vera Maria Ferrão Candau
Coordenadora dos programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas